

**VILAR  
FORMOSO  
FRONTEIRA  
DA PAZ**

# VILAR FORMOSO FRONTEIRA DA PAZ

MARGARIDA DE MAGALHÃES RAMALHO



VILAR FORMOSO  
FRONTEIRA DA PAZ

FICHA TÉCNICA

VILAR FORMOSO — FRONTEIRA DA PAZ

Livro publicado no âmbito do Projecto do Pólo Museológico

PROMOÇÃO E EDIÇÃO

Município de Almeida

Praça da Liberdade

6350-130 Almeida

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJECTO E EDITORIAL

Luísa Pacheco Marques, Architecta — Sociedade Unipessoal, Lda.

com a participação de:

Luísa Pacheco Marques (coordenação geral)

e dos seguintes colaboradores:

Milena Raposo, João Gomes, Sérgio Martins e Catarina Pereira (secretariado)

INVESTIGAÇÃO E TEXTOS

Margarida de Magalhães Ramalho

DESIGN

Filipa Pias

CAPA - Fotografia da Gare de Vilar Formoso vista de dentro do Comboio do Luxemburgo

Colecção Particular Henry Galler

PAGINAÇÃO, TRATAMENTO DE IMAGEM E IMPRESSÃO

Claim Ideas – Produções de Comunicação, Lda.

REVISÃO DE TEXTO E ÍNDICE REMISSIVO

António José Massano

TRADUÇÃO PARA INGLÊS

Stewart Lloyd-Jones, CPHRC Editorial Services

REVISÃO DA TRADUÇÃO (INGLÊS- EUA)

Della Peretti

TIRAGEM 1500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 450084/18

ISBN 978-989-8705-02-0

1.ª EDIÇÃO Fevereiro 2014

2.ª EDIÇÃO Dezembro 2018

Reservados todos os direitos segundo a legislação em vigor

ÍNDICE

Agradecimentos	07
Prefácio	09
Introdução	13
1. Gente como nós	17
2. O início do pesadelo	21
3. A viagem	65
4. Vilar Formoso — Fronteira da Paz	85
O comboio maldito	97
A mesma história, quatro testemunhos	105
Lista dos judeus luxemburgueses impedidos de entrar em Portugal em Novembro de 1940	117
5. Por terras de Portugal	121
Porto	131
Figueira da Foz e Coimbra	135
Curia, Luso e Buçaco	147
Caldas da Rainha	149
Lousa de Cima	155
Estoril, Sintra e Cascais	163
Ericeira	174
Lisboa	181
6. A partida	189
Fontes	196
Bibliografia	197
Índice remissivo	199
Créditos fotográficos	207

## NOTA À 2ª EDIÇÃO

Como se refere na Introdução da 1ª edição, este livro foi terminado em 2014 ou seja, três anos antes do Memorial Vilar Formoso, Fronteira da Paz ter sido inaugurado - 26 de Agosto de 2017. Uma iniciativa que ficou a dever-se ao então Presidente da Câmara de Almeida, António Baptista Ribeiro, que esteve à frente deste município entre 2005 a 2017.

Nesses últimos três anos, a investigação prosseguiu e muitas foram as histórias e documentação inédita que chegaram à nossa mão, contudo por razões técnicas e financeiras ainda não foi possível fazer-se um novo livro onde se apresente toda a informação contida no memorial.

É por essa razão que nesta edição não encontrará, o leitor, nada relativo ao núcleo de refugiados dos Países Baixos na Praia das Maças ou ao papel desempenhado pelo administrador do Palácio de Monserrate, então uma residência particular, no acolhimento de muitas personalidades em trânsito por Lisboa. Também aqui está omissa o papel desempenhado pela Comunidade Israelita do Porto e pela Feitoria Inglesa, bem como inúmeras histórias pessoais como, por exemplo as das famílias Cassuto, Rosenthal, Krakowiak, Rubin e Lieblisch, entre outras.

Esperemos, em breve, poder oferecer um volume mais completo.

## AGRADECIMENTOS

A autora agradece a preciosa colaboração de Isabel Magalhães nas pesquisas realizadas em Almeida, bem como informações fornecidas por João Líbano Monteiro, João Schwartz da Silva, Jorge Patrão, Manuel Godinho, Miriam Assor, Paul Dosdert, Paul Schmit e Robert Wolf, e o valioso testemunho de Adriano Vasco Rodrigues. Agradece também as fotografias e/ou a documentação cedidas por Alexandre de Almeida, António Pedro de Moncada de Sousa Mendes, Carlos Guerreiro, Della Peretti, Ellen Rony, Eva Cabral, Eva Maria Micaela Fortunato, Filipe George Johnson Conceição Silva, Gonçalo Amado, Helena Simões Gil, Henry Galler, Jane Friedmann, João Francisco Vilhena, José Manuel Trigueiro, Maria Judite Morais, Maria Teresa Caré Martinho Bernardes, Moisés Fernandes, Peter Rony, Primrose Reynolds, Rachel Wolf, Raquel Andrade e Rosalinda Campos.

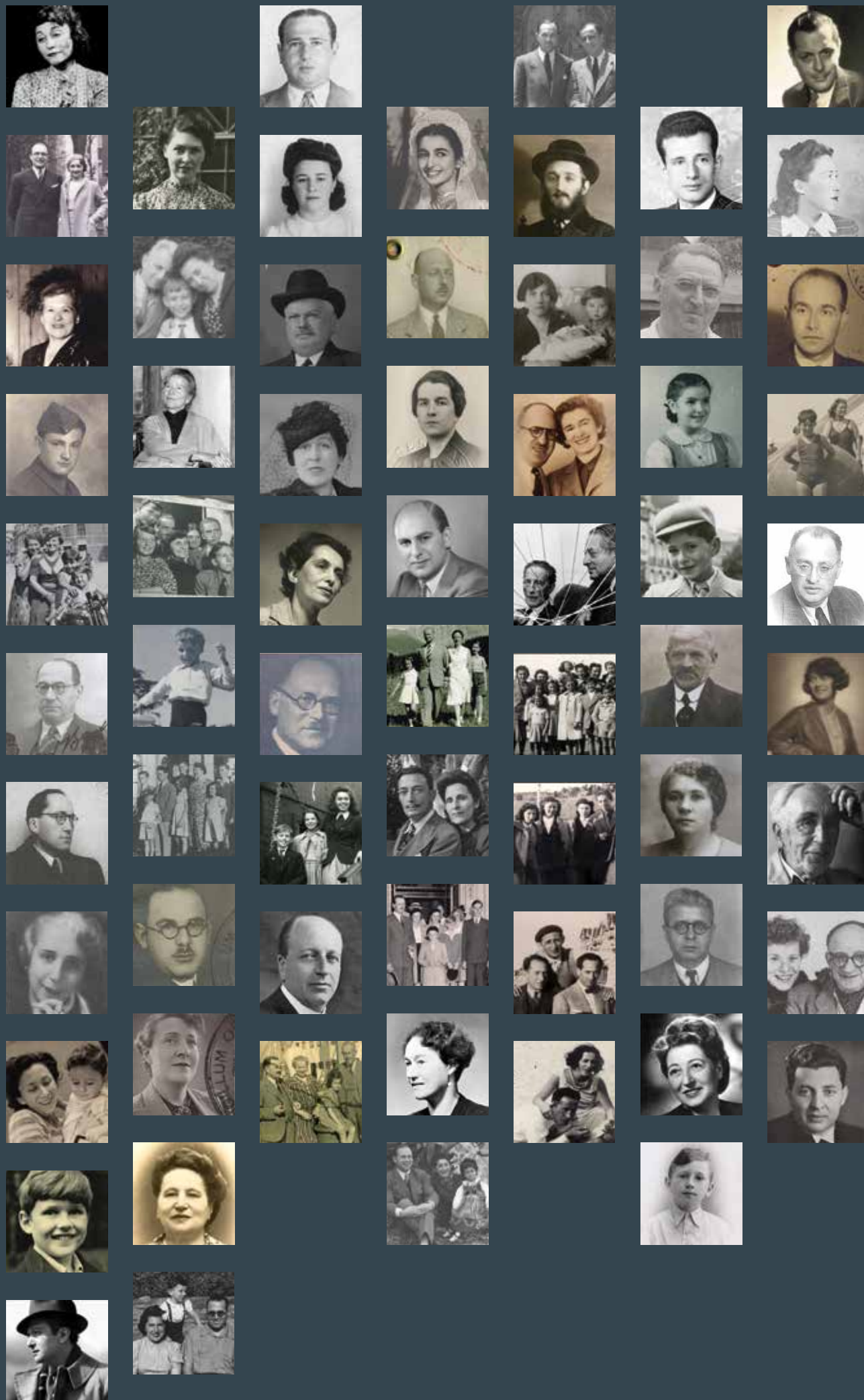
Agradece ainda a Ana Barata, Anna Katharina Stillisch, António Pedro Ferreira, Fernando Costa, Giorgio Bordino, João Carlos Oliveira, João Miguel Henriques, João Pedro Gil, Margarida Cunha Belém e Aristides de Sousa Mendes.

Por último, agradece a colaboração das seguintes instituições nacionais:

Arquivo Histórico da Câmara Municipal da Anadia; Arquivo Histórico da Câmara Municipal da Figueira da Foz; Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais; Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mealhada; Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Arquivo Histórico Municipal de Mafra ; Arquivo Hotéis Alexandre de Almeida; Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira; Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha; Foto César; Fundação Aristides de Sousa Mendes; Fundação Calouste Gulbenkian; Hemeroteca Municipal de Lisboa; Imagoteca Municipal de Coimbra; Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes.

E das seguintes instituições estrangeiras: Archives Municipales de Bordeaux; Bundesarchiv; Comité Nacional Francês de Homenagem a Aristides de Sousa Mendes; Mémorial de la Shoah; Municipal Archive of Dortmund; Sousa Mendes Foundation; USC Shoah Foundation, The Institute for Visual History and Education; United States Holocaust Memorial Museum; e Yad Vashem.





# Prefácio

ANTÓNIO BAPTISTA RIBEIRO

Vilar Formoso, principal fronteira terrestre do país, situa-se na encruzilhada de importantes vias de comunicação que nos ligam à Europa e constituem no seu conjunto, com a linha de caminho-de-ferro da Beira Alta, a porta principal de entrada e saída em Portugal.

Foi certamente por estas circunstâncias geográficas que muitos povos, nas suas migrações e êxodos voluntários ou forçados, por aqui passaram e muitos deles se sediaram nas antigas vilas de Almeida, Castelo Bom e Castelo Mendo, mas também noutras localidades, como Vilar Formoso e Malhada Sorda.

Assim aconteceu no séc. XV, quando os Reis Católicos de Leão e Castela, fruto do seu fanatismo religioso, expulsaram os muçulmanos e os judeus não-convertidos ao cristianismo que, face à tolerância do rei D. João II, encontraram refúgio em Portugal.

Segundo o P.<sup>e</sup> André Bernaldez, citado por Adriano Vasco Rodrigues, terão entrado em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso, vindos essencialmente de Ciudad Rodrigo, cerca de 30 mil refugiados judeus. Muitos deles ficaram em Vilar Formoso, onde encontramos, ainda hoje, fortes vestígios dessa ocupação na Rua da Moureirinha.

Também noutro período da nossa história mais recente, a fronteira de Vilar Formoso voltou a receber refugiados, muitos deles judeus fugidos da perseguição nazi e que, com vistos do cônsul de Portugal em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, entraram em Portugal para aqui se fixarem ou enveredarem por outros destinos, nomeadamente o Brasil.

Vilar Formoso foi protagonista e palco principal de muitos acontecimentos do passado e da história mais recente, onde perduram vestígios que correm o risco de se perderem ou apagarem no tempo, se não forem tratados ou investigados.

Preencher o vazio existente, é o objectivo principal que impera e justifica este trabalho agora realizado por Margarida de Magalhães Ramalho.

Desde há muito que esta historiadora se dedica ao estudo de questões relacionadas com a passagem de refugiados por Portugal durante a II Guerra Mundial, tendo, igualmente, participado na investigação científica do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes, do qual a Arq.<sup>a</sup> Luísa Pacheco Marques foi autora e coordenadora.

Para a concretização deste livro, Margarida de Magalhães Ramalho fez uma pesquisa aprofundada em inúmeros arquivos nacionais e, sobretudo, estrangeiros, nomeadamente: Archives Municipales de Bordeaux; Sousa Mendes Foundation; USC Shoah Foundation, The Institute For Visual History and Education; United States Holocaust Memorial Museum; e Yad Vashem.

O seu trabalho de investigação veio de encontro àquilo que traçamos como uma das nossas metas, dando sequência ao estudo de contextos

PRESIDENTE DA CÂMARA  
MUNICIPAL DE ALMEIDA  
(2005 - 2017)

Foto da página anterior  
**Imagens de algumas pessoas  
salvas por Aristides de Sousa  
Mendes.**



históricos por vezes perdidos no tempo e nem sempre conhecidos com clareza, que constituem fortes obstáculos à nossa vontade de chegarmos a uma efectivação dos objectivos e desejos que pretendemos alcançar.

Ultimamente, configuram-se vários factores que têm dado consistência a este nosso objectivo de considerar o património cultural e arquitectónico de uma importância fulcral e como um sector fundamental para o desenvolvimento que consideramos um dos eixos estratégicos prioritários – o Turismo.

Digamos que esta discussão e este estudo sobre a nossa identidade e memória colectiva se iniciaram e ganharam expressão, há que registar, quando um grupo de alunos e professores da Escola EB 2,3 de Vilar Formoso apresentou um trabalho e uma exposição sobre a linha da Beira Alta e os refugiados que, para escaparem à perseguição nazi, passaram pela fronteira de Vilar Formoso.

Era, então, presidente da Região de Turismo da Serra da Estrela o Dr. Jorge Patrão, que me incentivou a desenvolver o projecto que há muito tínhamos idealizado de criar um pólo museológico em Vilar Formoso, ligado a esta temática e, naturalmente, à importância que Portugal, mas também Vilar Formoso e as suas gentes, tiveram na recepção e apoio aos perseguidos.

Também o Prof. Adriano Vasco Rodrigues, que testemunhou muitos dos factos aqui passados e tem relatos, alguns deles dramáticos, de tudo o que vivenciou, nos incentivou a levar por diante este projecto.

Foi então que, sabedor do trabalho já desenvolvido pela arquitecta Luísa Pacheco Marques e pela historiadora Margarida de Magalhães Ramalho, as convidei a desenvolverem um trabalho que pudesse atestar o papel de Vilar Formoso naquilo que foi o acolhimento a esses refugiados.

O estudo desenvolvido por Margarida de Magalhães Ramalho acabou por trazer algumas novidades, não só em documentação inédita, como na recolha de testemunhos de dois participantes de uma trágica odisséia que teve como pano de fundo Vilar Formoso. Trata-se de Mme Rachel Wolf, recebida por mim em nome da autarquia de Almeida, em Agosto de 2013, e de Mr. Henry Galler, dois dos cerca de 300 passageiros do comboio de refugiados luxemburgueses que, por não terem sido autorizados a entrar em Portugal, acabaram, ao fim de alguns dias nesta localidade, por ser reenviados para França.

Também a 26 de Junho de 2013, Vilar Formoso recebeu a visita de um grupo estrangeiro de cerca de cinquenta pessoas, *“On the Road to Freedom”*, que vinha com o intuito de homenagear a acção do cônsul português Aristides de Sousa Mendes, já que parte do grupo era constituída por beneficiários desses vistos, e a outra parte eram descendentes de pessoas salvas pelo cônsul português. Integravam, então, a comitiva o presidente da Sousa Mendes Foundation, a Prof.<sup>a</sup> Olivia Mattis, e o representante português do Comité Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, Prof. Manuel Dias.

O projecto para *Vilar Formoso – Fronteira da Paz*, um memorial aos refugiados e um pólo museológico têm vindo, graças aos apoios e incentivos conseguidos, a ganhar expressão, e esperamos que venha a ser apadrinhado tanto pelo Governo como pelas Secretarias de Estado do Turismo e da Cultura.

Pela nossa parte, temos, de forma empenhada, percorrido o caminho necessário.



Fila de carros na fronteira de Vilar Formoso no final de Junho de 1940.

# Introdução

Assinado a 28 de Junho de 1919, o Tratado de Versalhes corporizava o fim do sonho do II Reich.

Derrotada no final da I Guerra Mundial, a Alemanha via-se coagida a assumir as culpas do deflagrar do conflito e a arcar com as terríveis condições impostas pelos Aliados.

Nesse contexto, ver-se-á obrigada a pagar, pelos prejuízos causados aos outros países, 269 biliões de marcos. Mais: é obrigada a devolver à França, à Prússia Ocidental, à Polónia e à Dinamarca os territórios conquistados e a reconhecer a independência da Áustria. Também as cidades alemãs de Malmedy e Eupen ficam sob a tutela da Bélgica, e a zona industrial do Sarre ficará, por 15 anos, sob o controle da recém-criada Liga das Nações.

À Alemanha, será ainda vetada a Luftwaffe (aeronáutica militar), o seu Exército não poderá ultrapassar os cem mil efectivos, nem a Marinha os quinze mil. É-lhe também interdito o fabrico de tanques e armamento pesado.

Com uma economia devastada pela guerra, a indemnização agora imposta vai lançar a maior parte do povo alemão na mais negra das misérias. Esta situação já de si explosiva, aliada a todas as outras humilhações que vai sofrer, acaba por se tornar num terreno fértil para adubar um sentimento de revolta e uma enorme sede de vingança.

Será neste contexto que, ainda na década de 1920, surgirá Adolf Hitler, antigo cabo que combatera na I Grande Guerra. Com uma capacidade oratória fora do normal e um discurso marcado por chavões nacionalistas e um anti-semitismo feroz, Hitler vai começar a chamar as atenções sobre si. Após uma breve passagem pela prisão – por ter sido um dos implicados no golpe falhado que ficou conhecido por *Putsch* de Munique, em 1923 –, Hitler publica, em 1925, *Mein Kampf*, escrito enquanto estivera detido.

Apesar de muita gente não o levar muito a sério, sectores do povo alemão começam a olhar para este homem como um salvador, nomeadamente os cinco milhões de desempregados resultantes do programa de controlo da inflação de meados da década de 20. Em 1933, após ganhar as eleições legislativas com uma maioria relativa, as milícias nazis dominam a rua e multiplicam-se os choques com grupos armados comunistas. Por pressão de grandes industriais alemães, o presidente Paul von Hindenburg convida, apesar de contrariado, Adolf Hitler para chanceler da Alemanha, convencido de que o contacto com o poder moderaria os seus excessos autoritários.

Não foi assim e depressa os nazis começaram a infiltrar a máquina estatal e a ganhar um poder sem correspondência com a sua força no Parlamento. Era o caminho da ditadura hitleriana e, sem que o mundo ainda tivesse perfeita consciência disso, começava um dos períodos mais negros da História da Humanidade.



Seis anos depois, a Alemanha, que conseguira, sem reacção das democracias ocidentais, anexar a Áustria e a Checoslováquia, invadia a Polónia e acendia o rastilho de uma guerra que, rapidamente, se iria espalhar, primeiro, à Europa e, pouco depois, a quase todo o mundo.

Com medo da guerra ou das atrocidades do regime nazi, milhares de pessoas vão tentar fugir da Europa. A neutralidade e a posição geográfica tornam Portugal na principal rota de fuga. A acção de Aristides de Sousa Mendes, cônsul português em Bordéus, em Junho de 1940, vai potenciar essa tendência. Nas últimas semanas de Junho, milhares de pessoas vão chegar, por isso, às fronteiras portuguesas, especialmente a Vilar Formoso, principal porta de entrada do país para quem vinha da Europa.

Em 2012, a Câmara Municipal de Almeida iniciou o processo para a materialização de *Vilar Formoso – Fronteira da Paz*, um pólo museológico dedicado a esse importante período da história nacional e mundial.

De forma a relembrar-se a epopeia de muitos dos que passaram por Portugal, entre 1939 e 1945, optou-se por apresentar, em pé de página, o maior número de nomes de refugiados que conseguimos encontrar. Como é natural, a maior parte deles consta do livro do Consulado de Bordéus e pertence, por isso, a gente que beneficiou de vistos concedidos por Aristides de Sousa Mendes. Aos cerca de dois mil registos consulares, acrescentámos mais nomes que fomos encontrando no decorrer da nossa pesquisa.

Por último, cabe-nos referir que, ao longo deste livro, serão citados testemunhos de muitas pessoas. A grande maioria pertence a refugiados que passaram por Portugal. Contudo, utilizamos também testemunhos de dois sobreviventes de Auschwitz.

Entre os que chegaram a Portugal, alguns são autores conceituados que escreveram, mais tarde, sobre este período das suas vidas. É o caso, entre outros, de Arthur Koestler, Alfred Döblin, Heinrich Mann, Antoine de Saint-Exupéry e Erika Mann. No entanto, também encontramos livros de pessoas que, não sendo escritores, no sentido geral do termo, decidiram escrever as suas memórias, onde relatam as suas experiências de fuga. Foi o que aconteceu com o documentarista russo George Rony no seu livro *This, Too, Shall Pass Away*.

Para além destes testemunhos, usamos, ainda, outros: uns cedidos pelo Yad Vashem, outros pela Sousa Mendes Foundation e pelo USC Shoah Foundation Institute for Visual History and Education. Os relatos de Anny Coury, Joe Dresner e Esther Halpern foram recolhidos, em 2003, no âmbito de um outro projecto de investigação.

Que a experiência de quem viveu situações tão dramáticas nos ensine a escolher bem os nossos caminhos.



Refugiados na fronteira de Vilar Formoso. Junho de 1940.









# GENTE COMO NÓS

Associados tradicionalmente à Banca e à Alta Finança – apesar de a maior parte deles não o estarem –, os judeus alemães vão estar na mira de muitos dos descontentes com a crise atravessada pelo seu país.

Apesar disso, e até 1933, os judeus viverão na Alemanha como quaisquer outros cidadãos.

Eram donos das suas casas, podiam ter lojas, fábricas ou negócios e podiam exercer qualquer profissão ou ofício. Embora não fosse usual, nada os impedia de ter amigos, relações amorosas ou casar com não-judeus. As crianças judias, como quaisquer outras, podiam ter as suas *fräuleines*, professores particulares, e frequentar escolas públicas ou privadas.

Até 1933, a ninguém, no seu juízo perfeito, passaria pela cabeça que os judeus fossem considerados sub-humanos e que não pudessem ter acesso aos teatros, cinemas, museus, parques, transportes públicos, jardins, etc. Mas o impensável aconteceu. A subida ao poder de Adolf Hitler, a 20 de Janeiro de 1933, com o seu anti-semitismo feroz, veio demonstrar que a demência colectiva podia ser uma terrível realidade. E a vida normal dessa gente normal iria, a partir dessa altura, transformar-se num verdadeiro pesadelo, não só na Alemanha, como também, a partir de 1940, em quase toda a Europa onde as tropas nazis acabaram por chegar.

Foto do separador  
**Encontro de famílias judias antes da guerra.**  
Foto da página anterior  
**Egon Raimann e sua mulher Grete passeando nos bosques de Viena. Cerca de 1937.**



Margaretha (Grete) Schlensinger em Viena. Anterior a 1935.



Eva Raimann (Cabral) em Viena. 1939.



Deutsche, verteidigt Euch  
gegen die jüdische  
Greuelpropaganda,  
kauft  
nur bei Deutschen!

Germans defend  
yourselves against jewish  
atrocities propaganda  
buy only at German shops!



Deutsche!





# O INÍCIO DO PESADELO

## 1933 - 1940

Entre 1933 e 1939, Adolf Hitler e as massas que o vitoriavam acreditavam em vários pressupostos: eram melhores que o resto do mundo, iriam ser capazes de criar uma super-raça, iriam banir os judeus da Europa e iriam vingar a humilhação sofrida pela Alemanha, em 1919, com o Tratado de Versalhes. Se não conseguissem conquistar o mundo, pelo menos achavam-se aptos para conquistar quase toda a Europa.

Apesar de alcançadas temporariamente algumas destas metas, nenhuma delas seria mantida de forma duradoura. Mas, no final de 1940, o cenário da hegemonia nazi parecia que tinha vindo para ficar.

O saldo desta demência generalizada, que se traduziu em terror, morte e destruição em massa, foi terrível.

A consciência do que aconteceu nos campos de extermínio assombrará, ainda, por muitas gerações, a alma humana. Neste capítulo, passaremos em revista, em forma de uma cronologia comentada, o período entre 1933, marcado com a chegada de Hitler ao poder, e o ano de 1940, altura em que a invasão da Europa atira para Portugal milhares de refugiados.

Foto do separador  
**Membro das SA à porta de um estabelecimento judeu para garantir o boicote decretado em 1 de Abril de 1933.**  
Foto da página anterior  
**Hitler e Hindenburg. Postal. 1933.**



Um escritor e um decorador que, por serem homossexuais, foram enviados para um campo de concentração.



20 de Março de 1933 — Primeiro campo de concentração para os opositores políticos em Dachau.



Foto da página seguinte  
Cartaz do filme *Metropolis* reali-  
zado, em 1927, por Fritz Lang.



Marinus van der Lubbe e outro  
implicado no incêndio  
do Reichstag. 1933.



Panfletos anti-semitas.



O realizador austríaco Fritz Lang,  
que se recusou a trabalhar para  
o regime nazi e, por isso, teve  
de abandonar o seu país.

# 1933

## 30 de Janeiro

Apesar de reticente, o presidente Paul von Hindenburg, pressio-  
nado por proeminentes empresários alemães, convida Adolf Hitler para  
formar governo.

*“Aquilo que tínhamos aconteceu a 30 de Janeiro de 1933. Persuadido por  
Von Papen e os seus diabólicos associados de que Hitler era o único homem capaz  
de salvar a Nação de uma revolução comunista, o presidente Hindenburg colocou  
a Chancelaria nas mãos do chefe do Partido Nacional-Socialista. Essa foi uma noite  
que nunca esquecerei. (...) De todos os lados da rua, víamos chegar da nossa varan-  
da filas compactas de camisas-castanhas com tochas a arder, bandas tocando música  
marcial e bandeiras tremulando. Ombro contra ombro, formavam às esquinas,  
parando ao som de comando, movendo-se ao ritmo de passo de ganso. Isto não eram  
já os bandos de camisas-castanhas a que estávamos habituados, isto era um exército  
treinado e disciplinado!*

Deutschland erwache! *Acorda, Alemanha!*

*Os milhares de homens que marchavam responderam a este grito, no que  
foram acompanhados por centenas de milhares de vozes, pertencentes aos que se aco-  
tovelavam nos passeios ao longo das ruas... A Alemanha tinha de facto acordado.”<sup>1</sup>*

## 27 de Fevereiro

Um “providencial” incêndio no Reichstag (Parlamento), atribuído  
aos comunistas, mas, ao que tudo indica, ateadado por agentes nazis, é o pretexto  
para a prisão de centenas de comunistas e o desmantelamento deste partido,  
estendido aos sociais-democratas, sindicalistas e outras forças da oposição.

*“A 27 de Fevereiro, chegou o sinal. Um incêndio deflagrou no Reichstag.  
Não pensei muito nisso até encontrar, por acaso, o meu amigo Karl na rua. Ele esta-  
va num estado de excitação terrível:*

*«Ouviste o rumor que corre por Berlim de que foram os próprios nazis a incen-  
diar o Reichstag?», perguntou-me ele. «Dizem que usaram a passagem secreta subter-  
rânea ligada à casa de Hermann Göring». (...) De repente, decidi que ia filmar o fogo  
para memória futura dos acontecimentos deste dia.*

*Foi um espectáculo impressionante.*

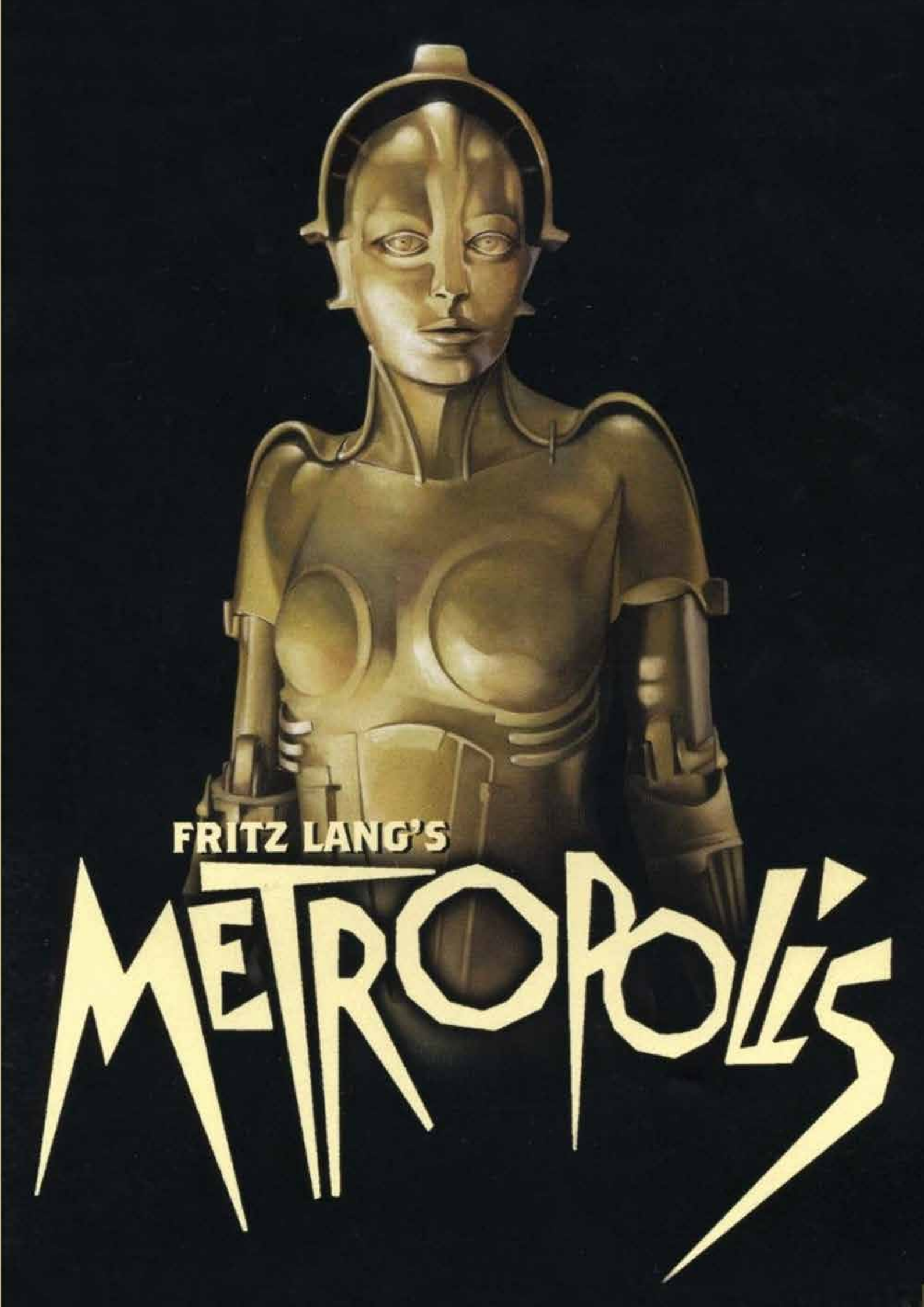
*Enquanto filmava este acontecimento, pensei que o fogo tinha de ter sido  
cuidadosamente preparado e executado. Aquele edifício jamais poderia ter-se incen-  
diado daquela forma rápida a partir de um cigarro ou de um curto-circuito.*

*No dia seguinte, a suspeita tornou-se uma certeza quando soubemos que,  
logo na noite do fogo, tinham sido presos muitos liberais e radicais e que centenas  
de comunistas estavam já atrás das grades.”<sup>2</sup>*

## 28 de Fevereiro

Perante o clima de terror que se prefigurava no horizonte, Bertolt  
Brecht e Heinrich Mann, entre outros intelectuais, abandonam a Alemanha  
e partem para o exílio.

1. George Rony, *This, Too, Shall Pass Away*, New York, Creative Age Press, Inc., 1945, p. 144.  
2. George Rony, *ob. cit.*, p. 149.







Placa proibindo a presença de judeus.

20 de Março

O comissário nazi da Polícia de Munique, Heinrich Himmler, cria, numa antiga fábrica de pólvora, perto de Dachau, o primeiro campo de concentração. Para lá serão encaminhados, primeiro, todos os comunistas; depois, qualquer opositor político do poder nazi.

29 de Março

O grande cineasta alemão Fritz Lang, que se popularizara com os filmes *Metropolis* e *O Diabólico Dr. Mabuse*, recusa-se a colaborar com Hitler (que queria que ele fosse o responsável pelo “cinema nacional-socialista”) e abandona a Alemanha. Esta responsabilidade acabará por ser atribuída à jovem e talentosa cineasta alemã Leni Riefenstahl.

É promulgada a “Lex van der Lubbe”, uma lei que prevê a pena de morte para os opositores ao regime nazi.

1 de Abril

Na Prússia, a região mais controlada pelos nazis, são tomadas medidas destinadas a afastar os judeus de cargos de responsabilidade. Inicia-se, também, o boicote sistemático aos seus estabelecimentos. Na sequência

destas e de outras iniciativas, que se vão agravar ao longo de todo o mês de Abril, mais artistas e intelectuais optam por sair da Alemanha.

2 de Maio

Desmantelamento dos sindicatos livres.

10 de Maio

Prosseguindo na sua tarefa de uniformização do pensamento alemão, o partido nazi promove, em muitas cidades, a queima, em praça pública, de livros considerados inimigos do novo regime. Entre os autores proibidos, contavam-se nomes como Thomas Mann, Alfred Döblin, Stefan Zweig, Sigmund Freud, Anatole France, Émile Zola, Voltaire, Albert Einstein, Erich Maria Remarque, Aldous Huxley, H.G. Wells, Karl Marx, Selma Lagerlöf, Pearl Buck, Máximo Gorky, John Dos Passos e, ainda, Lenine e Estaline, entre tantos outros.

*“Foi, então, que vi como tudo estava bem planeado. Centenas de toros cruzados tinham sido empilhados com prontidão para este evento. À distância, consegui ver os camisas-castanhas salpicando os toros com gasolina. Uma varridela dada pelas tochas, e as chamas elevaram-se no céu. Da multidão, saiu um som triunfante.*

*Era o hino triste das almas do inferno. Uma cadeia humana foi formada, por estudantes nos seus uniformes, para passar os livros que estavam nos camiões para a poderosa fogueira. Um a um, passando de mão em mão, os volumes iam sendo condenados.*

*À medida que chegavam às mãos dos estudantes que encabeçavam a fila, os nomes e os crimes dos seus autores eram gritados para a multidão: «Por degradarem a língua alemã e os mais altos ideais patrióticos e nacionais.»*

*Por falsificarem a História da Alemanha e «denegrir a memória dos grandes líderes alemães do passado», «por glorificarem o mundo plutocrático e democrático judeu».*”<sup>3</sup>

28 de Maio

São confiscados os bens do Partido Comunista alemão.

3 de Julho

É decretada a exclusão dos judeus da Função Pública.

14 de Julho

São ilegalizadas todas as outras formações políticas; o Partido Nacional-Socialista torna-se no único partido legal.

15 de Julho

Apesar do que se passa na Alemanha, o novo regime alemão é confirmado internacionalmente com a ratificação do Pacto dos Quatro, assinado pela Alemanha, França, Inglaterra e Itália.



Pormenor da queima de livros proscritos realizada em Berlim. 1933.

3. George Rony, *ob. cit.*, pp. 151-152.



26 de Julho

Com o intuito de purificar a raça alemã, é decretada a esterilização compulsiva de todos os portadores de doenças mentais ou neurológicas e de enfermidades físicas graves ou hereditárias.

Foto da página anterior  
**Primeira página do jornal do Partido Nazi, *Völkischer Beobachter*, de 14 de Julho de 1934.**

20 de Agosto

No salão da radiodifusão, é apresentado o “Rádio do Povo” para os lares alemães. O aparelho, com um preço relativamente baixo, era fabricado segundo normas impostas pelo Partido Nazi, nomeadamente só sintonizando as estações oficiais. No final do Salão, tinham sido vendidos 100 mil aparelhos. O “Rádio do Povo” será um elemento importante na difusão do pensamento e da propaganda nacional-socialistas.

14 de Outubro

A Alemanha abandona a Sociedade das Nações (organização criada, após a I Guerra Mundial, para manter a paz), depois de se recusar a participar, em Genebra, nas conferências sobre o desarmamento.

12 de Novembro

O Partido Nacional-Socialista consegue 92,1% nas eleições.



Adolf Hitler über den 30. Juni:

„Es soll jeder wissen, daß wenn er die Hand zum Schlage gegen den Staat erhebt, der sichere Tod sein Los ist“

Der Wortlaut der Führerrede vor dem Reichstag

Der Reichstagspräsident Paul Hindenburg hat am 30. Juni im Reichstag folgende Rede gehalten:

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

„Kriegsminister“

Am 30. Januar 1933 ist nicht zum soundsovielten Male eine neue Regierung gebildet worden, sondern ein neues Regiment hat ein altes und frantes Zeitalter beseitigt

Viele geschichtliche Mächte der Vergangenheit haben sich in meinem Leben um mein

„Kriegsminister“



# 1934

## 16 de Fevereiro

É proclamada a lei marcial na Áustria, depois de ter terminado num banho de sangue uma tentativa de levantamento dos sociais-democratas austríacos.

## 21 de Março

Hitler lança um programa de auto-estradas e de outras obras públicas para diminuir o desemprego.

## 14 de Junho

A Alemanha decide deixar de honrar os pagamentos das dívidas da I Guerra devidos aos outros países.

## 30 de Junho

Com as SA fora de controle<sup>4</sup>, Franz von Papen, conselheiro do presidente Hindenburg, persuade-o a retirar poder a esta milícia e ao seu dirigente máximo, Ernst Röhm, ou mesmo ao próprio chanceler Hitler. Este reage, decidindo sacrificar as SA. Depois de convocar o Estado-Maior das SA para a cidade bávara de Bad Wiesee, a 30 de Junho, Hitler manda-os prender.



Nazis assassinam o chanceler austríaco Engelbert Dollfuss. 1934.

4. As SA, abreviatura de Sturmabteilung, era uma organização paramilitar nazi que também ficou conhecida pelo nome de camisas-castanhas devido à cor das camisas das suas fardas. Os violentos métodos intimidatórios usados por esta milícia foram, em grande parte, responsáveis pela subida de Hitler ao poder.



Efeitos do vandalismo numa loja judia em Viena. Áustria, Novembro de 1938.

A Röhm, são entregues, na prisão, uma pistola carregada e um número especial do jornal nacional-socialista *Beobachter* onde se referia que o líder das SA era um traidor e planeava um golpe contra o Estado alemão. Como Ernst Röhm não se quis suicidar, foi executado, juntamente com outros dirigentes das SA. O massacre não se restringiu, no entanto, às SA.

Hitler aproveita para se livrar de outras fontes de incómodos, incluindo o ex-chanceler Kurt von Schleicher, que será assassinado com a mulher, e Herbert von Bose, chefe de gabinete de Von Papen. Este último será colocado em prisão domiciliária.

A *Noite das facas longas*, como ficou conhecido este episódio, saldouse na morte de cerca de 200 pessoas. A 14 de Julho, no jornal do Partido Nazi, o *Völkischer Beobachter*, o *Führer* afirmará: “*Que todos saibam que aquele que ousar levantar a mão contra o Estado morrerá.*”

## 9 de Julho

Himmler assume a direcção de todos os campos de concentração existentes na Alemanha.

## 25 de Julho

Um “putsch” levado a cabo por membros do Partido Nazi austríaco, ajudados pelos seus congéneres alemães, assassina o chanceler da Áustria, Engelbert Dollfuss.

## 2 de Agosto

Paul von Hindenburg, presidente da Alemanha, morre aos 86 anos. Adolf Hitler torna-se, então, no “*Führer* e presidente do Reich”. Era o poder absoluto.



Estreia de *Tarzan* com Johnny Weissmuller. 1934.

# 1935

## 13 de Janeiro

Depois de um referendo organizado no Sarre<sup>5</sup>, 90% dos eleitores desta região decidem a sua reintegração na Alemanha.

## 19 de Janeiro

Cinquenta mil belgas desfilam em Bruxelas contra o rearmamento e contra a queda do poder de compra.

## 6 de Fevereiro

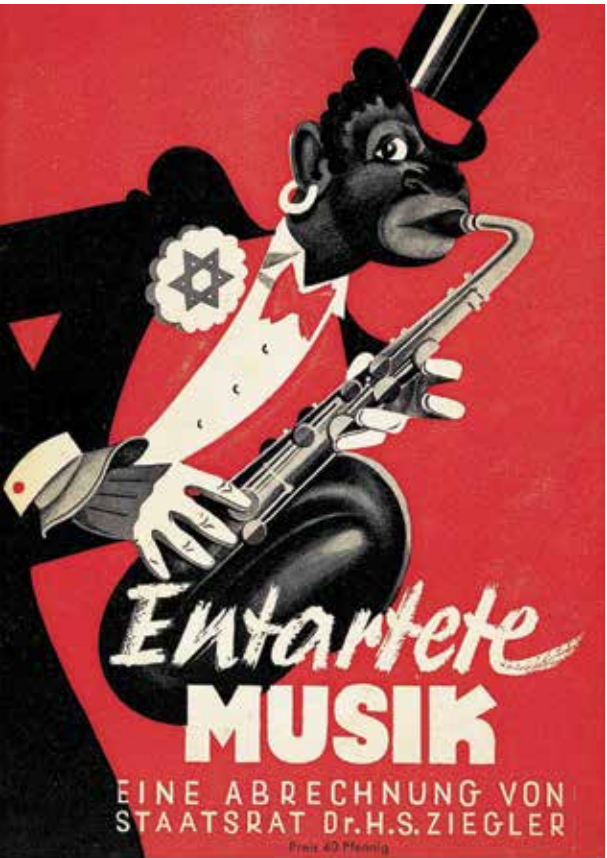
Em Moscovo, o VII Congresso dos soviets reconduz, pela quinta vez, José Estaline como secretário-geral do Comité Central.

## 16 de Março

Hitler decreta o serviço militar obrigatório, o que é uma ruptura unilateral do Tratado de Versalhes. O objectivo do *Führer* é ter, num curto espaço de tempo, 500 mil homens aptos para uma guerra.

## 22 de Março

Em Berlim, primeira emissão mundial de um programa de televisão.



Cartaz antimúsica negra. 1935.

5. O Sarre é uma região fronteiriça que, apesar de pertencer à Alemanha, fica, desde o final da I Guerra Mundial, como zona não-militarizada sob a tutela da Sociedade das Nações.

## 31 de Março

Nesta data, existem já sete campos de concentração: Dachau, Esterwege, Lichtenburg, Sachsenburg, Oranienburg, Columbia-Haus e Fuhlstüttel. Para além de opositores políticos, são aí internados portadores de deficiências físicas e mentais, homossexuais, testemunhas de Jeová, ciganos e judeus.

## 12 de Abril

É decretada a exclusão dos escritores não-arianos do Grémio Literário do Reich, sendo-lhes vedada qualquer actividade literária.

## 17 de Abril

A Sociedade das Nações condena vivamente o rearmamento alemão, considerando-o perigoso.

## 2 de Maio

A França e a URSS assinam um tratado de assistência mútua.

## 15 de Setembro

Novas leis raciais são aprovadas em Nuremberga. Entre outras coisas, decretam:

- Os judeus não são cidadãos alemães, são súbditos do Estado;
- Os judeus não podem casar ou ter relações sexuais com alemães;
- Os judeus são sub-humanos;
- Os judeus não podem votar;
- Os judeus não têm direito a pensões.

Em Nuremberga, a suástica torna-se também, oficialmente, a bandeira do III Reich.

## 14 de Setembro

O Reich prossegue a militarização da juventude e o rearmamento.

## 12 de Outubro

É interdita a difusão, na Alemanha, da “música negra” de jazz.

## 14 de Novembro

A entrada em vigor das leis de Nuremberga torna insuportável a vida das famílias judias.

## 21 de Dezembro

Os médicos judeus são obrigados a demitir-se dos hospitais.



Viagem inaugural do paquete Normandie em Maio de 1935.





Carl von Ossietzky, preso num campo de concentração alemão a quem foi atribuído, em 1936, o Prémio Nobel da Paz.

## 1936

### 26 de Fevereiro

É apresentado oficialmente o *Volkswagen*, ou carro do povo. Em 1933, Adolf Hitler tinha tomado conhecimento, no Salão do Automóvel de Berlim, da existência deste projecto que estava a ser desenvolvido, desde 1924, pelo engenheiro Josef Ganz. Vendo as potencialidades propagandísticas do projecto, Hitler vai assumir a ideia como sendo sua. Afasta Ganz e os seus colaboradores por serem judeus e entrega o desenvolvimento do projecto a Ferdinand Porsche. Apresentado em 1936, o *Volkswagen Carocha* será o modelo mais emblemático.

### 7 de Março

Ignorando todos os tratados internacionais assinados pela Alemanha, Hitler reocupa a Renânia<sup>6</sup>.

### 19 de Junho

Na Palestina, estalam graves confrontos com populações árabes devido ao afluxo crescente de refugiados judeus à região.

### 28 de Junho

A Itália, governada pelo ditador fascista Benito Mussolini desde 1922, conquista a Etiópia, e o imperador Hailé Sélassié refugia-se em Londres.

### 18 de Julho

O assassinio do chefe do Partido Monárquico espanhol José Calvo Sotelo é o rastilho para um pronunciamento militar de extrema-direita contra o Governo republicano, legalmente eleito, de Madrid.



Guerra Civil de Espanha. 1939.

<sup>6</sup>. À semelhança do Sarre, a Renânia era, por decisão do Tratado de Versalhes, uma zona desmilitarizada.



Sob a direcção de Francisco Franco, unidades militares vão sublevar-se no Norte de África e em Espanha. É o início da Guerra Civil de Espanha.

#### 1 de Agosto

Abertura dos Jogos Olímpicos, em Berlim. Os convidados estrangeiros serão excepcionalmente bem tratados, tornando-se os jogos numa gigantesca operação de sedução à Europa. A festa ariana é estragada pelas quatro medalhas de ouro de um atleta negro norte-americano: Jesse Owens.

#### 25 de Outubro

A Alemanha envia para Espanha a Legião Condor, um efectivo de 5 mil homens, incluindo aviação de combate moderna, para apoiar os nacionalistas.

#### 7 de Novembro

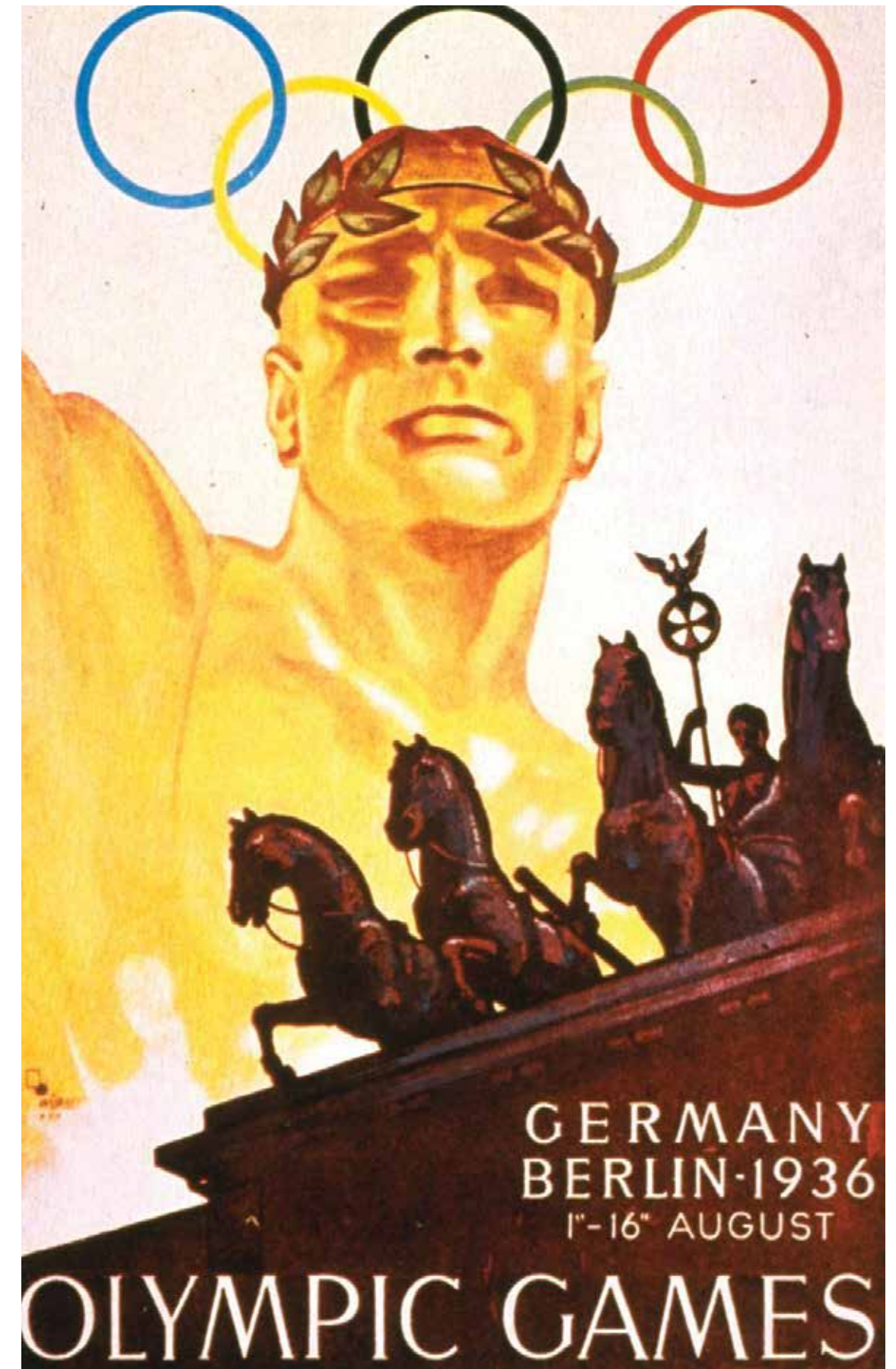
Cerco de Madrid pelas tropas nacionalistas. O ataque é contido pela chegada das Brigadas Internacionais, constituídas por voluntários vindos de todo o mundo, incluindo intelectuais como André Malraux e David Siqueiros, futuros líderes políticos como Willy Brandt ou Emídio Guerreiro, cuja gesta foi imortalizada por escritores como George Orwell ou Ernest Hemingway.

#### 24 de Novembro

É atribuído ao pacifista Carl von Ossietzky, preso num campo de concentração alemão, o Prémio Nobel da Paz. A atribuição deste galardão será encarada, pela Alemanha, como uma afronta, e Ossietzky sofrerá represálias.



Tropas nacionalistas antes de cercarem Barcelona em Janeiro de 1940.



Cartaz dos Jogos Olímpicos de Berlim. 1936.





Jorge VI. Postal.

10 de Dezembro

Na sequência do seu envolvimento amoroso com a americana divorciada Wallis Simpson, com quem virá a casar, o rei de Inglaterra, Eduardo VIII, renuncia ao trono. Além das razões directas desta abdicação, parte dos britânicos, incluindo o futuro primeiro-ministro Churchill, viam-no como demasiado próximo dos nazis.

“Não ignoreis as razões que me levaram a renunciar ao trono. Deveis crer em mim quando afirmo que cheguei à conclusão de que seria impossível suportar o pesado fardo de tantas responsabilidades sem o auxílio e o apoio da mulher a quem amo.”<sup>7</sup>

O seu lugar será ocupado pelo irmão, que assumirá a coroa com o nome de Jorge VI.

7. Discurso de Eduardo VIII, quando abdicou em favor do irmão.

1937

14 de Março

Uma encíclica de Pio XI condena o regime nazi no que toca à forma como encara a religião e os direitos humanos.

26 de Abril

Caças *Heinkel* e bombardeiros *Stuka* da Legião Condor bombardeiam Guernica, símbolo da independência basca. Civis em fuga são metralhados do ar. No final do dia, terão morrido 1500 pessoas, contabilizando-se ainda mil feridos graves e uma cidade totalmente destruída. Era a prefiguração dos bombardeamentos sobre Varsóvia, Roterdão ou Londres. Pablo Picasso imortalizará a tragédia numa tela de gigantescas proporções a que chamou *Guernica*. Conta-se que, durante a ocupação de Paris, um oficial alemão interessado pelas artes lhe terá perguntado: – *Foi você que fez isto?* Ao que o artista terá respondido: – *Não! Foram vocês.*

8 de Julho

O Japão invade a China (dominava a Manchúria desde 1931) sem declaração de guerra.

19 de Julho

Uma exposição itinerante parte de Munique para mostrar aos alemães o que é a arte decadente. Todas as obras fora dos critérios ideológicos nazis são consideradas “Arte degenerada”. No final da itinerância, obras de Paul Klee, Max Beckmann, Kandinsky e de muitos outros serão destruídas em público ou vendidas para o estrangeiro. Mais artistas, impedidos de trabalhar, abandonam a Alemanha.

Agosto

Abre mais um campo de concentração em Buchenwald.

25 de Setembro

Mussolini é recebido, com pompa e circunstância, durante a sua visita oficial a Berlim.



Estreia, em Dezembro 1937, da primeira longa-metragem de animação, *Branca de Neve*, de Walt Disney.



Passaportes de Margaretha Raimann e Michel Lidzki. 1938.





# 1938

## 4 de Fevereiro

Hitler torna-se chefe supremo das tropas do Reich e faz mudanças radicais nas estruturas militares.

## 12 de Fevereiro

Iniciam-se negociações entre Hitler e Kurt von Schuschnigg, chanceler da Áustria, sobre o futuro deste país.

## 9 de Março

Schuschnigg anuncia um referendo sobre o futuro da Áustria para o dia 13. Berlim faz um ultimato a Schuschnigg, exigindo a suspensão da votação. O chanceler cede, ao saber que tropas alemãs já se encontram na fronteira. A Alemanha exige, de seguida, a sua demissão. Abandona o cargo a 11 de Março, mas diz na rádio que não sai de livre vontade. O novo chanceler envia a Hitler um telegrama pedindo ajuda militar.

## 12 de Março

As tropas alemãs entram sem resistência na Áustria. Pouco tempo depois, é anunciada, da varanda da chancelaria, a formação de um Governo nazi.

## 10 de Abril

99% dos austríacos pronunciam-se, em referendo, a favor do *Anschluss* (anexação da Áustria pela Alemanha).

## 7 de Junho

A tensão cresce na região dos Sudetas, na Checoslováquia. Este país, que nascera dos destroços do antigo Império Austro-Húngaro desfeito após a derrota da Alemanha na I Guerra Mundial, mantinha na região dos Sudetas um importante núcleo populacional, com 3 milhões de pessoas de origem alemã. Desde há muito que reivindicavam a religação à Alemanha e à Áustria. Confrontos violentos orquestrados por agitadores pró-nazis, entre alemães e checos, levam à mediação da França e do Reino Unido.



Passaportes de Egon Raimann.



Passaporte diferenciado para judeus alemães.

A concessão de um estatuto de excepção para a região será ultrapassada pela esmagadora vitória nas eleições comunais do partido pró-alemão.

## 14 de Junho

É ordenado, na Alemanha, um registo obrigatório das indústrias pertencentes a judeus.

## 6-12 de Julho

No Médio Oriente, confrontos violentos entre palestinianos e judeus fazem dezenas de vítimas.

## 22 de Julho

É criado um passaporte diferenciado para os judeus alemães. Os novos passaportes passam a ter um J a vermelho que os distingue dos do resto dos alemães.

“Excelência, Logo que recebi o telegrama de V. Ex.<sup>a</sup> n.º 47, fiz a este governo a notificação, que sugerira, da necessidade de vistos consulares nos passaportes alemães para Portugal, desde que eles contivessem a indicação de que o portador é emigrante ou qualquer outra que o afastasse da regra geral dos passaportes do Reich, tal como a não validade para o interior ou um prazo de validade muito inferior ao normal.

Quando entreguei essa nota ao Sub-secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, perguntou-me ele se se tratava de uma simples notificação que, de certo modo, alterava o Acordo entre os dois países (...) Disse-lhe que se tratava apenas de uma medida de defesa que o Governo adoptava por se lhe afigurar a mais eficaz de momento (...) Ele ficou de tratar novamente comigo o assunto logo que o tivesse estudado e eu pus imediatamente em execução as determinações de Vossa Excelência, comunicando-as aos consulados e centralizando nos de carreira a concessão destes vistos, sempre precedida de consulta à Legação.

Dias depois fui avisado de que, estando o Chefe e Sub-chefe do Departamento jurídico ocupados com assuntos derivados da fixação de fronteiras com a Tchecoslovaquia, que os retinham ausentes de Berlim, logo que lhes fosse possível tratariam comigo a questão dos passaportes. E entretanto foi publicada uma lei impondo





**Acordo de paz de Munique, assinado pela França, Inglaterra, Alemanha e Itália, abre a porta à ocupação dos Sudetas checos. 1938.**

*a todos os alemães israelitas a apresentação dos seus passaportes para serem apreendidos uns, carimbados com um grande J outros.*”<sup>8</sup>

**23 de Julho**

Mobilização geral na Checoslováquia.

**30 de Setembro**

É assinado, em Munique, um acordo de paz pela França, Reino Unido, Alemanha e Itália, que abre a porta à ocupação alemã da região dos Sudetas, a qual se vai efectivar no dia seguinte à assinatura destes acordos. A Checoslováquia, que tinha um exército capaz de resistir a Hitler se as democracias ocidentais a apoiassem, é, ainda, obrigada a ceder território à Hungria e à Polónia. A decisão tomada pela França e pelo Reino Unido prendia-se com duas coisas: predomínio da ideia de que a Checoslováquia era um Estado artificial criado pelo Tratado de Versalhes; e desejo de não hostilizar Hitler para manter a paz na Europa. Neville Chamberlain, primeiro-ministro britânico, será recebido como um herói por ter garantido “a paz no nosso tempo”. Winston Churchill discordou energicamente na Câmara dos Comuns: “Sofremos uma derrota total e absoluta.” Não seria preciso muito tempo para os seus conterrâneos e o mundo lhe darem razão.

**9 de Novembro**

Durante o ano de 1938, as provações e as humilhações contra os judeus tornam-se insustentáveis. As medidas de exclusão da vida pública aumentam de dia para dia. O ódio aos judeus vai alastrar à Áustria, que segue

8. Carta de 23 de Novembro de 1938 do embaixador de Portugal em Berlim ao ministro dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa. Arquivo Histórico do MNE, 3.ª P A 43 M 38.



**Invasão dos Sudetas. A Checoslováquia também é obrigada a ceder territórios à Hungria e à Polónia. 1938.**

o exemplo alemão. O assassinato do secretário da legação alemã em Paris por um judeu, que pensava estar em presença do embaixador, desencadeia uma onda de terror contra os judeus alemães. Casas, sinagogas, lojas e armazéns são destruídos.

Cerca de 100 judeus são mortos, e 35 mil são levados nessa ocasião, que ficou conhecida pelo nome de *Noite de Cristal*, para os campos de concentração de Buchenwald, Dachau e Sachsenhausen. O objectivo era, ainda, levar os judeus a saírem da Alemanha. Assim, e a troco de altas somas de dinheiro ou de bens, Hermann Göring oferecia a possibilidade de comprarem a sua liberdade.

*“As condições de miséria e de vexame quotidiano a que estão deliberadamente submetidos, agravado, este último, por uma falta de humanidade e uma rudeza que não sei se serão inteiramente arianos mas que são sem dúvida especificamente germânicos, a insegurança das suas próprias pessoas, ora aprisionadas, ora enviadas para campos de concentração donde chegam boatos que nós estávamos habituados a ler apenas nas crónicas da Rússia, tudo isto leva esses milhares de perseguidos, hoje a monte em grande parte, a olharem como uma salvação a possibilidade de ida para outro país por 30 dias, por 8 dias, por 24 horas, contanto que atravessem a fronteira são e salvos. Depois... o futuro a deus pertence... sobretudo quando não pode ser pior que o presente.”*<sup>9</sup>

**6 de Dezembro**

É assinado um acordo de Entendimento Amigável entre a França e a Alemanha. Será uma das muitas tentativas feitas pela Europa democrática para evitar a guerra.

9. *Idem.*



**Prisioneiros ciganos em Dachau. 1938.**







Foto das páginas anteriores  
**Destuição da sinagoga de Dortmund após a *Noite de Cristal*. 1938.**  
Foto da página seguinte  
**Hitler discursando no Reichstag depois da invasão da Polónia. 1939.**

# 1939

## 17 de Janeiro

Prosseguindo na sua tarefa de empurrar os judeus para fora da Alemanha, as perseguições e interdições continuam. Deixam de poder ter carta de condução, frequentar cinemas, teatros, espectáculos, parques públicos, etc. Também não poderão ser dentistas ou veterinários, nem fazer exames profissionais à Câmara de Comércio, da Indústria ou do Artesanato.

## 1 de Fevereiro

A Checoslováquia dá um prazo de seis meses para a saída de todos os judeus estrangeiros do seu território.

## 6 de Março

O presidente da Checoslováquia dissolve o Governo autónomo da Eslováquia, dando ordem de prisão ao primeiro-ministro Josef Tiso. Este vai a Berlim pedir ajuda a Hitler. O *Führer* prontifica-se a ajudá-lo se a Eslováquia se tornar um país independente.

Pelo telefone, Tiso convoca o seu Governo e proclama a independência. É, então, a vez de o presidente da Checoslováquia, Emil Hacha, ir a Berlim para negociar o futuro do país. Pressionado por Hitler e Göering, tem um ataque de coração e acaba por aceitar que os territórios de origem alemã da Boémia e da Morávia fiquem sob a tutela alemã.

## 15 de Março

As tropas alemãs entram na Checoslováquia.

## 22 de Março

Temendo que lhe aconteça o mesmo que está a suceder nos países vizinhos, a Lituânia cede o porto de Memel à Alemanha, bem como as partes do território ocupadas maioritariamente por alemães.

## 31 de Março

A Europa começa a ficar realmente preocupada. O primeiro-ministro britânico Chamberlain assegura à Polónia que não permitirá que a Alemanha viole a soberania do país. Em causa, estavam as pretensões alemãs de recuperar o corredor de Dantzig<sup>10</sup>, entregue à Polónia no final da I Guerra, para lhe dar acesso ao mar.

## 30 de Julho

Intensifica-se a crise aberta pelas pretensões alemãs sobre o corredor de Dantzig. O espectro da guerra é cada vez mais evidente.

10. Por imposição do Tratado de Versalhes, foi criado um “corredor” territorial de cerca de 150 quilómetros de comprimento, em território alemão, para permitir o acesso da Polónia ao mar. A antiga cidade alemã de Dantzig passaria, por isso, a ter um Governo autónomo. Em 1939, a Alemanha exigiu a restituição deste território. A recusa do Governo polaco acabou por ditar uma série de conflitos que iriam desencadear a invasão da Polónia.







Foto das páginas anteriores  
**Cidadãos polacos enforcados  
após a invasão da Polónia. 1939.**

**21 de Agosto**

Intensificam-se os preparativos militares alemães.

**23 de Agosto**

Apesar de, durante anos, ter apostado na luta contra o comunismo, Adolf Hitler assina um pacto de não-agressão com a URSS.

**25 de Agosto**

Por seu lado, o Reino Unido e a Polónia assinam também um pacto de assistência.

**26 de Agosto**

A Bélgica decreta a mobilização geral.

**29 de Agosto**

Ignorando os avisos britânicos, a Alemanha faz um ultimato à Polónia.

**30 de Agosto**

Mobilização geral na Polónia.

**31 de Agosto**

A Alemanha exige o fim do corredor de Dantzig e a realização de um plebiscito à população do “corredor”.



**Alemães, depois de entrarem na Polónia. 1939.**

**1 de Setembro**

A Alemanha invade a Polónia.  
Mobilização geral em França.  
Benito Mussolini declara a não-beligerância da Itália.

**2 de Setembro**

Portugal afirma a sua neutralidade perante o conflito europeu.

**3 de Setembro**

A França e o Reino Unido declaram guerra à Alemanha.  
A Bélgica declara-se neutra.

**16 de Setembro**

As tropas nazis cercam Varsóvia, com a conivência dos soviéticos.

**17 de Setembro**

A URSS invade a Polónia por leste.

**28 de Setembro**

É assinado o Acordo de Moscovo em que fica estipulada a divisão da Polónia entre a URSS e a Alemanha.

**29 de Setembro**

Já sem qualquer hipótese de defesa, Varsóvia capitula.

**4 de Novembro**

É votada nos Estados Unidos a lei *Cash and Carry* que permite a venda de material bélico aos países beligerantes.

**8 de Novembro**

Falha, em Munique, um atentado contra Hitler.

**10 de Novembro**

A Suíça decreta a mobilização geral.

**13 de Novembro**

Mobilização geral na Finlândia.

**24 de Novembro**

Na sequência de uma insurreição em Praga contra o ocupante nazi, a Gestapo fuzila 120 estudantes checos e deporta para a Alemanha milhares de opositores.

**30 de Novembro**

A URSS ataca a Finlândia.

**14 de Dezembro**

Depois do ataque à Finlândia, a Sociedade das Nações expulsa a URSS.



**Estreia do filme de V. Fleming e G. Cukor, *E Tudo o Vento Levou*. 1939.**



15 de Dezembro

Estreia nos Estados Unidos o filme *E Tudo o Vento Levou* protagonizado por Clark Gable, Vivian Leigh e Leslie Howard; este último virá a morrer, em 1943, à saída de Lisboa, quando o avião em que regressava a Londres foi abatido pelos alemães.

18 de Dezembro

Ataque aéreo britânico sobre a Alemanha.

22 de Dezembro

Insucesso da ofensiva soviética na Finlândia.

Dezembro

Eichmann organiza as primeiras deportações de judeus e polacos.



A Alemanha invade a Polónia. *Jornal de Notícias*, 2 de Setembro de 1939.  
Início da Guerra. *Diário de Notícias*, 2 de Setembro de 1939.



1940

14 de Janeiro

Os finlandeses penetram em território da URSS na frente de Kuhmo. Suécia, Noruega e Dinamarca proclamam a sua neutralidade.

25 de Janeiro

A Holanda reafirma a sua neutralidade.

28 de Fevereiro

Apesar de se viver em tempo de guerra, o *Queen Elisabeth*, o maior paquete do mundo, parte de Liverpool com destino a Nova Iorque.

12 de Março

Não conseguindo conter os contra-ataques soviéticos, a Finlândia negocia a paz.



Invasão da Bélgica, Holanda e Luxemburgo. *Jornal O Século*, 10 de Maio de 1940.  
A Bélgica e Holanda resistem à invasão. *Diário de Notícias*, 11 de Maio de 1940.







Invasão da França. Revista *Signal*, 15 de Julho de 1940.

**27 de Março**

Himmler ordena a construção de um novo campo de concentração, em Auschwitz.

**9 de Abril**

Ignorando a sua neutralidade, os alemães entram na Noruega e na Dinamarca.

**10 de Maio**

A Alemanha invade, simultaneamente, a Bélgica, a Holanda e o Luxemburgo. Milhares de pessoas fogem para França, onde procuram protecção.

Perante o que está a acontecer na Europa, o Governo, chefiado pelo primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain, perde apoio e acaba por cair. O rei chama Winston Churchill para formar governo.

No seu primeiro discurso, Churchill dirá:

*“Neste momento de crise, espero que me seja perdoado não falar hoje mais extensamente à Câmara. Confio em que os meus amigos, colegas e antigos colegas que são afectados pela reconstrução política se mostrem indulgentes para com a falta de cerimonial com que foi necessário actuar. Direi à Câmara o mesmo que disse aos que entraram para este Governo: só tenho para oferecer sangue, sofrimento, lágrimas e suor. Temos perante nós uma dura provação. Temos perante nós muitos e longos meses de luta e sofrimento.*

*Perguntam-me qual é a nossa política? Dir-lhes-ei: fazer a guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com todas as forças que Deus possa dar-nos; fazer guerra a uma monstruosa tirania, que não tem precedente no sombrio e lamentável catálogo dos crimes humanos; essa é a nossa política.*

*Perguntam-me qual é o nosso objectivo? Posso responder com uma só palavra: Vitória – vitória a todo o custo, vitória a despeito de todo o terror, vitória, por mais longo e difícil que possa ser o caminho que a ela nos conduz; porque sem a vitória não sobreviveremos.”*<sup>11</sup>

**12 de Maio**

Atravessando as florestas das Ardenas belgas, consideradas intransponíveis pelo Estado-Maior francês, divisões blindadas alemãs entram em França por Sedan e fazem um movimento de tenaz para norte, procurando cercar as tropas franco-britânicas que tinham entrado na Bélgica. A rapidez desta guerra-relâmpago (*Blitzkrieg*), conjugando aviação e blindados, surpreende os Aliados e cerca-os no litoral da Mancha.

**27 de Maio**

Cercados no porto francês de Dunquerque, o contingente britânico e tropas francesas iniciam uma gigantesca evacuação naval, a *Operação*

<sup>11</sup>. Primeiro discurso de Winston Churchill após formar governo.





Revista *Signal*, 25 de Julho de 1940.

*Dínamo*, que só terminará a 4 de Junho, envolvendo praticamente todo o tipo de embarcações existentes no Reino Unido. Serão evacuados mais de 150 mil homens que deixarão para trás todo o material pesado. Nesse mesmo dia, a Bélgica capitula.

14 de Junho

Aberto que estava o caminho para França, os alemães continuam na sua marcha triunfal e entram em Paris.

Depois da queda da capital francesa, todos os que tinham procurado refúgio neste país tentam fugir para sul, para tentarem partir por terra ou por mar.

Em Bordéus, o cônsul português, Aristides de Sousa Mendes, ao arrepio das ordens recebidas do Governo português, passa vistos indiscriminadamente, abrindo as portas de Portugal a milhares de pessoas.

22 de Junho

Recusando-se a negociar com os alemães, Reynaud, primeiro-ministro francês, tinha-se demitido. O novo chefe do Governo, o velho general Pétain, assina o armistício com a Alemanha.

23 de Junho

Intensifica-se o movimento nas fronteiras portuguesas, sobretudo em *Vilar Formoso*. A última semana de Junho é marcada pela entrada em Portugal de milhares de pessoas, tanto de carro como de comboio. A esmagadora maioria dos que entram neste período vem munida com vistos de Aristides de Sousa Mendes.

1 de Agosto

Hitler publica uma directiva que visa a invasão do Reino Unido. Já antes tinha havido ataques aéreos, mas estes vão intensificar-se a partir desta data. É o começo da Batalha de Inglaterra. Numa primeira fase, os alemães visavam os radares e os campos de aviação britânicos. Como essa campanha não teve efeitos práticos, começam, semanas depois, a bombardear Londres de dia e de noite. Beneficiando do facto de terem radares, os britânicos conseguem, com antecedência, prever a aproximação dos aviões inimigos. Assim, a taxa de aviões perdidos é de um para dois, a favor dos britânicos. Além disso, qualquer piloto alemão que saltasse de pára-quedas era preso, ao passo que, se fosse britânico, voltava a voar.

Perante este insucesso, Hitler acaba por desistir da invasão, a 12 de Outubro de 1940. Contudo, os bombardeamentos sobre Londres e outras cidades inglesas vão manter-se até Maio de 1941.

26 de Agosto

Em represália pelo primeiro raide aéreo sobre Londres, a Royal Air Force (RAF) bombardeia Berlim.

27 de Setembro

A Alemanha, o Japão e a Itália assinam um pacto tripartido de apoio político, militar e económico.

3 de Outubro

O Governo colaboracionista francês de Vichy, dirigido pelo marechal Pétain, promulga o *Estatuto do judeu*.

24 de Outubro

Depois de se ter encontrado com o general Francisco Franco em Hendaia, Adolf Hitler encontra-se com o marechal Pétain em Montoire.

28 de Outubro

Tropas italianas atacam a Grécia.

30 de Outubro

Philippe Pétain apela à colaboração dos franceses com os alemães.

1 de Novembro

São descobertas, por acaso, as pinturas rupestres das grutas de Lascaux.

3 de Novembro

Tropas britânicas desembarcam em Creta.

11 de Novembro

A Willys Overland Motors apresenta, nos EUA, o seu primeiro jipe.

24 de Novembro

Depois da Hungria, a Roménia e a Checoslováquia aderem ao Pacto Tripartido. Dois dias depois, são assassinadas mais de sessenta personalidades romenas.



*Diário de Notícias*, 15 de Junho de 1940.



# AUSCHWITZ BIRKENAU

# BELZEC CHELMNO JASENOVAC

# MALY TROSTENETS SOBIBÓR



## CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Os “inimigos” do III Reich que optaram por ficar ou que não conseguiram fugir da Alemanha e dos territórios por ela ocupados irão ter, na esmagadora maioria, como destino os campos de concentração. O mesmo irá acontecer aos prisioneiros de guerra soviéticos.

Sujeitos a maus-tratos, “experiências médicas”, fome e trabalhos forçados, muitos vão sucumbir de doença ou de exaustão. A partir de 1942, com a decisão da *Solução Final* para a questão judia, é decidida a criação de campos de extermínio, onde o objectivo é apenas a morte em escala industrial. Nestes campos, entre os quais se destacam Auschwitz-Birkenau, Treblinka, Belzec, Sobibór, Chelmno e Majadanek, milhões de pessoas foram assassinadas. Entre as vítimas, contam-se sobretudo judeus, mas também ciganos e soldados russos.

Foto do separador

**Cabelos de prisioneiras de Auschwitz embalados para seguirem para comercialização. 1945.**

Foto da página anterior

**Malas de prisioneiros internados em Auschwitz. Janeiro de 1945.**

# LWÓW MAJDANEK

# TREBLINKA VARSÓVIA



AUSCHWITZ-BIRKENAU BELZEC CHELMNO JASENOVAC LWÓW MAJDANEK MALY TROSTENETS SOBIBÓR TREBLINKA VARSÓVIA



*“Nós que vivemos em campos de concentração podemos lembrar-nos que os homens que percorriam as barracas para confortar os outros abriam mão de seu último pedaço de pão.*

*Talvez não tivessem sido muitos, mas foram os suficientes para nos provar que pode tirar-se tudo a um homem menos a última das suas liberdades – a escolha da sua atitude consoante as circunstâncias, a escolha do seu próprio caminho.”*

Viktor Frankl

Viktor Frankl, médico austríaco judeu, deportado em 1942, juntamente com a sua mulher grávida, os pais e os irmãos, passou por vários campos, entre os quais Auschwitz. Da sua família, será o único a sobreviver.

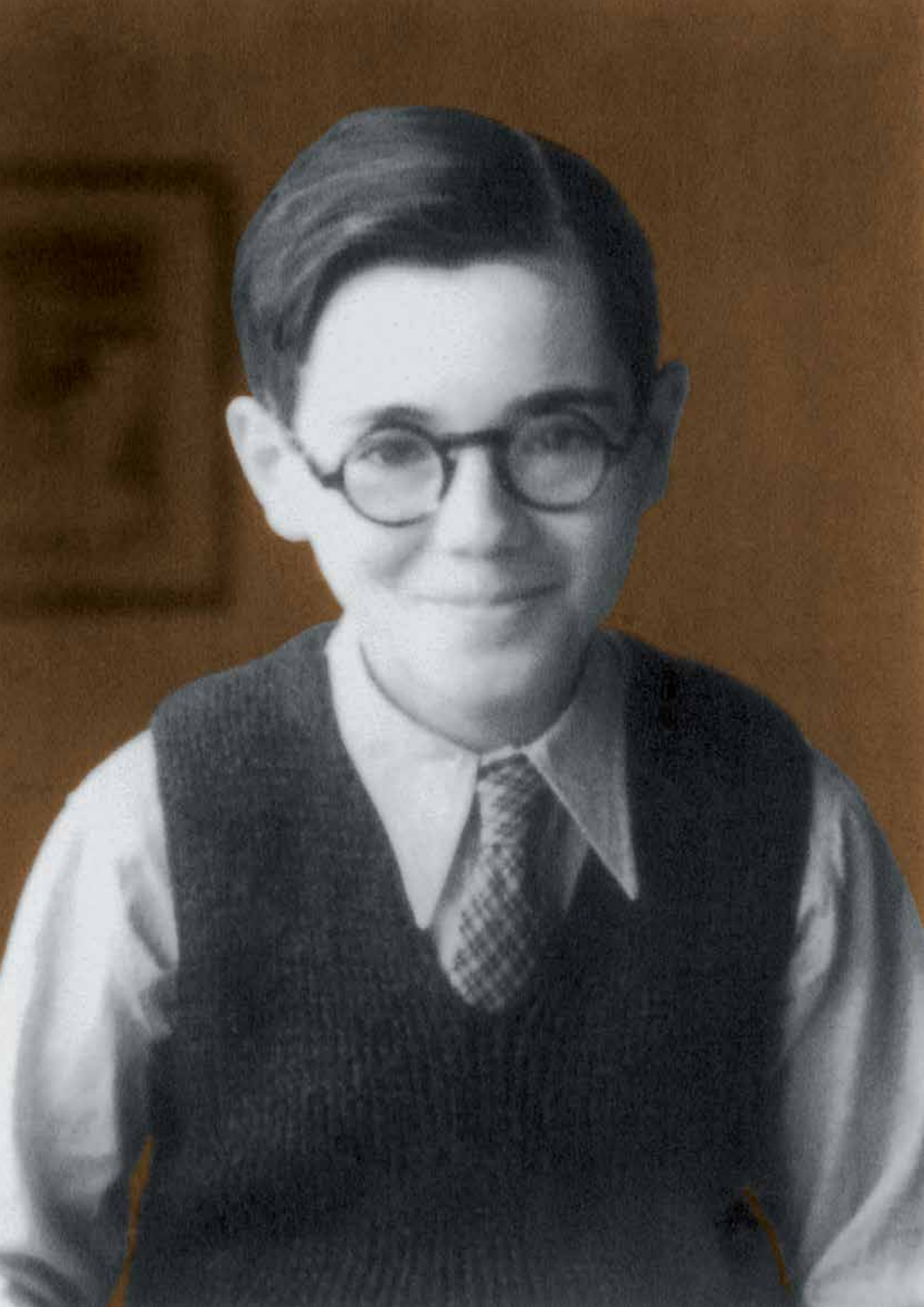
Foto da página anterior  
**Familiares desesperados despedindo-se de uma criança (que seria enviada para a morte) através da cerca da prisão central do gueto, Gehsperre-Lodz, Polónia.**

AUSCHWITZ-BIRKENAU BELZEC CHELMNO JASENOVAC LWÓW MAJDANEK MALY TROSTENETS SOBIBÓR TREBLINKA VARSÓVIA









# A VIAGEM

No início de 1940, é já clara a intenção da Alemanha de invadir a Holanda e a Bélgica. A população, no entanto, prefere não acreditar neste cenário. Desta situação, dá conta um telegrama cifrado, expedido a 17 de Janeiro de 1940, pelo cônsul português em Haia para o Ministério dos Negócios Estrangeiros:

*“Alarme produzido sábado passado meios governamentais provocado principalmente pela informação vinda de Bruxelas dando conhecimento invasão alemã decidida para a madrugada segunda-feira. Apesar de situação inalterada este Governo crê execução plano alemão adiado para curto prazo. Maioria da população indiferente se não incrédula. Tavares.”<sup>1</sup>*

Meses depois, chegava a Lisboa novo telegrama do mesmo cônsul de Haia:

*“Voltou a inquietação aos Países Baixos. Governo suspende novamente licenças militares, reforça zona fronteira alemã e costeira. Cidade fortemente patrulhada. Este governo teve informação Alemanha decidira invadir Noruega, Dinamarca e semanas depois ataque frente Linha Maginot ala esquerda do exército francês através da Holanda e da Bélgica. Como primeira parte informação foi levada efeito este governo receia seja executada segunda parte. Tavares.”<sup>2</sup>*

A 10 de Maio de 1940, a invasão-relâmpago dos Países Baixos, Luxemburgo e Bélgica confirmava os receios do cônsul em Haia. Semanas depois, era a vez de a França ser invadida. A queda de Paris leva à partida precipitada de milhares de pessoas, muitas das quais já vinham dos países anteriormente ocupados.

O que fazia fugir toda aquela massa de gente, deixando tudo o que tinha para trás? Apenas uma coisa, o medo. Por esta altura, poucos seriam aqueles que teriam ilusões acerca da actuação dos alemães, não só em relação aos judeus, mas também a todos os que se lhes opusessem.

Assim, os que optam por ficar nas suas casas e enfrentar a ocupação alemã são, na sua maioria, pessoas de idade, sem ânimo para viajar, ou aqueles que não têm posses para partir.

1. Arquivo Histórico do MNE. Telegrama expedido a 17 de Janeiro de 1940.

2. Telegrama recebido a 11 de Abril de 1940.

Foto do separador  
**Refugiados em Bordéus.  
Junho de 1940.**  
Foto da página anterior  
**Joe Dresner. Cerca de 1940.**





Filas de refugiados à porta de um consulado. Viena, 1938.

Os mais previdentes vinham, desde o início da guerra, a preparar-se para uma eventual fuga. Assim, tinham enviado dinheiro para o estrangeiro, comprado objectos valiosos fáceis de transportar, como jóias, selos raros ou diamantes, para posteriormente serem vendidos. Alguns, mais engenhosos, idealizaram esquemas mais práticos. Foi o que fez a mãe de Betty Harris<sup>3</sup>. Mal começou a guerra, esta senhora começou a mandar fazer botões de ouro maciço que foi cosendo no interior do forro do seu casaco de peles. Por isso e para espanto dos filhos, no momento da invasão, a sua preocupação, depois de juntar os filhos, era o casaco de peles... Contudo, muitos acabarão por ser apanhados de surpresa no dia 10 de Maio, só podendo fugir com o dinheiro que tinham guardado em casa, já que os bancos não abrem nem nesse dia, nem nos dias seguintes.

*“O dia 9 de Maio era uma quinta-feira, não tinha aulas no liceu e por isso passei a tarde com a minha mãe a fazer compras no centro da cidade e gozando da minha última descoberta: o café expresso. A vida estava boa.*

*Na madrugada seguinte, acordei com um barulho infernal que parecia tiros de canhão. Dei um pulo para a janela e vi que era um ataque aéreo. Ao meu lado apareceu o meu pai em pijama e disse uma coisa que, mais tarde, eu achei muito cómica: «Acho que estamos em guerra.»*

*Consegui identificar o ritmo dos tiros: quatro rápidos, dois segundos de silêncio. Eram os nossos canhões Bofors de 40 mm que disparavam contra os aviões. A nossa casa ficava num sexto andar e por isso podia-se ver dali quase toda a cidade. De repente vi um «géiser» de fumo negro irromper de um prédio, alguns quarteirões abaixo. Parecia uma cena de cinema mudo, já que não se ouvia o barulho da bomba devido ao troar dos canhões. Alguns minutos depois, vi chamas violentas saírem das janelas de um outro prédio.*

*Quando acabou o ataque e enquanto tomávamos o pequeno-almoço, ouvimos na rádio o rei Leopoldo dizer o que já sabíamos: «mais uma vez fomos invadidos pela Alemanha, que também atacou os nossos vizinhos holandeses». A minha mãe, que era uma mulher muito calma, começou a preparar pequenas malas para cada*

3. Betty Harris (testemunho USC Shoah Foundation).

*um de nós e partimos para uma casa que tínhamos na costa, em La Panne. Não podia ter sido pior escolha, já que estávamos mesmo defronte de Dunquerque...”<sup>4</sup>.*

Como se referiu, a invasão da Bélgica, da Holanda e do Luxemburgo fez afluir a França milhares de pessoas que pensavam estar a salvo por detrás da famosa Linha Maginot<sup>5</sup>. Enganaram-se. Pouco tempo depois, os *Panzer* alemães<sup>6</sup> contornavam essa Linha pelo norte, pela região das Ardenas, e entravam em França, ocupando Paris. Só nessa altura é que a maior parte das pessoas vai compreender a verdadeira gravidade da situação. Se até a Grande França caíra, para onde poderiam fugir?

A 14 de Junho e depois de Paris ter sido declarada cidade aberta, a capital francesa é ocupada pelos alemães e, no alto da Torre Eiffel, um dos símbolos de orgulho dos franceses, flutua a suástica nazi.

No seu livro *This, Too, Shall Pass Away*, o documentarista, de origem russa, George Rony descreve assim a sua saída precipitada de Paris:

*“O Governo tinha partido. Poderiam as coisas estar assim tão más? Ainda estava a tremer quando me sentei para almoçar com Natasha. Estava quase a dizer-lhe que, se calhar, era melhor partirmos, quando o telefone tocou. Fui atender. Do outro lado da linha estava um dos meus melhores amigos, um homem que tinha um cargo importante no Ministério do Interior.*

*«George, fuge. Por amor de Deus, fuge. Não sabes que Paris foi declarada cidade aberta?», quase me gritou o meu amigo.*

*«Que queres dizer? Meu Deus, com certeza que vai haver um plano de defesa.»*

*«Defesas! Os nazis estão aqui, agora, à nossa porta!»*

*«Impossível. Nos jornais da manhã dizia-se que estavam a 80 milhas daqui.»*

*«Que se lixem os jornais. Estou a dizer-te a verdade. Não tens um minuto a perder, ouviste? Nem um minuto. O que é que achas que os nazis irão fazer quando virem os teus cartazes sobre Hitler nas paredes? Quanto tempo achas que durarias?*



Os que pretendem abandonar a Áustria procuram nos consulados estrangeiros o visto necessário que lhes permita abandonar o seu país. Viena, 1938.

4. Joe Dresner (testemunho recolhido pela autora em 2004).

5. Linha de fortificações feita pela França depois da I Guerra Mundial, para protecção das suas fronteiras com a Alemanha e a Itália.

6. Veículos blindados de combate.





*O Século*, 25 de Junho de 1940.



*O Século*, 25 de Junho de 1940.



*Diário de Notícias*, 25 de Junho de 1940.

*O que é certo é que acabei de saber que estás no topo da lista dos mais procurados pelos boches. Salva-te.»*

*Voltei-me para Natasha. Ela tinha apanhado o suficiente da conversa para entender a gravidade e a urgência da situação. Os seus olhos estavam aterrorizados e as suas mãos tremiam. Mas, segundos depois, voltava a ser ela.*

*«Lucienne, disse ela para a nossa nurse, prepara imediatamente o bebé.»*
*Não foi capaz de dizer mais nada. Correu para a cozinha e eu tapei os ouvidos para não ouvir os seus soluços.”*<sup>7</sup>

Rony, à semelhança de outros autores, será uma testemunha preciosa destes momentos conturbados, já que relata com bastante pormenor as dificuldades encontradas por todos os que procuravam desesperadamente chegar ao Sul de França.

Estradas atravancadas com automóveis, carroças, bicicletas e gente a pé, a serem bombardeadas pelos alemães, falta de comida, crianças perdidas dos pais, mortos à beira da estrada...

No seu relato, Rony fala-nos ainda de casas abandonadas à pressa com portas abertas e rádios a tocar e daquilo que alguns carregavam consigo:
*“Muitas levavam com elas alguns fragmentos comoventes do que tinham sido as suas vidas até aí: uma guitarra, uma gaiola, um relógio de cuco ou fotografias de família em molduras de madeira. Durante dias, carregavam essas lembranças. Depois, tinham de as abandonar. E lá ficavam, esses pertences, ao longo das estradas, como pequenas ilhas que os carros e os outros veículos tinham de contornar.”*<sup>8</sup>

O objectivo da maioria dos que fugiam era apenas um, abandonar a França o mais depressa possível, tarefa nada fácil, tendo em conta que o sistema de transportes ferroviários estava um caos, que a prioridade era dada a militares, que a gasolina escasseava e, pior, que todos os homens em idade militar precisavam de autorizações para sair de França e que todos, tanto homens como mulheres, precisavam de vistos de trânsito ou definitivos, para entrarem em qualquer outro país. Se alguns ainda conseguiram apanhar os últimos barcos que zarparam da zona de Bordéus, a grande maioria só tinha uma rota possível de fuga: atravessar a Espanha devastada pela recente Guerra Civil e chegar a Portugal, quase único porto livre da Europa do Sul.

*“Atravessámos, então, a França, sempre um passo à frente dos alemães: Paris, Rennes, Lião, Grenoble, Toulouse, onde a 20 de Junho conseguimos um visto para Portugal, e um outro de trânsito para atravessar a Espanha. Mas, apesar de ser polaco, meu pai necessitava de uma autorização para poder abandonar a França. Foi, então, que de táxi nos dirigimos a Pau, onde o meu pai vai tentar obter esse precioso papel. Para não perdermos o carro, eu e a minha mãe ficámos dentro do táxi à espera de meu pai.*

*Entretanto, e como iam fechar a repartição onde lhe deveriam dar essa autorização, o meu pai escondeu-se na casa de banho. Quando sentiu que toda a gente se tinha ido embora, saiu e dirigiu-se à porta de casa do funcionário responsável que vivia no mesmo edifício (Seria um Consulado? Uma Câmara Municipal?*

<sup>[1]</sup> George Rony, ob cit., pp. 219-220.

<sup>[2]</sup> George Rony, ob cit., p. 224.

*Não sei.). O homem ficou muito admirado de ver o meu pai e não lhe quis dar o visto. Mas, quando o meu pai se pôs de joelhos e lhe implorou por esse papel, acabou por lho conceder.”*<sup>9</sup>

Apostado em preservar o país longe da guerra, Salazar declarara, logo a 2 de Setembro de 1939, a sua neutralidade, enquanto a Espanha assumia o estatuto de não-beligerante.

De qualquer modo, à semelhança do que vai acontecer com outros territórios neutros, a Península Ibérica não está interessada em receber refugiados. Por essa razão, as regras para a concessão de vistos vão ser muito restritivas. Mesmo os de trânsito só são possíveis para aqueles que já tenham visto para outro país e/ou as passagens de barco ou de avião compradas.

Se se tivessem mantido estas condições, poucos teriam sido aqueles que chegariam a Portugal, e o número de mortes em campos de extermínio teria sido seguramente superior. Mas, como diz o ditado popular, “O homem põe e Deus dispõe” e um acontecimento inesperado veio alterar esta situação. Desobedecendo a ordens expressas do seu Governo, o cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes, decide seguir o que a sua consciência lhe dita e emite indiscriminadamente vistos a todos os que chegavam ao consulado português naquela cidade. Para além disso, ordena aos consulados de Toulouse e Baiona, sob a sua autoridade, que façam o mesmo. A sua atitude ditará um futuro diferente para milhares de pessoas.

Apesar de “romanceado”, pela passagem dos anos, o testemunho do filho do rabino Kruger, que auxiliará Sousa Mendes nesta cruzada, e o testemunho de uma outra refugiada, Regina Weiss, ajudam-nos a ter uma ideia do que poderá ter acontecido em Bordéus, em meados de Junho de 1940.

*“Chegámos a Bordéus, esfomeados, não tínhamos casa, não tínhamos nada, como milhares de outros judeus que tinham fugido da Polónia, Alemanha, Bélgica e que se tinham refugiado em França.*

*Sousa Mendes estava disposto a ajudar. Por coincidência, conheceu o meu pai na rua. Bem, não há coincidências. Acreditamos que Deus quis juntar, naquele momento, aquelas duas pessoas ali.*

*O meu pai contou-lhe que era refugiado, que tinha mulher e cinco filhos e que não tinha onde ficar. Sousa Mendes ofereceu-lhe a sua casa. Imaginem. Um homem que ele nunca tinha visto, ele, um homem de posição, o meu pai um rabino judeu e ele um católico disposto a levar um judeu, durante a guerra, para a sua própria casa.*

*Depois deste encontro, Sousa Mendes e o meu pai tornaram-se bastante próximos e ele disse ao meu pai que tinha todo o gosto em conceder-lhe vistos para Portugal e que isso seria uma maneira de nós seguirmos para qualquer outro sítio onde ele esperava que os nazis não nos pudessem seguir.*

*O meu pai ficou muito contente com esta proposta, mas retorquiu-lhe: «Oíça, não posso aceitar uma oferta que só me beneficia a mim e à minha família. Aceitarei uma proposta em que ofereça vistos a todos os que eu lhe pedir.» E ele foi suficientemente bondoso para aceitar isso. Disse, então, ao meu pai: «Venha comigo ao meu escritório do consulado. Traga os passaportes e dar-lhe-ei os vistos.»*

<sup>[1]</sup> Anny Buchstab Coury (testemunho recolhido pela autora em 2003).





Bordéus após a ocupação alemã. 1940.

*Espalhou-se então a notícia de que Sousa Mendes estava a dar vistos para Portugal e que as pessoas poderiam sair de França.*

*Eu era um miúdo, mas lembro-me de ver o meu pai a sair de um edifício e a dirigir-se aos milhares de pessoas que estavam paradas na rua. Nunca tinha visto o meu pai sem o seu fato de rabino. Vi-o sair sem casaco e acho que sem chapéu. Nunca o tinha visto sair à rua naqueles preparos. E ele disse a toda a gente: «Judeus, dêem-me os vossos passaportes que eu arranjo-vos vistos.» As pessoas juntaram dinheiro, pensando que isso ajudaria. E ele disse: «Não quero dinheiro, dêem-me apenas os passaportes.» Depois, levou os passaportes para dentro. Passado um bom bocado, saiu e distribuiu-os pelos seus donos. Toda a gente estava espantada por ter um visto português no passaporte. À tardinha, voltou à rua e disse: «Judeus, dêem-me os vossos passaportes.» Mais uma vez, as pessoas que entretanto tinham chegado deram-lhe os passaportes... ele entrou de novo...”<sup>10</sup>*

Esta história, com algumas diferenças significativas, será contada por Regina Weiss, cujo testemunho gravado se encontra guardado na USC Shoah Foundation. É interessante verificar que, mais de cinquenta anos depois destes acontecimentos, Regina Weiss não faz a mínima ideia de que deve a sua vida a um homem chamado Aristides de Sousa Mendes.

*“Chegámos a Bordéus, que estava um verdadeiro caos. Não tínhamos onde ficar. Havia imensos judeus a entrar e a sair de comboios. Seguimos um grupo, seguimos a multidão. Fomos para um edifício abandonado, cheio de pessoas que não tinham para onde ir. Nessa altura, o meu pai disse-nos que tinha de ir à procura de trabalho porque estávamos a ficar sem dinheiro. Voltámos à Sinagoga, onde íamos todos os dias em busca de notícias.*

*O meu pai arranjou um trabalho de estivador nas docas a descarregar navios. Pagavam muito bem e não pediam documentos a ninguém. Durante alguns dias, descarregou barcos, mas acabou por se magoar nas costas e foi o fim da sua carreira como estivador...*

*E, agora, para onde vamos? Há consulados que vendem vistos, que fazem vistos, que dão vistos... Nós tínhamos de sair de França porque os alemães estavam a chegar. À medida que prosseguíamos, os alemães vinham atrás. Saímos de Lille, os alemães invadiram Lille, saímos de Paris, dois dias depois eles tomavam Paris e não iam ficar por aí.*

*Enquanto viajávamos, o meu pai ia a todos os consulados para tentar comprar todos os vistos que pudesse. Mas precisávamos de vistos de trânsito. Como é que os iríamos arranjar? Tínhamos de sair de França, passar por Espanha e chegar a Portugal, onde estavam os barcos. Os vistos que tínhamos não prestavam. Sabíamos disso, mas queríamos fugir. Chegámos a um consulado para tentar arranjar um visto de trânsito, e o meu pai reparou num homem, que nem sequer conhecia, e foi ter com ele e disse-lhe: «Saudações, como se chama?» «Sou o rabino Kruger», respondeu o outro e meteu conversa com ele e, quando viu o rabino entrar para conseguir o seu visto – por essa altura o meu pai tinha reunido imensa gente que dependia dele para lhes conseguir vistos –, entregou ao rabino um monte de passaportes e pediu-lhe que, quando carimbassem os seus, pedisse para carimbarem também os nossos. E foi assim que conseguimos os nossos vistos.”<sup>11</sup>*

10. Rabino Kruger, USC Shoah Foundation.

11. Regina Weiss, USC Shoah Foundation.



Aristides de Sousa Mendes e o rabino Kruger. 1940.





Bordéus em Junho de 1940. Água-forte da autoria de Charles Philippe.

Com a aproximação dos alemães a Bordéus, os refugiados fogem para sul. Sousa Mendes segue para Baiona para ajudar a salvar “toda aquela gente”. Mas a desobediência do cônsul português será rapidamente detetada. A um alerta enviado para Lisboa pelo consulado de Baiona, junta-se uma queixa do Foreign Office – o Ministério de Negócios Estrangeiros britânico – pelas infundáveis filas de espera em Bordéus e, ainda, uma reclamação das autoridades espanholas pelo elevado número de refugiados com vistos para Portugal. De Madrid, parte então, para a fronteira franco-espanhola, o embaixador de Portugal naquela cidade, Pedro Teotónio Pereira, para verificar *in loco* o que se passava.

O embaixador vai encontrar Sousa Mendes em Baiona e ordena-lhe o regresso imediato a Lisboa. Da conversa que teve com o cônsul português, escreverá mais tarde Teotónio Pereira:

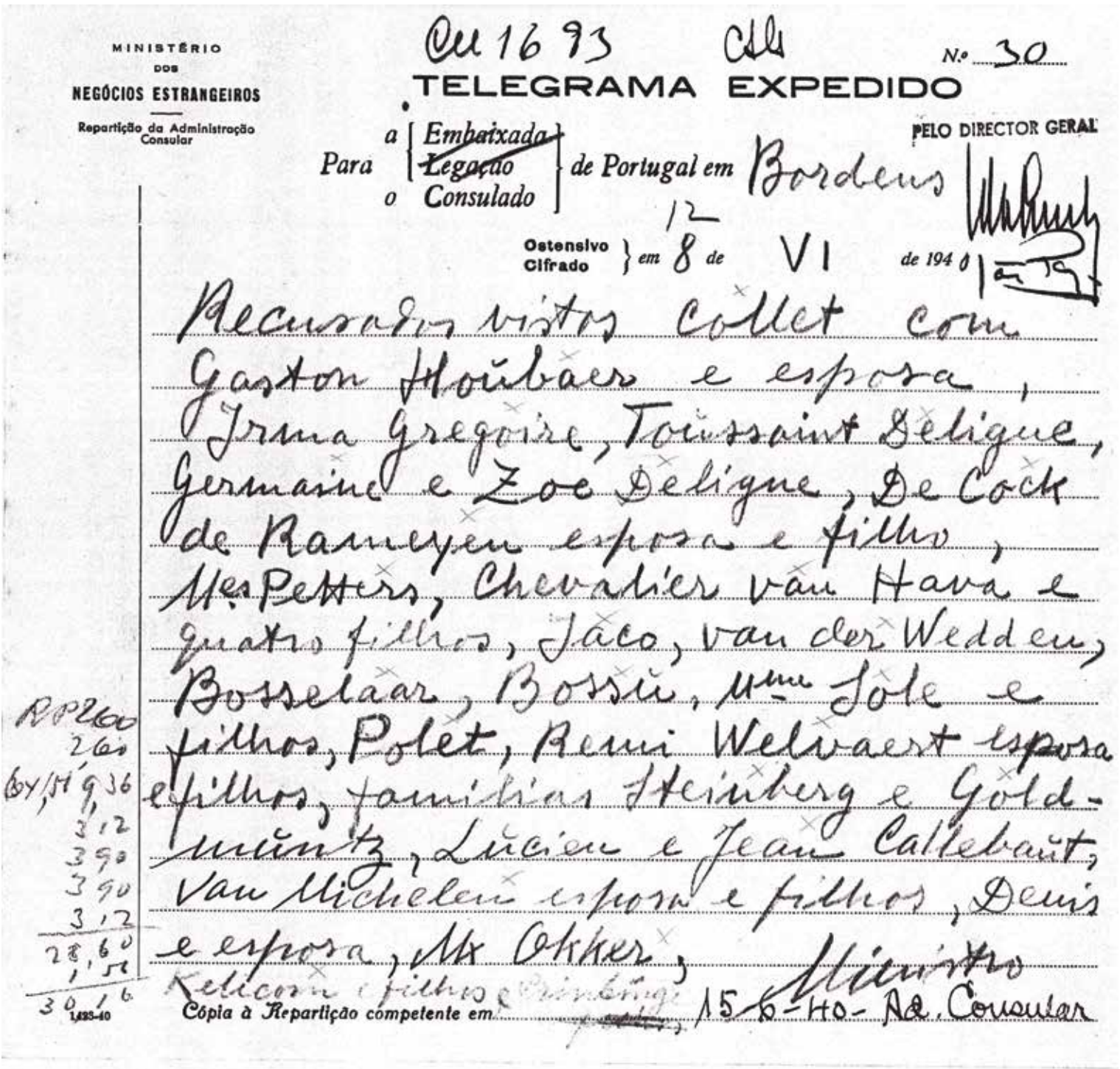
*“De tudo o que ouvi e do seu aspecto de grande desalinho, deixou-me a impressão dum homem perturbado e fora do seu estado normal. Mostrou não ter a mais ligeira noção dos actos cometidos e disse não possuir quaisquer instruções contrárias ao procedimento que seguia.”*<sup>12</sup>

Pouco tempo depois, o Ministério dos Negócios Estrangeiros instaura-lhe um rigoroso processo disciplinar que terminará, como se sabe, com o seu afastamento da carreira diplomática e a redução drástica do seu ordenado.

12. Processo disciplinar instaurado pelo MNE contra Aristides de Sousa Mendes. Arquivo Histórico do MNE.



Placa evocativa colocada na fachada do prédio onde funcionou o consulado português em Bordéus.



Telegrama do ministro dos Negócios Estrangeiros, para o consulado de Bordéus, recusando autorização de vistos a várias pessoas. 1940.





Aristides de Sousa Mendes. 1938.

Em resposta à Nota de Culpa constituída, nesse processo, contra ele, Aristides de Sousa Mendes alegará em sua defesa:

*“Procurei honrar a missão que me estava confiada e defender o nosso bom-nome e prestígio. Recorreram a mim, como representante de Portugal, homens de Estado, embaixadores, ministros, generais e outros oficiais superiores, professores, homens de letras e académicos, artistas de renome, jornalistas, alguns deles com serviços a Portugal, estudantes universitários, pessoal de várias organizações da Cruz Vermelha, membros de casas reinantes, príncipes de sangue, combatentes de todas as patentes e postos, industriais e comerciantes, religiosos, de ambos os sexos, mulheres e crianças carecendo de protecção.”*

Entre as várias acusações que lhe são feitas, uma delas é ter abandonado o seu posto em Bordéus para ir para Baiona. A essa, Sousa Mendes responde:

*“Havia alguns dias que o Senhor Faria Machado, cônsul naquela cidade [Baiona], me telefonava a expor as dificuldades em que se encontrava em vista dos milhares de pessoas que assediavam a chancelaria. Insistia aquele funcionário sobretudo na impossibilidade de atender tão grande multidão.*

*Expedia telegramas sobre telegramas ao Ministério a solicitar autorização para visar os passaportes e, não tendo respostas, apelava aflitivamente para a minha intervenção. Com as notícias da derrota das tropas francesas e do avanço rápido das tropas alemãs, tendo mesmo em dado momento sido interrompidas as comunicações telegráficas e telefónicas, pensei ser meu dever estrito naquela conjuntura, excepcionalmente grave, ir em pessoa a Baiona. Chegado ali, e perante tantos milhares de pessoas aguardando a ocasião de se aproximarem do consulado, propus ao meu colega Faria Machado, como único meio de resolver as dificuldades de momento, conceder-lhes os vistos desejados. Era realmente meu objectivo «salvar toda aquela gente», cuja aflicção era indescritível.”<sup>13</sup>*



Fachada do prédio onde, em 1940, funcionava o consulado português em Bordéus.

13. *Idem.*



Ainda em sua defesa, Sousa Mendes explicará as razões que o moveram para desacatar desta forma inusitada as ordens recebidas do Governo de Lisboa:

*“Mas, além deste aspecto emocionante ao máximo, que me enchia de comiserção por tanto infortúnio, outro havia para mim que não era para desprezar, o da sorte que estava reservada a tanta gente se caíssem nas mãos do inimigo. Com efeito, eram numerosos, entre os fugitivos, os oficiais dos exércitos dos países ocupados anteriormente, austríacos, checos e polacos, os quais seriam fuzilados como rebeldes; eram igualmente numerosos os belgas, holandeses, franceses, luxemburgueses e até ingleses, que seriam submetidos ao duro regime dos campos de concentração alemães; havia intelectuais eminentes, artistas de renome, homens de Estado, diplomatas, da mais alta categoria, grandes industriais e comerciantes, etc., que teriam a mesma sorte.*

*Muitos deles eram judeus que, já perseguidos antes, procuravam angustiosamente escapar ao horror de novas perseguições.*”<sup>14</sup>

Nenhum destes argumentos, nem o testemunho de defesa dado pelo seu colega Calheiros e Menezes, que se encontrava em Bordéus nessa altura, acabarão por surtir qualquer efeito.



Bordéus ocupada pelos alemães.



Aspectos da cidade de Bordéus durante a ocupação nazi.



Nesta sua deslocação à fronteira franco-espanhola, Teotónio Pereira aproveitará para invalidar os vistos concedidos por Sousa Mendes. As autoridades fronteiriças acabam por encerrar a fronteira espanhola durante uns dias para se regularizar esta situação. Aqueles que, por razões várias, se tinham atrasado a sair de França já não o poderão fazer agora.

À família de Esther Halpern, outra refugiada de que temos o testemunho, valeu-lhe o facto de ter uma amiga em comum com o cônsul de Baiona. Aproveitando o rescaldo do tumulto causado por Sousa Mendes, Faria Machado renovará os vistos da família Halpern inicialmente dados por Mendes.

14. *Idem.*

*“Como os alemães estavam cada vez mais próximos, partimos para Biarritz, na fronteira espanhola. Mas não podíamos chegar a Portugal sem vistos de trânsito espanhóis. Uma amiga nossa ofereceu-se para os arranjar em Baiona. Por mero acaso, essa senhora era amiga da família do cônsul português naquela cidade e passou pelo consulado para tratar de um assunto dela. Ao saber que ela tinha os nossos passaportes, que tinham sido visados em Bordéus, insistiu em os ver. Verificou, então, que estavam assinados pelo Dr. Sousa Mendes. Como ele sabia que esses vistos já não eram válidos e que não iriam ser aceites na fronteira, assinou, ele próprio, novos vistos.”*<sup>15</sup>

A 25 de Junho, é reaberta a fronteira franco-espanhola. Mas, como afirma o jornal *O Século* do dia seguinte, com regras muito mais restritivas:

*“Ontem à noite foi reaberta a fronteira espanhola para todas as pessoas que têm visto de trânsito para Portugal.*

*Todavia, foram postas restrições à passagem pela fronteira espanhola de pessoas vindas de França, sendo somente permitida a entrada em Espanha a portugueses munidos da necessária autorização, segundo o acordo estabelecido, a espanhóis e a estrangeiros que tenham os passaportes visados e escrupulosamente verificados e fiscalizados.”*

A partir desta data, poucos serão aqueles que poderão entrar legalmente em Portugal. Em 1943, a política de concessão de vistos será repensada quando se puser a questão da repatriação de judeus portugueses em ter-

ritórios ocupados.

De facto, muitos judeus, oriundos de famílias que tinham fugido de Portugal durante o período da Inquisição, tinham sabido preservar a sua ascendência, estando por isso inscritos como portugueses nos consulados das cidades onde viviam. Em Fevereiro de 1943, o Governo alemão fará saber a Portugal:

*“No interesse da segurança militar existe a intenção de submeter, a partir de 1 de Abril deste ano, todos os judeus estrangeiros que se encontram em França, Bélgica e nos Países Baixos, assim como grupos isolados dos mesmos na Alemanha e no protectorado da Boêmia e Morávia, às disposições em vigor a respeito dos judeus, incluindo a sua distinção, internamento e expulsão ulterior. Destas medidas, será atingido um número de judeus de nacionalidade portuguesa.*

15. Esther Halpern Dresner (testemunho recolhido pela autora em 2003).



Foto da página seguinte  
*Diário de Notícias*, 20 de Junho de 1940.  
*Diário de Notícias*, 22 de Junho de 1940.  
*Diário de Notícias*, 25 de Junho de 1940.  
*O Século*, 25 de Junho de 1940.  
*O Século*, 25 de Junho de 1940.  
*O Século*, 25 de Junho de 1940.

Fotos das páginas 82-83  
Passaportes e vistos emitidos por Aristides de Sousa Mendes e pelos consulados de Baiona e Toulouse, dele dependentes.



O Século, 25 de Junho de 1940.

*Por motivos de cortesia, é dado conhecimento ao Governo português antes da saída das respectivas determinações, de forma que tem a oportunidade de retirar dos referidos territórios sob domínio alemão os judeus de nacionalidade portuguesa. O visto de saída será concedido pelas entidades alemãs logo que existam os respectivos vistos de entrada; porém, deve ficar reservado o direito de exame de cada um dos casos. Depois de 31 de Março, não será mais possível um tratamento de excepção.”*<sup>16</sup>

Perante esta situação, o Governo português não tem outra alternativa senão acolher todos os que tinham os seus papéis em ordem. Contudo, acabará por ser cegamente minucioso na determinação dessa ascendência, deixando de fora muitos portugueses que acabarão por ser, posteriormente, assassinados em campos de extermínio.

Mas voltemos a Junho de 1940. Dado não ser conhecido o paradeiro dos livros de registo de entradas, dessa época, da principal fronteira terrestre, Vilar Formoso, não é possível contabilizar o número de pessoas que, efectivamente, a terão cruzado naqueles dias. Tudo indica, porém, que esse número poderá ascender a largos milhares.

16. Arquivo Histórico do MNE, *aide-mémoire* enviado pela Legação alemã a 4 de Fevereiro de 1943. 2 P A 50 M 40.

# A GUERRA EUROPEIA

## 40 REFUGIADOS POLACOS chegaram ontem a Lisboa

Em carruagem especial atrelada ao «Sud-Express», chegaram ontem à fronteira de Vilar Formoso quarenta polacos, homens, mulheres e crianças, todos os homens funcionários da Embaixada do seu país em Roma e dos consulados gerais da Polónia na mesma capital e em Trieste e Milão. Acompanhava-os o seu Embaixador, o sr. Wieniawa Dlugossowski.

A carruagem ficou retida na fronteira, por motivo de legalização de passaportes, chegando a Lisboa atrelada ao «rápido» do Porto.

## ESTRANGEIROS QUE CHEGAM A PORTUGAL

Nos últimos dois dias têm chegado a Portugal algumas individualidades que foram obrigadas a sair de França em consequência da guerra. Os hotéis de Lisboa e dos Estoril estão repletos e por várias terras do País preparam-se alojamentos para os refugiados que devem chegar hoje e nos dias seguintes.

Entre as terras que vão receber refugiados conta-se Caldas da Rainha.

A imperatriz Zita, acompanhada de seus filhos, que anteontem ficara em Vitoria (Espanha), passou ontem de manhã em Salamanca e dali seguiu para a fronteira portuguesa em automóvel, tendo almoçado em Vilar Formoso.

Muitos dos refugiados não tiveram tempo de visar os seus passaportes em França. Dezenas de automóveis têm atravessado a fronteira com personalidades francesas e belgas, e são esperados amanhã em Vilar Formoso muitos outros.

No «rápido» chegaram ontem à noite diversos refugiados, que declararam ter encontrado em Vilar Formoso os filhos do Rei dos Belgas, que se dirigem a Lisboa.

Amanhã deve chegar à capital o celebre músico polaco Niedzilecki.

## A ODISSEIA DOS REFUGIADOS NA FRONTEIRA FRANCO-ESPAÑHOLA

FRONTEIRA FRANCO-ESPAÑHOLA, 24 — O correspondente particular da «D. N. B.» informa que os guardas da fronteira tiveram ontem um dos dias de maior trabalho. As pessoas que entram em Espanha são principalmente emigrados franceses que fogem a uma situação que cada vez se torna mais difícil. Contudo, nunca passaram num só dia, tantos judeus polacos e checos como ontem. Apesar das autoridades terem tido muito trabalho, ainda ficaram em França cerca de 4.000 pessoas, visto que, por ser domingo, o consulado de Portugal em Baiona fechou mais cedo.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## O DRAMA DOS FUGITIVOS (Continuação da 1.ª página)

Milhares de automóveis ficaram bloqueados, por falta de gasolina. Entre Bordeus e Biarritz, não se pode comprar nem sequer uma migalha de pão. Entre os fugitivos, fala-se uma mistura de francês e de inglês. Os consulados espanhóis em Biarritz e Saint Jean de Luz trabalham noite e dia. — (D. N. B.)

## Passaram por Viseu numerosos belgas, franceses e americanos

UISEU, 24. — Continuam a passar por esta cidade, em direcção a Lisboa e Porto, muitos indivíduos de nacionalidades belga, francesa e americana, vindos do Sul da França. Ontem, de madrugada, passaram vinte automóveis, conduzindo franceses, que seguiram para Coimbra, por os hotéis de Viseu não terem quartos livres. Vinte e sete americanos, depois de almoçarem, seguiram para Lisboa, onde embarcarão com destino à America.

De tarde, passou um automóvel do ministro das Colónias da Belgica, conduzindo a esposa e os filhos do titular daquela pasta, que seguiram para Lisboa, onde tomarão um barco para o Congo ou para a America.

## A demora do «sud»

Devido à afluência de passageiros, a maioria refugiados do Sul da França, ontem, às 18 e 45, o «sud» ainda se encontrava em Vilar Formoso. A demora foi provocada, como era natural e como aconteceu nos dias anteriores, pela quantidade de passaportes a visar no posto da Polícia Internacional. O comboio teve de ser desdobrado; e a primeira formação chegou ao Rossio às primeiras horas de hoje, e a segunda só entrará na estação depois das 8 horas.



**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Polícia de Vigilância e Defesa do Estado**  
Seção Internacional

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**SIGNALEMENT**  
PERSONALBESCHREIBUNG

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Valido por trinta dias**

Visto neste Consulado de Portugal em Bordéus, aos 16 de Maio de 1940

Valido para uma só viagem para Portugal

O Consú,

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Signaturen - Handtekeningen**

*Handwritten signatures and stamps.*

**Foto**  
Photo  
Foto

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Valido por trinta dias**

Visto neste Consulado de Portugal em Bordéus, aos 15 de Junho de 1940

Valido para uma só viagem para Portugal

O Consú,

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**P. V. D. E. - Seção Internacional**  
Coimbra

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex

**Valido por trinta dias**

Visto neste Consulado de Portugal em Bordéus, aos 15 de Junho de 1940

Valido para uma só viagem para Portugal

O Consú,

*Handwritten text and stamps.*

**Handtekening van den houder**  
Signature of the bearer  
*Handwritten signature.*

**en van zijn echtgenote**  
and of his wife

**Kinderen - enfants - children**  
Naam - leeftijd - geslacht  
Name - age - sex  
Christian Name - age - sex







# VILAR FORMOSO

## Fronteira da Paz



Durante séculos, Vilar Formoso foi apenas mais uma povoação raiana do Nordeste português. Com a abertura da linha de caminho-de-ferro, a 1 de Julho de 1882, entre a Figueira da Foz e Vilar Formoso, e sobretudo com a ligação desta vila à cidade espanhola de Salamanca, a situação altera-se<sup>1</sup>. Em 1886, segundo o abade de Miragaia<sup>2</sup>, Vilar Formoso já tem uma espaçosa estação com alfândega e um bom restaurante. Bem perto, existe também uma hospedaria. Em Maio de 1896, por aqui passará, vinda de França, com pompa e circunstância, a noiva do príncipe real D. Carlos, a princesa Amélia de Orlêães, última rainha de Portugal.

O início da exploração regular do *Sud Express*, que ligava Lisboa a Paris, no ano seguinte, transforma esta vila raiana na principal fronteira internacional. À volta da estação, desenvolve-se, então, um novo núcleo populacional e comercial, separado do antigo povo pela ribeira de Tourões.

Na década de 1930, são feitas obras na Estação ferroviária, com vista à sua remodelação e ampliação. Durante esses trabalhos, que se vão estender até 1936, com a construção de um alpendre de protecção, as fachadas são decoradas com painéis de azulejos, da autoria do pintor João Alves de Sá. Funcionando como verdadeiros cartazes turísticos, os painéis, de grande qualidade artística e que ainda hoje se podem ver, mostravam monumentos, terras e paisagens, considerados, à época, os melhores de Portugal.

No final desta década, em 1939, e no âmbito das grandes obras do Estado Novo – que tinham antecedido as Comemorações do duplo Centenário –, inaugurava-se, com a presença de António Ferro, na Estação desta vila fronteiriça, o seu primeiro Posto de Turismo.

Meses depois, esta Estação, decorada a azulejos, será o primeiro cenário que muitos refugiados verão ao chegar a Portugal.

Para esses homens e mulheres que aqui chegarão a partir de Junho de 1940, o contraste entre o Portugal pacífico e acolhedor e a Espanha, no rescaldo de uma Guerra Civil, era enorme.

Para muitos, a própria Estação dos caminhos-de-ferro era logo motivo de admiração.

Foto do separador  
**Rua Principal de Vilar Formoso.  
1953.**  
Foto da página anterior  
**A Estação de Vilar Formoso.  
1953.**

1. A primeira ligação portuguesa à Europa fora feita, em 1881, com a abertura da linha que ligava Lisboa a Madrid.

2. Pedro Augusto Ferreira, abade de Miragaia (1833-1913), foi um homem de letras que continuou, após a morte de Pinho Leal, a sua obra *Portugal Antigo e Moderno*.





Projecto para a colocação dos azulejos na frontaria da Estação de Vilar Formoso. 1933.

“À sua frente, a estação é branca, dominada por telhas da cor das rosas, enfeitada com sardinheiras. Nas paredes, azulejos, nos quais passeiam personagens azuis, e rebanhos, e barcos de proa levantada...”<sup>3</sup>

Mas o acolhimento cordial e a simpatia das pessoas vão marcar a maior parte dos que chegam:

“Portugal era um contraste total com a Espanha. As pessoas eram calorosas, amáveis e hospitaleiras. Sorriam bastante. Não havia ninguém tristonho ou cinzento.”<sup>4</sup>

Também o testemunho de Yvette Davidoff, que acabará por ficar a viver em Portugal até ao final da vida, é bem prova disso:

“A minha mãe, eu e o nosso cão, que trouxéramos de Viena, entrámos num comboio em Madrid. Mas já não tínhamos mais dinheiro para pagar as passagens para Lisboa. Quando o revisor veio, a minha mãe perguntou-lhe se ele nos podia adiantar o dinheiro para os bilhetes. Precavendo-se, a minha mãe ofereceu-lhe o seu anel. O revisor, um homem jovem, na casa dos trinta, disse: «Não, não precisa de me dar nada. Vou pagar os bilhetes das senhoras e também o jantar no restaurante do comboio. Dou-lhes o meu nome e a minha morada e, na semana que vem, as senhoras poderão restituir-me o dinheiro em Lisboa!» Nunca nos tinha acontecido nada assim. À noite, quando chegámos a Lisboa, ele ainda nos levou a um hotel, dizendo-nos que poderíamos descontar um cheque nos próximos dias e pagar então o quarto.

Este foi o nosso primeiro contacto com os portugueses, que nunca esquecerei.”<sup>5</sup>

Arredado da Europa e com a Espanha de permeio, Portugal não estava habituado a receber, ao mesmo tempo, tão grande número de estrangeiros. Eventualmente, em Vilar Formoso, a situação era, como vimos, um pouco diferente. Contudo, antes da guerra, o *Sud Express* nunca traria, ao mesmo tempo, mais do que algumas dezenas de passageiros de cada vez. Era, apesar das suas pensões e restaurantes, uma terra pacata e rural.

A chegada inesperada, nos finais de Junho de 1940, de largas centenas de carros e pessoas à fronteira, a maior parte das quais com vistos

3. Suzanne Chantal, *Deus não Dorme*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1944.  
4. Anny Buchstab Coury (testemunho recolhido pela autora em 2003).  
5. *Lisboa 1933-1945, Ponto de Refúgio na Orla da Europa*, Catálogo de Exposição, Goethe Institut Lissabon, 1997.



Projecto de ampliação da Estação de Vilar Formoso. 1934.

passados por Sousa Mendes, veio revolucionar completamente a pequena vila. Dia e noite, os automóveis acumulavam-se em filas intermináveis e a Praça da Estação regurgitava de gente, aliviada por estar em solo português. Os que não tinham conseguido encontrar quarto numa das pensões existentes ficavam em casas particulares ou nos carros, ou acampavam ao relento nos terrenos próximos.

A hospitalidade natural das gentes beirãs, reforçada pelo apelo feito pelo pároco de Vilar Formoso para acolherem de braços abertos estes náufragos da sorte, fazem com que ao Largo da Estação comecem a chegar panelões de sopa, que será distribuída em malgas, pão e fruta, como se referirá adiante.

Para a grande maioria dos que ali se encontravam, esta será a primeira refeição quente que vão ter desde que abandonaram as suas casas.

Um dos que chega a Vilar Formoso, nos últimos dias de Junho, é o já referido George Rony, e dele é este vívido relato:

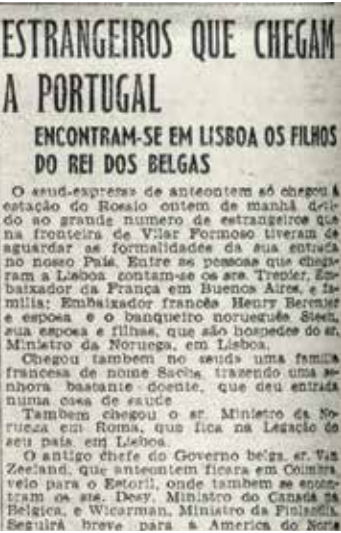
“Um olhar em frente mostrou-nos que a continuação da nossa marcha não iria ser fácil. Uma longa fila de automóveis esperava, parada, para passar a Alfândega portuguesa. Um oficial vinha caminhando ao longo dessa linha e educadamente explicava a toda a gente a causa do atraso. Desde há seis semanas, dizia ele, que os funcionários da Alfândega trabalhavam noite e dia. Mas, hoje, de automóvel e de comboio tinha chegado um tal número de refugiados à fronteira que era impossível atendê-los a todos.

Estava a ficar escuro. Natasha e eu fizemos no chão do carro uma cama para o pequeno Peter. Depois, ela enrolou-se num tapete e eu vesti o meu sobretudo para ir com o Rocky fazer um reconhecimento. Nesta região montanhosa, o ar era límpido e frio. Fui até à barreira, passando por carros cheios de gente a dormir. De vez em quando, ouvia-se um grito de chamamento e a fila lá avançava alguns metros.

De repente, fomos informados de que, apesar de os carros terem de esperar a sua vez, todos os outros passageiros que quisessem podiam ir dormir para um hotel. Agradecido, reservei um quarto para Natasha e Peter. Depois, com o cão deitado ao meu lado, deixei-me cair confortavelmente no carro para guardar o meu lugar na fila. (...)

Na manhã seguinte, conversei com refugiados e com os simpáticos guardas portugueses. Deles acabei por ter um valioso conselho. Desde Setembro de 1939 que muitos refugiados tinham chegado a Portugal, mas, depois da invasão alemã a 10 de Maio de 1940, a corrida à fronteira foi de tal maneira grande que Lisboa estava sobrelotada. Agora, a cidade não aceitava mais ninguém, a não ser que já tivesse hotel reservado. Os estrangeiros estavam a ser postos em cidades do Noroeste: Porto, Figueira





Diário de Notícias, 23 de Junho de 1940.



O Século, 24 de Junho de 1940.

da Foz e Coimbra, por exemplo. Era confortável ficar nessas cidades, mas não se poderia ir a Lisboa sem uma autorização especial da polícia. Isso tornava a obtenção de vistos e de passagens quase impossível.

«Porque não pede para ficar em Setúbal com a sua família?», disse-me um conselheiro bem informado. «Está a 20 km a sul de Lisboa. A maior parte das pessoas não vão para sul porque têm medo do calor. Mas a partir dessa cidade pode ir e vir a Lisboa no mesmo dia, o que dispensa a autorização da polícia.» Decidi, de imediato, seguir este plano. Só na tarde desse dia é que conseguimos passar a fronteira e a Alfândega e continuar o nosso caminho. Estávamos num maravilhoso estado de espírito. Antes do nosso delicioso almoço, fui buscar a minha câmara de filmar, que não usara desde que abandonara Paris, e fiz algumas imagens da multidão de refugiados.”<sup>6</sup>

As imagens captadas nesse dia, em Vilar Formoso, por George Rony fazem, hoje, parte do espólio da Cinemateca Portuguesa e estão, desde 2008, online no Corredor da Liberdade do Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes (mvasm.sapo.pt).

É um documento impressionante que nos mostra não só a ruralidade da terra e das suas gentes, como também as intermináveis filas de automóveis. Mostra ainda o Largo da Estação cheio de gente e a distribuição de comida pelos que chegavam. Até hoje, estas são as únicas imagens que se conhecem relativas à entrada de refugiados em Portugal.

Pelo seu livro, sabe-se que Rony e a família terão beneficiado de vistos passados pelo consulado português de Baiona, provavelmente ainda com a autorização de Sousa Mendes. Sabe-se também que as imagens foram captadas poucos dias depois. Podemos, por isso, especular com algum grau de certeza que a maioria dos refugiados que se encontrava na fronteira nessa manhã teria vindo com autorizações emitidas pelo nosso cônsul, Aristides de Sousa Mendes.

Apesar da Censura, a imprensa portuguesa não pode ignorar a entrada de tanta gente pelas fronteiras do país. Assim, aqui e ali, vão surgindo, em alguns jornais, notícias que nos dão conta do que se está a passar em Vilar Formoso e noutras fronteiras.

A 20 de Junho, o Diário de Notícias refere a chegada no Sud Express de pessoal das embaixadas da Polónia em Itália e respectivas famílias.

Dois dias depois, o mesmo jornal voltava a escrever: “Nos últimos dois dias têm chegado a Portugal algumas individualidades que foram obrigadas a sair de França em consequência da guerra. Os hotéis de Lisboa e dos Estoris estão repletos e por várias terras do país preparam-se alojamentos para os refugiados que devem chegar hoje e nos dias seguintes. Entre as terras que os vão receber, conta-se as Caldas da Rainha.

A imperatriz Zita, acompanhada dos seus filhos, que anteontem ficara em Vitória (Espanha), passou ontem de manhã em Salamanca e dali seguiu para a fronteira portuguesa em automóvel, tendo almoçado em Vilar Formoso. (...)

Dezenas de automóveis têm atravessado a fronteira, com personalidades francesas e belgas, e são esperadas amanhã, em Vilar Formoso, muitos outros.

No rápido chegaram ontem à noite muitos refugiados que declararam ter encontrado em Vilar Formoso os filhos do Rei dos belgas que se dirigem a Lisboa.”

6. George Rony, ob. cit., pp. 248-250.



Estação de caminho-de-ferro de Vilar Formoso. 1953.

A 23 de Junho, ainda o DN afirmava: “O Sud Express de anteontem só chegou à estação do Rossio ontem de manhã devido ao grande número de estrangeiros que na fronteira de Vilar Formoso tiveram de aguardar as formalidades da sua entrada no nosso País.”

E, mais à frente, refere: “O Sud Express só chegará hoje de manhã a Lisboa, pois teve novamente larga demora em Vilar Formoso.

Muitos dos estrangeiros que têm entrado em Portugal viajam de automóvel e têm ficado hospedados em várias terras de província.”

Nesse mesmo dia, também o jornal O Século adianta: “As notícias recebidas durante a noite em Lisboa indicam aumentar constantemente na fronteira luso-espanhola o número de refugiados estrangeiros que pretendem entrar no nosso país.”

A Vilar Formoso vão também chegar, neste final de Junho, duas celebridades internacionais, a antiga atriz austríaca Nora Gregor, que por casamento era agora a princesa Starhemberg, e a atriz de cinema francesa Marie Glory. Sobre a chegada desta última à fronteira portuguesa, escreverá mais tarde Fernando Fragoso na Vida Mundial Ilustrada:

“Quando chegou a Vilar Formoso, Marie Glory teve a maior crise nervosa de quantas a assaltaram no decurso da sua dramática viagem: estava finalmente em Portugal! A alegria, por um lado, a depressão causada por tantas emoções, por outro, fustigaram os seus nervos doentes. Chorava, ria, batia os dentes, como se tiritasse de frio.









Refugiada em Vilar Formoso tentando fazer-se entender pelas autoridades portuguesas. Junho de 1940.

Será, possivelmente, devido a essa rigorosa fiscalização que vão ser identificados e detidos muitos exilados portugueses que contavam poder entrar em Portugal, no meio da confusão. Entre estes, destaca-se o escritor e historiador Jaime Cortesão, que será detido, em Vilar Formoso, no dia 27 de Junho, juntamente com a sua mulher, Maria Judith. Ambos serão enviados para o Aljube, transitando, mais tarde, ele para o forte de Peniche, e ela para a prisão das Mónicas. Nesse mesmo dia, foram ainda detidos Francisco Xavier da Cunha Aragão, Álvaro Poppe e Ernesto Poppe, também eles opo- sitores ao regime.

No dia 28 de Junho, o jornal regional *A Guarda* ainda noticiava a afluência de refugiados:

*“Em Vilar Formoso, como a Polícia não pudesse verificar rapidamente toda a documentação, algumas centenas de estrangeiros viram-se na necessidade de dormir ao relento, sob a vigilância da Guarda Fiscal. (...) A estrada internacional de Vilar Formoso é percorrida diariamente por centenas de luxuosos carros de todas as marcas, transportando pessoas que fogem à invasão alemã e procuram lugar de refúgio.”*

Com o encerramento da fronteira espanhola e a invalidação dos vis- tos passados por Sousa Mendes, o afluxo de gente diminui drasticamente. Disso dá parte o jornal *O Século* no dia 29 de Junho:

*“O movimento de refugiados diminui na fronteira franco-espanhola, e em Hendaya encontra-se uma coluna motorizada alemã.”*

No âmbito da investigação levada a cabo para a materialização de *Vilar Formoso – Fronteira da Paz*, foram recolhidos alguns testemunhos, entre eles o do antigo governador civil do Distrito da Guarda, Prof. Adriano

Vasco Rodrigues<sup>8</sup>, o qual, por ser natural desta cidade, acabou por ser tes- temunha privilegiada de muitos acontecimentos que tiveram lugar nesta região durante a II Guerra Mundial. Através das suas lembranças, ficámos a saber que alguns refugiados, nomeadamente os que vinham com proble- mas pulmonares, se instalavam na Guarda. Foi o caso do comandante de um navio grego, cujo barco ficara retido em Lisboa e que aqui perma- neceu durante alguns meses. O mesmo aconteceu com uma jovem estran- geira, a quem os rapazes da Guarda, fascinados pela sua beleza, chamavam ternamente a “Francesinha”. Contudo, o seu estado de saúde era muito grave e a dita “Francesinha” acabou por falecer pouco tempo depois.

Ao desenrolar as memórias desta época, Adriano Rodrigues relembra várias histórias, umas alegres, outras bem trágicas. Por ele, fica-se a saber que os estudantes que se encontravam hospedados na Guarda, no início do Verão de 1940, se prontificaram a ceder os seus quartos aos estrangei- ros, não se importando de dormir no chão dos corredores ou das salas das casas que habitavam. Entre outras histórias, refere o caso do estudante que, aproveitando-se do desespero de um estrangeiro, quis fazer um bom negócio comprando uma máquina fotográfica *Leica* por vinte escudos. Mas, mal a notícia se soube, os colegas brindaram-no com uns bons sopapos, tendo-o obrigado a devolver imediatamente a máquina. Como o homem tivesse já gasto o dinheiro, os estudantes não quiseram receber dinheiro nenhum e acabaram por dar do bolso deles os vinte escudos ao colega que, ao que parece, também não vivia muito desafogado.

No final de Junho de 1940, Adriano Rodrigues está de férias em casa de uma familiar em Vilar Formoso. Relembra, por isso, com nitidez a avalanche de refugiados que chega por esses dias. Muitos serão acolhidos pelas gentes da terra, tendo alguns ficado instalados em casas de parentes seus. Também recorda a azáfama das mulheres da terra, entre as quais se encontrava uma sua tia, para fazerem os tais panelões de sopa que era distribuída pelos que chegavam.

No meio das histórias que presenciou, há uma que ainda hoje, pas- sados setenta e tal anos, o assombra. O caso passou-se com uma família belga, um casal com dois filhos pequenos, que se instalou em casa da sua tia. Conta o Prof. Adriano Rodrigues que a senhora belga, desde que chegara, só chorava. Não comia nem dormia e emagrecia a olhos vistos. Preocupada, a tia de Adriano Rodrigues tentou saber o que se passava e como a poderia ajudar. O marido da dita senhora explicou-lhe então o drama que estavam vivendo. Para poderem escapar aos alemães, tinham sido ajudados pela Resistência Francesa. Contudo, e para não porem em risco esta operação de salvamento, não puderam abandonar o local em que se encontravam ao mesmo tempo. Assim, ficara estabelecido que o pai partiria com os filhos, e a mulher continuaria escondida até poder partir. Quando, dias depois, se reuniram em lugar seguro, constataram que nenhum dos dois tinha trazido o bebé de meses que estava a dormir no berço, pensando ambos que o outro o tinha feito. Não podendo expor a rede que os ajudara nem pôr em risco a vida dos outros filhos, não puderam voltar para trás.

8. Natural de Vilar Formoso, o Prof. Adriano Rodrigues foi, na sua juventude, testemunha da chegada de refugiados àquela terra beirã. As suas memórias deste tempo foram gravadas, em 2013, no âmbito deste projecto.





Diário de Coimbra, 26 de Junho de 1940.

Nunca se soube, em Vilar Formoso, se a criança teria acabado por ter sido resgatada.

Durante os anos da guerra, Vilar Formoso foi também palco de algumas acções de sabotagem. Algumas foram apenas incidentes, apesar de terem valido alguns dias de prisão ao seu autor. Foi, por exemplo, o caso de um rapaz que encheu de areia o depósito de um carro pertencente a oficiais alemães. Como é óbvio, o carro nunca mais andou... Mas outros foram actos de sabotagem sérios que poderiam ter tido consequências muito graves para a própria vila. O mais importante ocorreu na madrugada de 16 de Junho de 1942. Tanto quanto se sabe, o objectivo era a destruição de um carregamento que ia ser enviado para a Alemanha: bens alimentares, cortiça e material para fins bélicos, como volfrâmio, alumínio e terbentina. O incêndio terá começado nos armazéns junto à Estação, onde se encontrava a mercadoria. No entanto, as explosões que lhe sucederam propagaram rapidamente o fogo a outros edifícios e aos comboios que se encontravam próximos. A vila não terá sido destruída devido ao sangue-frio de um maquinista que, sabendo da existência de um comboio cheio de produtos inflamáveis, o conduziu para uma linha de manobra distante da povoação.

Como seria de se esperar de um país sob forte Censura, a notícia foi vagamente dada pelos jornais regionais e, mesmo, pelos nacionais. O principal jornal português da época referia assim o acontecimento:

“Cerca de 100 toneladas de mercadorias destruídas por um incêndio junto à estação de Vilar Formoso.”<sup>9</sup> Nos jornais regionais, o tom era identicamente lacónico: “Manifestou-se um grande incêndio num armazém da estação fronteiriça de Vilar Formoso”<sup>10</sup> e “Vilar Formoso – Hoje, cerca das duas da madrugada, manifestou-se um violentíssimo incêndio na estação dos caminhos-de-ferro desta vila.”<sup>11</sup>

Ao longo dos anos que se seguiram e até ao final da guerra, muitos refugiados ainda entrarão em Portugal, grande parte deles ilegalmente, com o apoio de redes clandestinas ou de passadores locais. Porém, a situação de excepção que se viveu, no final do mês de Junho de 1940, não se voltará a repetir.

9. Diário de Notícias, 16 de Junho de 1942.

10. A Guarda, 19 de Junho de 1942.

11. Diário de Coimbra, 17 de Junho de 1942.

# O comboio maldito

A 11 de Novembro de 1940, Vilar Formoso assiste à chegada de uma nova leva de refugiados. Só que, ao contrário do que acontecera em Junho, desta vez a saga dos participantes não terá um desfecho feliz.

Antes da invasão da Europa, o Grã-Ducado do Luxemburgo tinha cerca de 5000 judeus<sup>12</sup>.

Imediatamente após a invasão, a 10 de Maio, cerca de 700 judeus fogem da capital do Grã-Ducado para zonas rurais e 400 são evacuados, a partir do distrito de Esch-sur-Alzette, por tropas francesas. Quem relata estes acontecimentos é o grande rabino do Luxemburgo, Robert Serebrenik, que, mais tarde, se refugiara nos Estados Unidos. Segundo o Memorando que enviou, em 1963, a Paul Cerf, historiador luxemburguês, e que vamos aqui seguir, sabe-se que:

“Na manhã do dia da invasão, formei o Consistório Israelita, tendo como presidente o Dr. Alex Bonn, já que, dos 11 membros do Consistório pré-invasão, só um tinha ficado na cidade. O novo Consistório de emergência entrou em contacto e em negociações com o Provisorische Luxembourger Verwaltungskommission (Comissão Administrativa Provisória do Luxemburgo, presidida pelo Dr. Albert Wehrer), que, entre outras entidades, fornecia fundos e alimentos à comunidade para ajudar as centenas de refugiados de que tínhamos de cuidar.”

De início, não foram decretadas medidas discriminatórias contra os judeus. O próprio comandante do 6.º exército alemão teria assegurado a Serebrenik a segurança dos judeus luxemburgueses e a sua liberdade de culto. Mas a substituição deste Governo militar por um outro civil, em Agosto de 1940, encabeçado por Gustav Simon, o *Gualeiter*<sup>13</sup>, veio alterar radicalmente a situação, como afirmará a grã-duquesa do Luxemburgo no seu protesto, emitido a partir de Londres, contra as autoridades alemãs:

“Este «Gualeiter» entra na cidade do Luxemburgo à frente das tropas da polícia alemã. No discurso que então pronunciou, proclamou o carácter alemão do povo luxemburguês. Paulatinamente, suprimiu o uso da língua francesa, que desde há séculos era a língua oficial do país, impôs o uso do alemão, aboliu a Constituição, retirou a fórmula de fidelidade a Sua Alteza Real a Grã-Duquesa e proibiu os termos Grão-Ducado e país do Luxemburgo”<sup>14</sup>.

A percepção de um desastre iminente e as informações confidenciais passadas pelo barão Hauptmann-Hoiningen-Huene, a quem os judeus do Luxemburgo muito ficarão a dever, levarão o grande rabino e o Consistório a preparar um plano de evacuação de toda a comunidade luxemburguesa:

12. As perseguições na Alemanha tinham feito subir para este número uma comunidade que, em 1935, tinha cerca de 3200 pessoas.

13. Designação dada, normalmente, ao chefe local do Partido Nazi.

14. Um protesto oficial da grã-duquesa do Luxemburgo conta a ocupação alemã enviada ao ministro plenipotenciário de Portugal em Washington. Arquivo Histórico do MNE.





Gare da Estação de Vilar Formoso. Fotografia tirada por Joseph Galler do interior do comboio proveniente do Luxemburgo.

“Informações confidenciais que tinha recebido do capitão barão de Hoiningen-Huene, chefe da Passierscheinstelle<sup>15</sup>, que os dias da administração militar alemã estavam contados. Por isso começámos a levar judeus para a Bélgica onde parecia que o Governo Militar iria permanecer. Logo após a queda da França, organizámos o primeiro transporte de 56 judeus que partiu, com destino a Lisboa, a 8 de Agosto de 1940.”

O memorando de Serebrenik, escrito 23 anos depois destes acontecimentos, poderá ter algumas incorrecções, nomeadamente nas datas. Pelo menos, é o que parece, tendo em conta um telegrama cifrado, de 14 de Agosto de 1940, que se encontra no Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que aponta para uma data diferente desse transporte de Agosto e um número diferente de pessoas que terão vindo nele:

“Sequência minha carta 12 de Julho Legação de Berlim concedi 43 vistos de trânsito emigrantes ultramar. Transporte via estrada parte Luxemburgo 14 Agosto. Por favor informar autoridades fronteiriças. Peço instruções para futuro.”<sup>16</sup>

Dois dias depois e, provavelmente, na sequência de algum reparo do Ministério contra a concessão destes vistos, o cônsul volta a telegrafar, a 16 de Agosto, um novo telegrama: “Ignorar passagem paga, agradece-se que a Polícia Vigilância reconheça todos os vistos anteriores 15 de Agosto. Buck.”<sup>17</sup>

15. Entidade oficial responsável pela emissão de salvos-condutos.

16. Arquivo Histórico do MNE, telegramas enviados e recebidos em 1940 do consulado português do Luxemburgo.

17. *Idem*.

O fim da administração militar no Luxemburgo, a 1 de Agosto, representa o começo do verdadeiro calvário dos judeus luxemburgueses. Um mês depois, as leis raciais de Nuremberga são impostas neste país. Com o auxílio do Consistório, Serebrenik procura, desesperadamente, uma saída de toda a comunidade judaica através de Portugal. Os contactos com o consulado português intensificam-se. A 14 de Setembro, novo telegrama do cônsul português é expedido do Luxemburgo para Lisboa:

“Existe possibilidade de Portugal aceitar receber 1000 judeus provenientes do Luxemburgo? Agradeço resposta urgente. Buck.”

Não se conhece a resposta, mas tudo indica que esta terá sido negativa. Mesmo assim, em Outubro, um novo transporte com 150 pessoas ainda entra em Portugal sem problemas. Entretanto, em Lisboa, tinha sido criada, com o auxílio da Joint (American Jewish Joint Distribution Committee), a Comlux<sup>18</sup>, uma organização chefiada por Albert Nussbaum, especialmente vocacionada para ajudar a emigração dos judeus luxemburgueses para o outro lado do Atlântico.

Enquanto isto, três vezes por semana, camionetas com 25 pessoas cada vão passar ilegalmente para a França Livre na zona de Dijon. Com este sistema, em oito meses, conseguiram-se evacuar quase duas mil pessoas.

A 7 de Novembro de 1940, parte com destino à capital portuguesa um novo transporte. A bordo de vários autocarros, vêm cerca de 300 judeus. Desta vez, serão escoltados por agentes da Gestapo fardados e armados. Segundo o Memorando de Serebrenik, será devido a este facto que o terceiro comboio é impedido de entrar em Portugal.

“Quando chegaram a território português, à fronteira de Vilar Formoso, embriagados com a ideia de que o mundo lhes pertencia, entraram em confronto com a polícia de fronteira. O incidente acabou por se tornar num escândalo diplomático. O comboio, com os seus 297 passageiros, foi forçado, depois de uma semana de espera, a regressar a Espanha e daí para Baiona, em França.”

Também o responsável da Comlux em Lisboa, Albert Nussbaum, que, em Novembro de 1940, está em Vilar Formoso para receber os seus compatriotas, entre os quais a mãe e outros familiares, dá-nos conta, numa carta, desta trágica situação. A 21 de Novembro, Nussbaum envia do Hotel Francfort Santa Justa, de Lisboa, uma carta a Jos. Bechrelata, ministro dos Negócios Estrangeiros do Luxemburgo, no exílio em Londres, relatando-lhe o sucedido e pedindo a sua intervenção, junto das autoridades brasileiras, no sentido de encontrar vistos para os passageiros do comboio amaldiçoado para aquele país:

“Entretanto chegou a Vilar Formoso, a 11-11, um transporte de 290 israelitas munidos de vistos para Cuba e para Portugal passados em Bruxelas. A Gestapo acompanhou-os até Vilar Formoso, em território português. Infelizmente, este transporte ficou encerrado num comboio, dia e noite, até 19-11. Nessa altura, aquelas pobres pessoas foram recambiadas para Espanha. Chegaram, ontem, a Hendaia num estado de grande exaustão, e este aprisionamento acabou por custar a vida a uma mulher.”<sup>19</sup>

18. A Comlux funcionava na Rua Latino Coelho, n.º 57, 3.º Esq., em Lisboa.

19. Archives de l'État Grand-Duché de Luxembourg, 0330.



Parece, contudo, que o envolvimento de Nussbaum neste episódio é mais rocambolesco. Segundo alguns testemunhos, o tal escândalo diplomático, de que falava o Dr. Serebrenik, prendia-se com o facto de ter havido troca de tiros<sup>20</sup> entre a guarda portuguesa e os alemães, por estes terem tentado “raptar” o responsável da Comlux. Segundo informações fornecidas por Rachel Galler Wolf, uma das pessoas que viajou nesse comboio, Albert Nussbaum, quando viera para Lisboa, pouco tempo depois da invasão do Luxemburgo, trouxera, a pedido de muitas famílias judias, jóias, diamantes, ouro e outros bens, para não serem confiscados pelas tropas de ocupação.

A tentativa de rapto estaria, assim, ligada não só a um eventual ajuste de contas, mas, mais ainda, à necessidade de extorquir informação que viesse a permitir aos alemães deitarem a mão a essa fortuna guardada, agora, em terra lusa.

Durante uma semana, estas 300 pessoas tiveram de ficar, à vista da estação, fechadas no comboio e em condições higiénicas e de conforto muito precárias. Sabe-se que foram alimentadas pela Cruz Vermelha e pelas populações locais.

Impedidos de fazerem entrar, em Portugal, estes luxemburgueses, e sem saberem o que lhes fazer, os alemães regressam a França. Durante dias, o comboio continua a circular pelo Sul de França. Depois, este grupo será internado numa antiga fábrica em Mousserolles (Baiona), paredes meias com um campo de prisioneiros de soldados franceses. Aí ficarão, quase sem vigilância e com alguma liberdade de movimentos, até Abril de 1941. Nessa altura, e segundo o testemunho de Renée Galler, outra passageira deste comboio<sup>21</sup>, o comandante alemão, responsável pelo campo, que, segundo vários testemunhos, seria uma pessoa razoavelmente humana, terá dito: “*Non sei que fazer convosco. Que tal desaparecerem?...*” É o que farão. Dali irão para a França Livre. Alguns tratam de arranjar vistos para outros lados ou passam clandestinamente a fronteira, mas muitos vão ficar, acreditando que, ali, poderiam viver em paz até ao final da guerra. A ocupação alemã dessa parte da França, em 1942, e a colaboração do Governo de Vichy com a Gestapo ditam-lhes como destino os campos de extermínio. Poucos sobreviverão.

Durante o tempo que dura este internamento em Baiona, Albert Nussbaum “bombardeia” literalmente com cartas os vários ministros luxemburgueses no exílio, a fim de encontrar soluções tanto para este grupo, como para os outros judeus que ainda estavam no Luxemburgo. Em carta ao ministro da Justiça, Victor Bodson, que se encontrava no Canadá, em Montréal, escreve a 13 de Janeiro de 1941:

*“O desespero é grande em Bayonne e a catástrofe aproxima-se de hora a hora no Luxemburgo. Depois de ter falado, ontem, com pessoas que conhecem a fundo os nossos problemas sobre as possibilidades de os ultrapassar, permito-me enviar-lhe duas propostas para que as possa estudar. Com a tenacidade e a energia que lhe são características, será possível ajudarmos um número limitado de pessoas. Apesar de não ser muito, será já um começo. Ajudar 500 ou mesmo mil pessoas não é o mesmo*

20. Segundo Manuel Andrade, residente em Vilar Formoso, teria de facto havido uma troca de tiros entre portugueses e alemães.

21. Renée Galler (testemunho USC Shoah Foundation).



Passaporte de Renée Galler e família.



Passaporte de Madame Galler.

*que ajudar cem mil. Assim, temos de tentar resolver o problema por etapas. Estou convencido que conseguiremos.*”<sup>22</sup>

Os ecos deste incidente diplomático, com repercussões dramáticas para tanta gente, é praticamente omissos nos Arquivos Portugueses. No entanto, numa pasta recentemente desclassificada do Ministério dos Negócios Estrangeiros, encontrou-se um ofício, datado de 16 de Novembro de 1940, que aponta para a eventualidade de os consulados portugueses do Luxemburgo e de Bruxelas estarem a passar vistos indevidamente, e o incidente na fronteira teria sido a gota de água que vai justificar a atitude drástica do Ministério em relação a estes consulados:

*“A título de informação, tenho a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que os cônsules de Portugal em Bruxelas e no Luxemburgo foram proibidos por este ministério de expedir passaportes ou de conceder vistos em passaportes.*”<sup>23</sup>

Depois deste terrível incidente, Robert Serebrenik não descansa e continua a tentar tirar os judeus do Luxemburgo. Nesse sentido, irá algumas vezes a Berlim, como ele próprio afirma no seu já citado Memorando, para discutir com o Dr. Epstein, da Associação do Reich dos Judeus da Alemanha (Reichsvereinigung der Juden in Deutschland), a organização que tratava e financiava o transporte de judeus para fora da Alemanha e territórios ocupados e que tentava obter vistos para outros países.

A *Solução Final* para a questão judaica, que ditará um tenebroso destino para milhões de pessoas, só será posta em prática a partir de 1942.

22. Archives de l'État Grand-Duché de Luxembourg, 0254.

23. Arquivo Histórico do MNE, Repartição e Administração Consular, Minutas de Novembro e Dezembro de 1940, p. 304.





Albert Nussbaum no escritório da Comlux em Lisboa. 1940.

Por esta altura, os alemães sonhavam, apenas, com a expulsão dos judeus da Europa.

Em Março de 1941, porém, o superintendente Kauner, do Departamento da Gestapo no Luxemburgo, que tratava de tudo o que dizia respeito aos judeus, informa Serebrenik de que teria de se apresentar, no dia 23 de Março, em Berlim porque Adolf Eichmann queria falar com ele.

Mais uma vez, informado pelo barão de Hoiningen-Huene, Serebrenik sabe quem realmente é Eichmann e o papel que este tinha desempenhado no destino dado aos judeus polacos e austríacos. O barão informa-o, ainda, de que os alemães estavam à procura de uma nova solução relativa aos judeus e que estavam a preparar-se para os proibir de sair da Alemanha e dos territórios ocupados, de forma a utilizá-los como trabalhadores escravos em campos de trabalho.

Acompanhado por dois agentes da Gestapo, Serebrenik desloca-se a Berlim na data marcada e, a 24 de Março, encontra-se, duas vezes, com Adolf Eichmann no Departamento Central da Segurança do Reich, na Kurfürstenstraße, n.º 116.

No primeiro encontro, logo de manhã, os dois estão sozinhos. No segundo, depois do almoço, Serebrenik vai acompanhado por Louis Sternberg, o terceiro presidente de emergência do Consistório Luxemburguês. Na reunião, estão também presentes o Dr. Epstein, um tal Dr. Braun e um conselheiro<sup>24</sup>, Stofer.

Quando sai da reunião, Serebrenik vem sem quaisquer ilusões. As fronteiras dos territórios sob a tutela alemã vão ser fechadas muito rapidamente e, se quiser continuar a salvar gente, vai ter de actuar muito depressa.

Entretanto, Eichmann tinha-lhe feito ver que fazia questão que o Luxemburgo fosse *Judenrein* (limpo de judeus) e, se ele não o conseguisse

24. No original, *Kommerzienrat*.

ajudar a evacuar para oeste todos os judeus que ainda lá viviam, ele levá-los-ia, então, para este. Diz-lhe, também, que deverá usar de toda a sua influência “junto da AJDC<sup>25</sup> em Lisboa e da PVDE para arranjar vistos de trânsito para Espanha e Portugal, para os judeus alemães, dos quais alguns milhares tinham sido enviados para Berlim, onde esperavam esses vistos”<sup>26</sup>. Eichmann, que estava muito bem informado das actividades de Serebrenik em Lisboa, adverte-o, ainda, dizendo-lhe que estava ciente do que ele andava a fazer sem a sua aprovação ou a da Gestapo. Perante isto, Serebrenik fornece-lhe “um plano detalhado como agora eu pensava concluir a evacuação dos judeus do Luxemburgo (a qual tinha tido a oposição do Exército alemão por se sentir embaraçado pelo transporte de judeus em tempo de guerra!)”<sup>27</sup>.

Segundo ele próprio, muito do que escreve no relatório que entrega a Eichmann era pura fantasia. Contudo, este aceitou-o como bom. E Serebrenik conclui com alguma ironia: “tal como a Gestapo no Luxemburgo, também ele achava que eu era um fazedor de milagres”<sup>28</sup>.

Pouco tempo depois, os ataques contra os judeus do Luxemburgo intensificam-se.

Avisado por Hoiningen-Huene de que estava marcado para ser abatido, Serebrenik acabará por abandonar o seu país, em direcção a Lisboa, com um grupo de 66 judeus, em Maio de 1941.

Mais tarde, em 1961, Robert Serebrenik será uma das testemunhas de acusação apresentadas no julgamento de Adolf Eichmann, em Israel.

Na preparação de *Vilar Formoso – Fronteira da Paz*, o Comboio do Luxemburgo chamou a nossa atenção, sobretudo por ser tão pouco conhecido do grande público. Sem que nada o fizesse prever, aos poucos, as informações começaram a chegar da forma mais inesperada. Remexendo em documentação antiga, enviada, por engano, há mais de dez anos, pelos Archives de l'État Gran-Duché de Luxembourg, fomos encontrar alguns documentos sobre esta matéria, classificados como “*Affaire Nussbaum*”.

Dias depois, soubemos também, por acaso, que um professor da Universidade do Luxemburgo, João Schwartz da Silva, saberia da existência de uma sobrevivente deste comboio. Graças à *internet*, conseguimos chegar à fala com o dito professor (que, entretanto, viemos a descobrir ser concunhado de um grande amigo). Alguns dias mais tarde, simpaticamente, Schwartz da Silva enviava-nos o telefone e a morada da senhora Rachel Galler Wolf. Feito o contacto, Rachel enviou-nos o seu testemunho por *email* e combinou-se a sua vinda a Vilar Formoso, para ser feita uma entrevista gravada.

Por esta altura, tínhamos, também, recuperado um vídeo gravado pela Fundação Aristides de Sousa Mendes, posto à nossa disposição, em 2008. Aí se encontra o testemunho de um antigo comerciante de Vilar Formoso – entretanto falecido –, Manuel Andrade, e de sua mulher, Elvira. Nessa entrevista, conduzida por António Pedro Cabral Moncada, é relatada a morte de duas pessoas, provenientes do referido comboio: uma do sexo feminino e outra do sexo masculino. Ambas teriam cerca de 60 anos. Segundo Manuel Andrade, teriam morrido em dias diferentes e em casas

25. American Jewish Joint Distribution Committee.

26. Memorando de Robert Serebrenik enviado a Paul Cerf, a 3 de Novembro de 1963.

27. *Idem*.

28. *Idem*.



diferentes (embora ambas no Largo da Estação) e teriam sido sepultadas no cemitério de Vilar Formoso.

É, então, que resolvemos pedir ajuda a uma professora de História, Isabel Magalhães, residente no concelho de Almeida.

Depois de uma breve conversa telefónica, constatámos que já nos conhecíamos. Tínhamos estado juntas, em 1984, em Barrancos, no Alentejo, numa campanha de escavação na vila de Noudar, chefiada por Cláudio Torres.

Aliciada com esta história, Isabel Magalhães pôs-se em campo e na Conservatória do Registo Civil/ Predial/Comercial de Almeida foi encontrar a certidão de óbito de Perl Greif, de origem austríaca, mulher de Hersch Greif e que morrera a 18 de Novembro de 1940, vítima de síncope cardíaca. Relativamente ao outro falecimento, não havia registo.

Ao colocar estes dois nomes na *internet*, Isabel Magalhães acabou por encontrar a lista dos passageiros do comboio de judeus provenientes do Luxemburgo, em Novembro de 1940.

Na posse destas preciosas informações, cruzámos esta lista com uma outra, fornecida pela USC Shoah Foundation, de pessoas cujos testemunhos haviam sido recolhidos em vídeo nos anos 90. Conseguimos encontrar mais alguns passageiros desse comboio: Erika Thuna, Arthur Klein, Renée Galler e Salomon Edelman.

Seguem-se excertos dos relatos de cada um deles sobre esta viagem.

Registo de óbito de Perl Greif.

# A mesma história, quatro testemunhos

A mente humana pode ser traiçoeira quando tentamos relembrar histórias passadas. Se o mesmo acontecimento pode ser vivido pelos seus intervenientes de forma diferente, mais tarde as recordações de cada um também podem divergir.

Renée Galler, Erika Thuna, Rachel Wolf e Arthur Klein viveram a mesma aventura. Todos estiveram no comboio que não pôde entrar em Portugal em Novembro de 1940. No entanto, as versões nem sempre coincidem. Uns falam de agentes da Gestapo, outros de soldados alemães. Uns referem que quem morre no comboio é um homem, outros, uma mulher. Uns dizem que chegaram a Vilar Formoso de camioneta, outros de comboio. Uns referem que os portugueses não permitiram a entrada do comboio por virem soldados fardados a bordo, outros porque os vistos eram falsos. Acreditamos que todas estas versões são complementares e que, de certo modo, todas estarão certas.

É provável que tenham morrido duas pessoas. A viagem que começa, de facto, de autocarro passa a ser feita de comboio a partir de Espanha. Quanto à proibição da entrada em Portugal, pode ter sido devida a duas questões diferentes: a primeira, relacionada com a entrada de soldados armados de um país beligerante num país neutro; a segunda, com a validação dos vistos. É possível que, perante um tão elevado número de vistos para Portugal e para Cuba, as autoridades tivessem necessidade de confirmar a sua autenticidade. Os dez dias de espera terão servido para isso e, eventualmente, para procurar uma solução alternativa.

## Renée Lilienbaum Galler

Nasceu em França, em 1913. Em 1940, vivia no Luxemburgo com o marido e dois filhos pequenos. Apenas ela e os filhos vêm no comboio. Depois de libertados do campo de Mousserolles, vão para Lyon. O marido, internado noutro campo, também é libertado. Em 1942, depois de saberem que todos os seus amigos tinham sido deportados, conseguem passar, clandestinamente, através dos Pirenéus e chegar a Espanha e, depois, a Portugal. De Lisboa, partirão para os Estados Unidos.

“Partimos a 7 de Novembro de 1940. Este transporte com cerca de 300 pessoas partiu do Luxemburgo, em caravana, com cerca de oito autocarros. Levámos alguns dias a atravessar a França. Dentro dos autocarros respirava-se um certo alívio. Acreditávamos que nos íamos embora e estávamos esperançosos. Mal sabíamos nós que teríamos de voltar para trás.



Viajávamos fora de horas, já que os alemães não queriam que nos vissem e que se soubesse o que estava a ser feito. Grande parte do percurso era feita de madrugada. Quando parávamos, éramos colocados em hotéis baratos. Nessa altura, podíamos comprar mantimentos para o dia seguinte. Quando chegámos à fronteira espanhola, não pudemos logo passar porque não tínhamos vistos de trânsito. Depois de algumas negociações entre as autoridades espanholas e o líder do nosso grupo, o Sr. Hayum, conseguiram-se as autorizações. Os agentes da Gestapo que nos acompanhavam (dois por cada autocarro) não interferiram nas negociações. Fomos, então, colocados num comboio em Irun que nos levou até à fronteira em Vilar Formoso. Aí, os portugueses não nos deixaram entrar. A razão parece ter sido por os agentes da Gestapo virem fardados e com armas, e isso violava a neutralidade portuguesa. Pelo que percebemos, houve um tiroteio entre portugueses e alemães. Pelo menos, essa foi a história que nos contaram depois. Puseram, então, o nosso comboio numa linha secundária. Tivemos sorte porque éramos só onze pessoas nesse compartimento. No entanto, não tínhamos nem comida, nem água. A comida que tínhamos trazido não era suficiente. Por isso, foi, sobretudo, graças aos habitantes de Vilar Formoso, que nos traziam água e alguma comida, que nos conseguimos alimentar. As questões sanitárias também eram um problema, já que estávamos presos no comboio e não podíamos sair. Já não me lembro muito bem como é que conseguimos resolver esse problema. À tarde, deixavam-nos sair durante meia hora. Como estávamos a meio de Novembro, estava frio, muito frio. Foi muito duro. Um passageiro deste comboio morreu e foi enterrado em Vilar Formoso. Havia outros judeus que nos tentavam ajudar, mas eles estavam em Vilar Formoso, não no comboio. Penso que eles também nos ajudaram com comida. Ficámos 10 dias fechados nesse comboio. Ao fim desse tempo, soubemos que os portugueses não nos iam deixar entrar. Tivemos, então, de voltar para trás, para França.”

**Erika Thuna**

Nasceu em Viena de Áustria, em 1924. Após o *Anschluss*, a família muda-se para o Luxemburgo. Farão parte do terceiro transporte de judeus que não consegue entrar em Portugal. Após a libertação de Mousserolles, vão para Marselha. O irmão parte, clandestinamente, para Espanha e, depois, para a República Dominicana. O pai desaparece em Auschwitz e, em 1942, ela e a mãe são também levadas para esse campo. Só ela sobreviverá. Casar-se-á com um soldado americano e irá para os Estados Unidos.

“Então, os alemães começaram a estar por todo o lado e nós percebemos que tínhamos de partir. Muitos tentaram partir a pé através

da fronteira francesa, mas tiveram de voltar para trás e tivemos de «partilhar» o país com as tropas alemãs que estavam por todo o lado. Por um curto período de tempo, a nossa família ficou em casa de uns amigos da minha mãe. Entretanto, começaram a organizar-se transportes e foram feitos papéis falsos para todos os refugiados, com vistos para irmos para países de que nem sabíamos pronunciar o nome. Mas tínhamos de chegar, primeiro, a Portugal. O primeiro transporte, com cerca de 100 pessoas, partiu, um segundo partiu pouco depois, e nós, infelizmente, fomos no terceiro; os outros dois conseguiram passar, mas nós não. Atravessámos a França e a Espanha. Lembro-me de ter pedido a um guarda espanhol um bocado de pão e ele me ter respondido: «Não temos pão. Acabámos de sair de uma terrível guerra, somos tão pobres como vocês.» Chegámos à fronteira portuguesa, mas não nos deixaram entrar e ficámos parados entre a fronteira portuguesa e a espanhola. Há muita coisa de que já não me lembro e tenho tantas perguntas dentro de mim a que não sei responder... Nesse comboio, morreu a melhor amiga da minha mãe e nasceu uma criança. Ao fim de uma ou duas semanas, tivemos de voltar para trás.”

**Arthur (Otto) Klein**

Nasceu em 1927, em Viena. Depois do *Anschluss*, vai sozinho para o Luxemburgo. Mais tarde, a família vai ter com ele. São também passageiros do terceiro transporte que é obrigado a regressar a França. Depois de ter passado, como o resto do grupo, três meses em Mousserolles, vai com a família para Marselha. Em 1941, partem para Cuba, desta vez com vistos verdadeiros.

“Nessa altura, ainda não tínhamos medo. A ocupação do Luxemburgo era militar, e a Wehrmacht estava mais preocupada em combater os franceses do que propriamente ralada com uma série de famílias judias. Ainda não era tempo de estarmos preocupados. Isso viria depois. A memória da sequência dos acontecimentos não é muito clara para mim. Sei que o meu pai queria partir connosco e não queria ficar sob a «bota» alemã. Não sei muito bem como o meu pai soube que havia vistos à venda para Cuba. O preço era muito elevado e tinha de ser em dólares. Não sei como, mas começaram negociações, e uma larga quantidade de vistos cubanos, que mais tarde soube serem forjados, foram vendidos a muitas famílias judias. Este processo levou algum tempo. O rabino contactou, então, as autoridades alemãs e penso que lhes terá dito: «Tenho aqui estas famílias judias com vistos para Cuba. Podem ajudar-nos a tirá-los do Luxemburgo?» É claro que as autoridades alemãs, que estavam interessadas em ver-se livre de nós, organizaram um transporte colectivo para nos levarem para Portugal



e daí partimos para Cuba. Esse transporte seria feito através de requisição de autocarros luxemburgueses. Um dia, disseram-nos: «Peguem nas vossas coisas e façam fila na Praça da Cidade.» Estava tudo organizado pelas tropas SS, tropas de uniforme negro. «Vão para os autocarros, um, dois, três,...» Parecia uma operação militar. E lá fomos nós.

O meu pai não vinha connosco nesta viagem. Não sei porquê, não me lembro e, francamente, prefiro não falar nisso. Só eu, a minha mãe e a minha irmã. Algures em França, fizemos a primeira paragem. Toda a gente saiu. E os SS foram de porta em porta dizendo «esta noite têm de receber esta família judia». No dia seguinte, tínhamos de estar numa determinada rua a uma determinada hora. A segunda paragem foi em Paris. Acho que ficámos num hotel. Eu tinha 13 anos e, para mim, foi uma aventura. Mas era estranho ver os alemães por todo o lado. De repente, ouviram-se as sirenes aéreas, e a polícia mandou toda a gente para os abrigos. Foi a noite do 1.º ataque aéreo aliado a Paris.

Houve outras paragens no Sul de França antes de chegarmos à fronteira franco-espanhola. Lembro-me que houve alguma negociação entre os soldados alemães e os guardas espanhóis. Tivemos, então, de entrar para um comboio que partiu para Madrid, e os soldados alemães continuaram connosco. Mais tarde, chegámos à fronteira portuguesa onde ficámos parados vários dias, não me lembro quantos, mas foram muitos. Foi muito opressivo. Não tínhamos comida, não tínhamos sanitários, não tínhamos nada. O comboio foi levado para uma linha secundária. Era uma situação muito, muito séria. Não percebemos por que não podíamos seguir para Lisboa. Mais tarde, veio a notícia de que os vistos eram falsos e que teríamos de voltar para trás. Muita gente ficou histérica e muitos atiraram-se do comboio. Os soldados alemães voltaram a metê-los no comboio. O comboio andou às voltas em França; num dos sítios onde parámos, o rabino avisou-nos de que íamos ser inspeccionados por tropas SS e que iam decidir o que fazer connosco. «Quero», disse ele, «todos os velhos, mulheres e crianças na linha da frente e os homens o mais escondidos possível». Lembro-me de que foi algures durante a noite que eles chegaram e nos inspeccionaram com as suas lanternas. Foi aí que pensámos: «Pronto, é agora, vamos ser levados para um campo de concentração.» Nós já tínhamos conhecimento do que se estava a passar com os campos de concentração. Mas não fomos para lá. Levaram-nos para uma espécie de campo perto de Baiona. Era um edifício enorme e só havia alguns soldados alemães para nos guardar. Lembro-me que o comandante deste campo era, apesar tudo, um bom ser humano. Durante os meses que ali estivemos, ele e o rabino tratavam-se com respeito. Eu fui testemunha disso<sup>29</sup>.

29. Por Rachel Wolf, soubemos também que, depois da guerra, alguns familiares dela procuraram o tal oficial alemão para lhe agradecer a humanidade com que sempre os tratou.

Um dia, a minha mãe foi ter com ele e disse-lhe em alemão. «Oiça, estou sozinha com dois filhos pequenos e gostava que o meu marido viesse ter connosco aqui.» De alguma forma, não sei muito bem como, ele conseguiu encontrá-lo, na Bélgica, acho eu, e trazê-lo. Mas, como não fazia parte do nosso grupo e não estava na lista, tinha de viver fora do campo. Perto de nós existia um campo militar onde estavam soldados senegaleses. Tinham um aspecto desgraçado e esfomeado. Tive muita pena deles.”

**Rachel Galler Wolf**

Nasceu no Luxemburgo, em 1922. Em Novembro de 1940, virá no terceiro transporte. Após a saída de Mousserolles, a família parte para Lyon. Consegue embarcar para Casablanca e daí partir para os Estados Unidos. O seu testemunho foi recolhido, em Vilar Formoso, em Agosto de 2013. Vive actualmente no Luxemburgo.

“Vou-vos contar, tal qual me lembro, correndo, no entanto, o risco de ser imprecisa ou inexacta. Para aqueles que não me conhecem, nasci no Luxemburgo e cresci no bairro da Estação, Rua Neiperg, número 71, com os meus pais e a minha irmã. Os meus pais tinham aí um comércio grossista de lã e nós habitávamos por cima. Tive uma infância feliz, primeiro na escola primária de Nilles, Rua de Estrasburgo, e, depois, no liceu feminino. Fazíamos parte da comunidade judaica de Luxemburgo, e eu frequentava os cursos dos ministros, o senhor David e o senhor André Marx. Antes de começar a história propriamente dita do terceiro transporte para Portugal, gostaria de referir sucintamente o período estranho que a precedeu. Depois do final de 1938 – se não me engano –, a ESRA<sup>30</sup> instalou na cave da nossa casa um posto de primeira ajuda aos refugiados vindos da Alemanha, a fim de lhes dar roupa, víveres e outros objectos de primeira necessidade.

Poderia contar muita coisa a propósito desta época e do chamado «Drôle de Guerre»: o fluxo de refugiados vindos da Alemanha, a chegada de novos alunos à minha aula, as idas ao fim-de-semana dos luxemburgueses a Bruxelas, antes que a guerra começasse, e a partida de algumas famílias luxemburguesas para os Estados Unidos ou Israel.

Mas foi, provavelmente, a 10 de Maio de 1940 que a situação se complicou para os judeus do Luxemburgo. Neste dia, os alemães atravessaram a fronteira e ocuparam o nosso país.

A 10 de Maio, de manhã cedo, os meus pais tomaram a decisão de partir. Fomos de carro com toda a família, mas, uma vez chegados à fronteira francesa, algures no Sul de Luxemburgo, encontrámo-la encerrada.

30. Associação caritativa de apoio aos necessitados, que ainda hoje existe no Luxemburgo.





**Campo de internamento perto de Baiona para onde foram enviados os luxemburgueses que, em Novembro de 1940, não entraram em Portugal.**

Alguns dias mais tarde, estávamos de volta. Apesar de não termos dado conta de imediato, começámos a perceber que a realidade era sensivelmente diferente.

Por exemplo, no final de Maio de 1940, o director do liceu – o Sr. Edouard Oster – convocou as raparigas judias e reuniu-nos à volta dele numa sala de aulas. Éramos umas quinze, se bem me lembro. De lágrimas nos olhos e com alguma emoção, comunicou-nos que, a partir daquele momento, as meninas judias não podiam voltar ao liceu.

Na mesma altura, o comércio dos meus pais foi catalogado como negócio de judeus e, pouco tempo depois, fomos proibidos de ir ao cinema, ao teatro ou, mesmo, de nos passearmos no parque. Foi, então, que os meus pais perceberam que era tempo de partir. Nesse intuito, tentaram, por todos os meios, obter vistos. Um dia, obtivemos vistos para Cuba, a troco de muito dinheiro.

A data de partida estava marcada para 3 de Novembro de 1940, penso eu. Tínhamos o direito de levar, cada um, 10 «Reichsmark»<sup>31</sup>, uma mochila com roupa interior e uma mala pequena com mantimentos para três dias: enchidos, sardinhas, chocolates e biscoitos. Tudo o resto devia ficar. Nessa manhã, um autocarro parou à frente da nossa casa que, entretanto, se tinha transformado na sede da ESRA. Era aí também que se deviam reunir todos os que iam utilizar este transporte.

Quando deixámos o apartamento, um soldado alemão – em uniforme – pediu-me, ao ver-me descer as escadas, que lhe mostrasse as mãos. Tirou-me, então, o relógio e o anel de sinete que eu tinha acabado de receber pelos meus 18 anos.

31. Moeda alemã da época.

Chegados à rua, vimos o autocarro estacionado e entrámos um a um. Lembro-me que o Jonas Meyer, presidente, à época, do Consistório, saiu do escritório para ver a partida do autocarro. Quando entrámos, vimos que seríamos escoltados por dois soldados alemães com as suas baionetas. Tudo se passou com calma, mas lembro-me que o ambiente era de medo. As portas fecharam-se e o autocarro arrancou.

Eu estava sentada ao lado da minha irmã Lea, e os meus pais um pouco mais atrás. Reinava um silêncio pesado. Ninguém ousava falar. Alguns bebés agitaram-se e choraram. O medo era visível nos olhos de toda a gente. Só me lembro de ver um autocarro à nossa frente, os outros devem ter-se juntado depois. Atravessámos uma parte de França, e a primeira noite, passámo-la em Poitiers. Os alemães requisitaram aí os hotéis para nós. Eu e a minha família dormimos num bordel.

Na manhã do dia seguinte, a viagem continuou e, após três dias de caminho, chegámos à fronteira portuguesa de Vilar Formoso.

Os dois soldados alemães e o condutor desceram do autocarro e começaram a negociar com as autoridades portuguesas a nossa entrada em Portugal. Como estávamos fechados no autocarro, não percebíamos o que eles diziam.

Apesar das negociações e dos nossos vistos cubanos, os portugueses não nos deixaram passar a fronteira. Portugal era neutro e, segundo o que se dizia, o Governo português não aceitou o facto de estarmos acompanhados por soldados alemães.

Passadas horas, as autoridades portuguesas fizeram-nos sair do autocarro e subir para as carruagens de um comboio que estava parado nos carris secundários.

Nestas carruagens, ficámos como sardinhas em lata, a viver lado a lado, espremidos, sem conforto, sem higiene e impedidos de sair para o cais sem autorização.

No compartimento onde eu estava com a minha família, estava também um casal muito gentil de refugiados de Viena, o Sr. e a Sra. Greif, que nós já conhecíamos do Luxemburgo, onde eles vendiam chocolates. Três dias depois de termos chegado, o senhor faleceu, porque já não aguentava mais, e o meu pai teve a permissão de sair da carruagem para ir ao enterro. Um senhor da Cruz Vermelha Portuguesa vinha todos os dias ao cais e trazia-nos chá quente e pão que nós, os jovens, íamos distribuir pelas carruagens.

Um dia, houve um incêndio num dos compartimentos, onde uma mãe tinha querido preparar um biberão para o seu bebé num fogareiro a álcool. Houve pânico, mas o fogo foi controlado.

Todas as noites, as carruagens eram mudadas de carris para limpeza. A dada altura, não sei precisar quando, os nossos acompanhantes e soldados alemães regressaram ao Luxemburgo.





As acomodações no campo de Mousserolles, perto de Baiona.

Em suma, nós ficámos em Vilar Formoso aproximadamente oito dias. E, finalmente, depois de uma semana de discussões com as instâncias portuguesas e espanholas, pudemos partir de comboio. Este levou-nos através de Espanha até Irun, na fronteira francesa. Aí, tivemos de mudar de comboio, pois as linhas espanholas eram mais estreitas que as francesas. A transferência das pessoas foi um caos. O pânico foi de tal ordem que um homem acabou esmagado entre duas carruagens. Neste comboio, juntaram-se a nós novos soldados alemães, a fim de acelerarem a nossa partida para França. Levaram-nos, primeiro, até Bordéus, onde ficámos dois dias, se a minha memória não me falha. De seguida, partimos, mais uma vez, até destino desconhecido. O comboio parou em Dax. Nós sabíamos que, não muito longe dali, em Gurs, havia um campo de refugiados judeus.

E aí, qual golpe de teatro, vimos ao longe chegar o nosso distinto rabino, o Dr. Serebrenik, na companhia de um alemão em uniforme. Estávamos todos excitados e enervados, pois não tínhamos a menor ideia do que iria ser feito ao nosso grupo. Seríamos internados no campo de Gurs, como outros judeus?

De repente, o comboio retomou a marcha, sem sabermos para onde, e, ao fim de algum tempo, parámos em Bayonne. Se bem me lembro, estaríamos a 17 de Novembro de 1940.

Os soldados alemães vieram, então, anunciar-nos que ficaríamos em Bayonne, até ver. Levaram-nos de autocarro até Mousserolles, muito próximo de Bayonne, onde havia um acampamento nas margens da ribeira de Adour.

No interior do acampamento, havia várias cabanas. Cada cabana tinha um leito de campanha, e os soldados alemães distribuíram



As acomodações no campo de Mousserolles, perto de Baiona.

cobertores cinzentos e sacos de chita. Disseram-nos que devíamos enchê-los com palha que eles punham à nossa disposição. No meio de cada cabana, havia cavaletes com tábuas de madeira que serviam de mesas, com bancos. De vez em quando, havia um forno, mas sem lenha ou carvão para o acender. Estava frio e o ar era húmido. A Cruz Vermelha trazia-nos grandes tigelas de sopa, um dia de ervilhas, outro de *rutabagas*<sup>32</sup>. Entretanto, continuávamos sem saber qual seria o nosso futuro. O Dr. Serebrenik assegurou-nos que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para nos tirar dali.

Os senhores Julien Kahn, de Ettelbruck, Charles Hayum, do Luxemburgo, e o meu tio Joseph Galler, do Luxemburgo, foram nomeados para servir de ponte entre nós e os soldados alemães. Na cabana em que nos encontrávamos, eu e a minha família, havia também a senhora Gelbart e a sua irmã, a família Lewandowski com Rutj de três anos, a família Margulius e todo um grupo de refugiados que tinham sido acolhidos em Larochette<sup>33</sup>, a família Fröhlich, os irmãos Joseph. Lembro-me, também, da família Charles Hayum que, mais tarde, conseguiu fugir para o Rio de Janeiro.

Um dia típico no campo de Bayonne era marcado por duas chamadas: uma às 7 da manhã, e outra às 6 da tarde. Todos deviam apresentar-se à chamada fora dos barracões, independentemente do tempo que fazia. Cada um era chamado pelo seu nome e tinha que responder «presente».

Uma vez por semana, alguns recebiam autorização para ir a Bayonne. Eu fui uma ou duas vezes. Com sorte, encontrávamos chocolate, sem ser preciso senha (de racionamento), ou alguma fruta.

32. Couve-nabo.

33. Larochette é uma das comunas luxemburguesas.





Comboios que transportavam prisioneiros para campos de concentração.

À noite, os jovens reuniam-se, num canto da cabana, à volta de um pequeno fogão para discutir. Chegámos mesmo a cantar e a dançar. Às vezes, alguém tocava violino, e lembro-me como isso nos emocionava. Assim passaram os dias durante mais de três meses, até que nos chegou um boato de que o campo seria, em breve, libertado. A verdadeira razão pela qual fomos libertados, e não transferidos para outro campo, será sempre um mistério. Pode ser que devamos a nossa liberdade à intervenção do Dr. Serebrenik ou, então, a uma necessidade de espaço da Wehrmacht<sup>34</sup> para ali guardar prisioneiros de guerra franceses.

Seja como for, a 13 de Março de 1941, penso eu, fomos autorizados a deixar o campo, sem qualquer explicação. Assim, sem mais nem menos.

A partir daí, cada um continuou o seu caminho. Alguns conheceram destinos mais dramáticos que outros. Em todo o caso, foi assim que terminou este périplo da famosa terceira escolta para Portugal, simplesmente com a abertura das portas deste campo de Bayonne.

Eu e a minha família passámos por Lyon, onde o meu pai foi apanhado numa rusga, mas mais tarde libertado, e por Casablanca, antes de chegarmos a Nova Iorque, onde pudemos recomeçar uma vida livre e feliz.

Apesar de tudo, e contrariamente a tantos outros, tivemos a sorte de escapar à máquina nazi. Senti-me sempre muito reconhecida ao longo de toda a minha vida.”

De todas as pequenas divergências encontradas nestes testemunhos, a que nos deixa mais perplexos é a que se refere à(s) morte(s) que houve a bordo.

Para Renée Galler e Rachel Wolf, o morto seria Hersch Greif, amigo da família e que viajava com eles na mesma carruagem. Esta informação vai ser veiculada pelo historiador Paul Cerf no seu livro *L'Etoile Juive au Luxembourg*. Contudo, numa carta de Albert Nussbaum (responsável pela Comlux, a organização que trabalhava a partir de Lisboa nos assuntos relacionados com a emigração dos judeus do Luxemburgo), datada de 21 de Novembro de 1940, ao ministro dos Negócios Estrangeiros luxemburguês no exílio, em Londres, a morta seria uma mulher. A mesma opinião terá Erika Thuna que afirma que essa mulher era a melhor amiga da mãe.

Como já se referiu, nos registos da Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial de Almeida apenas foi encontrada a certidão de óbito de Perl. Por outro lado, não foram encontrados os registos do cemitério de Vilar Formoso para este período.

Para aumentar a confusão, existe um registo de entrada nos Estados Unidos, em 1941, de um Hersch Greif. Mas, segundo o Yad Vashem, também um Hersch Greif terá morrido em Auschwitz...

É provável que estejamos perante um nome comum ou que existissem vários Hersch na mesma família. Rachel Wolf, com quem conversá-

34. Alto-Comando das Forças Armadas Alemãs.



Câmara de gás em Auschwitz.

mos várias vezes sobre este assunto, é peremptória. Hersch morreu em Vilar Formoso, dentro do comboio, e ela estava lá ao pé dele. Viu-o morrer. Algumas pessoas, entre as quais o pai dela, foram autorizados a ir ao enterro. A dúvida que nos assalta é por que é que não há certidão de óbito deste homem. Não terá sido passada? Ter-se-á perdido?

A morte deste Hersch parece que apenas ficou guardada nas lembranças de Manuel Andrade, Renée Galler e Rachel Wolf.

A vinda de Rachel Wolf, agora com 91 anos, a Vilar Formoso foi muito emotiva, tanto para ela como para nós. Durante este encontro, foi gravado o seu testemunho, que estará disponível no Museu *Vilar Formoso – Fronteira da Paz*.

Porém, ao saber da vinda de Rachel e deste projecto, um seu sobrinho, Henry Galler, que também vinha neste comboio, enviou o seguinte *email*:

“Sou filho de Renée Galler e tanto eu, que na altura tinha quase 5 anos, como a minha irmã, então com dois, estávamos nesse comboio.

Lembro-me que não podíamos sair nunca do comboio e que este, de vez em quando, tinha de sair da gare para voltar, pouco depois, para o mesmo sítio. Muitos anos mais tarde, a minha mãe explicou-me que foram os habitantes dessa terra que prestaram ajuda aos refugiados que estavam naquele comboio, trazendo-lhes água e comida.

Em meu nome, em nome da minha irmã e em nome dos meus pais que já faleceram, quero agradecer do fundo do meu coração por tudo o que fizeram por nós.

Que Deus abençoe Vilar Formoso pela humanidade que teve com aqueles estrangeiros há 73 anos. Que eu tenha o privilégio de ser capaz, durante a minha vida, de passar aquela bondade aos outros.”



# Lista dos judeus luxemburgueses impedidos de entrar em Portugal em Novembro de 1940



Família Galler em Montélimar, depois de terem sido soltos do campo de Mousserolles. 1942.

ABRAHAM Eléonore	EDELMANN Joanna	GELBER Jakob
ABRAHAM Germaine	EDELMANN Salomon	GELBER Rosa
ABRAHAM Irma	EDELMANN Toni	GELBER Stella
ABRAHAM Oscar	EICHEN Joseph	GOLDBERG Cirl
ARTMANN Joseph	EISEMANN Berthe	GOLDBERG Esther
ARTMANN Osias	EISEMANN Julius	GOLDBERG Frana
ARTMANN Sara	ELLENZWEIG Jakoba	GOLDBERG Isaak
	ELLENZWEIG Max	GOLDBERG Maria
	ELLENZWEIG Max (neto)	GOLDBERG Moses
BAUM Hannelore	EPPSTEIN Alfred	GOLDBERG Rachla
BAUM Klara BAUM Ludwig	EPPSTEIN Elisabeth	GOLDSTAUB Hans
BERNSTEIN Karl		GOLDSTEIN Esther
BINKOWIC Chaim	FIEDLER Fajtel	GOLDSTEIN Jakob Leon
BINKOWIC Sura	FIEGIELSKI Mendel	GOLDSTEIN Szlama
BLOCH Walter	FIEGIELSKI Rosa	GOLUBSZYJK Helena
BRAUN Lily	FIEGIELSKI Zelmann	GOLUBSZYJK Rosa
BRYKS Fanny	FRAENKEL Fritz	GOLUBSZYJK Samuel
BRYKS Hermann	FRAENKEL Magdalena	GORGE Benoit
BRYKS Salomon	FRÖHLICH Pauline	GORGE Elisabeth
BRYKS Selma	FRYC Hersch	GORGE Karl
BÜCK Siegmund	FRYC Ryfka	GORGE Norbert
BUTTERFASS Israel		GORGE Salvator
		GOTTSCHALK Erna
CAHN Siegfried	GALLER Henry	GOTTSCHALK Moritz
	GALLER Ida	GOTTSCHALK Ruth
DANCYGIER Hanna	GALLER Joseph	GREIF Hersch
DANCYGIER Henrich	GALLER Lea	GREIF Perl
DANCYGIER Hill	GALLER Michèle	GRYC Abraham
DANCYGIER Szmul	GALLER Rachel	GRYC Esther
DETJEN Hanna	GALLER Renée	GRYC Hilde
	GALLER Siegmund	GRYC Idel
EDELMANN Abraham	GELBER Charlotte	GRYC Mordka
EDELMANN Auguste	GELBER Deborah	



HAMMER Bertha	KAHN Mathilde	LEVY Ernest	MOGELNICKI Elie	SOHACZEWSKI Chaim	WAGMANN Froim
HAMMER Hans	KAHN Siegmund	LEVY Hanna	MOGELNICKI Rosa	SOHACZEWSKI Eva	WAGMANN Heinrich
HARCSZTARK Hélène	KAUFMANN Joseph	LEVY Siegfried	MOGELNICKI Sara	SOHACZEWSKI Itta	WAGMANN Kelman
HARCSZTARK Henrich	KIRCHHEIMER Arthur	LEWANDOWSKI Elisabeth	NACHMANN Wilhelmine	SOHACZEWSKI Simon	WAGMANN Magdalena
HARCSZTARK Joseph	KIRCHHEIMER Ilona	LEWANDOWSKI Erich		SOMMER Paul	WAGMANN Mordka
HARTMANN Ernest	KLAJMANN Abraham	LEWANDOWSKI Ruth	NOAH Dieter	STEINBERG Icek	WAGMANN Ninny
HAYUM Charles	KLAJMANN Schemja	LICHTENSTEIN Ferdinand	NUSSBAUM Hélène	STEINBERG Maria	WAGMANN Peica
HAYUM Markus	KLEIN Cilly	LICHTENSTEIN Hertha	NUSSBAUM René	STEINITZ Wolfgang	WAGMANN Ruchla
HAYUM Ruth	KLEIN Ilse	LION Elfriede		STERN Mélanie	WAGMANN Sonja
HILLER Doris	KLEIN Otto	LION Max	PAJECKI Chilel	STOCKMANN Lea	WAGMANN Sophie
HILLER Gerda	KOCH Félix	LION Olga	PAJECKI Frandla	STOCKMANN Mirla	WAGNER Otto
HILLER Hermann	KOCH Friedrich	LIPKA Adolph	PAJECKI Mayer	SZPRINC Chana	WAJNTRAUB Jakob
HIRSCHMANN Abraham	KOCH Gerda	LIPKA Daniel	PAPERNIK Otto	SZPRINC Herzlich	WAJNTRAUB Jenny
HIRSCHMANN Bernard	KOHN Siegmund	LIPKA Genna	PICK Hanna	SZTARKMANN Abraham	WAJNTRAUB Mordka
HIRSCHMANN Henriette	KOPPEL Irène	LIPKA Ida	PICK Ernest	SZTARKMANN Bertha	WAJNTRAUB Salomon
HIRSCHMANN Rosa	KORN Elias	LOEWY Annemarie	PICK Liselotte	SZTARKMANN Menachem	WAJNTRAUB Sara
HÖNIGSBERG Moritz	KORN Fela	LOEWY Ruth	POLLAK Ernst	SZTARKMANN Moritz	WEINBERG Chaja
	KORN Osi		POLLAK Perla	SZTARKMANN Ojdlo	WEINBERG Léo
INGWER Brandla	KORN Rosa	MAENGEN Frieda	POLLER Hanna	SZTARKMANN Rachla	WEINBERG Maisy
INGWER Karl	KORNREICH Elka	MARBURG Alice	POLLER Johanna		WEINBERG Sara
ISENBERG Josef	KORNREICH Jakob	MARBURG Emile	POLLER Oskar	THUNA Elsa	WEINBERG Zchama
ISENBERG Lotti	KORNREICH Paula	MARBURG Hermine		THUNA Erich	WEISS Ewald
	KRAUS Cécilie	MARGULIUS Berta	REISMANN Hans	THUNA Erika	WEISS Margit
JAKOB Marthe	KRAUS Hans	MARGULIUS Hermann		THUNA Hirsch	WEISSENBERG Dina
JAKOB Moritz	KRAUS Robert	MARX Erna	SALOMON Aaron	TÜCHLER Gisela	WEISSENBERG Meier
JOSEPH Arnold	KROGULEC Abraham	MARX Fernand	SALOMON Alex	TURKFELD Adolphe	WEISSENBERG Sonja
JOSEPH Klothilde	KROGULEC Jakob	MARX Walter	SALOMON Hilde	TURKFELD Frederika	WEISSMANN Adolf
JOSEPH Marcel	KROGULEC Joseph	MARX Ludwig	SALOMON Ida	TURKFELD Josef	WILZCZEK Majer
JOSEPH Max	KROGULEC Liba	MARX Johanna	SALOMON Isidor		WILZCZEK Raja
JOSEPH Walter	KULIASKO Willy	MARX Walter	SALOMON Léo	VORMUS Roger	
		MAYER Ernest	SALOMON Manfred		ZYLBERSTEIN Szlama
KAHN Bertha	LACHSMANN Kelman	MAYER Klaudius	SCHNITZER Abraham	WACHSMANN Ella	
KAHN Fritz	LACHSMANN Lore	MAYER Palmyre	SCHNITZER Paula	WACHSMANN Frieda	
KAHN Jacques	LACHSMANN Marcel	MEISELES Max	SCHÖNEBAUM Alfred	WACHSMANN Jakob	
KAHN Julien	LACHSMANN Rolf	MEISELES Thérèse	SENDER Frieda	WACHSMANN Ludbert	
KAHN Léonie	LEVY Erich	MINGELGRUEN Else	SENDER Ludwig	WAGMANN Brigitta	
KAHN Lily	LEVY Hedwig	MOGELNICKI Cécile	SINGER Rosalie	WAGMANN Chaim	





5



# POR TERRAS DE PORTUGAL



Fotografia tirada no Estoril por Norberto Monteiro: da esquerda para a direita, Eugénio e Maria Helena Conceição Silva, Margarita Monteiro, Asher e Vera Blauwol, Ricardo Monteiro (atrás), Margarita Monteiro (filha) e Norberto Monteiro (filho).

A ascensão do nazismo levou, a partir de 1933, muitas famílias judias alemãs a emigrarem para os países vizinhos, situação que se vai intensificar nos anos seguintes.

Até 1938, altura em que foi colocado um gigantesco J a vermelho nos passaportes, os portadores destes documentos não necessitavam de visto para entrar em Portugal.

Assim, e apesar do afastamento geográfico, algumas famílias judias vão tentar instalar-se em Portugal.

Foi o caso, entre outros, de Asher Blauwol, que chega a Lisboa, com a mulher e o filho, a bordo do *Normandie*, em 1936. A escolha do país fora ditada por razões de amizade. Alguns anos antes, Asher Blauwol, durante uma estada de negócios em Lisboa, adoecera repentinamente, tendo sido aconselhado pelo médico a regressar à Alemanha imediatamente. Por razões que já não são conhecidas, Blauwol não tinha dinheiro para isso. Conhece na rua o comandante Norberto Monteiro e, falando um bocadinho de inglês e de francês, o alemão consegue explicar a situação a Monteiro, que se oferece para lhe emprestar dinheiro. De regresso a Berlim, Asher Blauwol devolve, de imediato, o empréstimo e, quando nasce o seu primeiro filho, chama-lhe Norbert, em homenagem a este “anjo-da-guarda” português.

Aos poucos, a ligação entre estes dois homens intensifica-se e os Blauwol vêm a Lisboa. Durante essa estada, travam conhecimento com o comandante Eugénio Conceição Silva, amigo de Norberto Monteiro.

No início de 1936, Asher Blauwol ainda chega a convidar Norberto para visitar Berlim por ocasião dos Jogos Olímpicos. Em vez disso, a escalada de violência contra os judeus leva Asher a pedir guarida ao amigo português. O comandante Norberto Monteiro, que acabara de ser nomeado capitão do porto da Figueira da Foz, não tem condições de o albergar, mas pede a Conceição Silva que o faça. Durante quase um ano, o casal Blauwol e o filho viverão na Base Naval do Alfeite, onde Conceição Silva vivia com a família.

Ao que parece, quem não gostou muito deste acto de generosidade foram as cúpulas da Marinha. Contudo, o prestígio do comandante Eugénio Conceição Silva, que viria a ser diretor do Laboratório de Explosivos e criador da Oficina de Óptica da Armada, acaba por resolver a situação e os Blauwol ficam no Alfeite até terem autorização de residência em Lisboa. Tanto quanto se sabe, será devido aos bons ofícios de Norberto Monteiro

Foto do separador  
**Figueira da Foz, Rua Cândido dos Reis (Picadeiro). Anos de 1940.**





Alfeite, 1948. Da esquerda para a direita: Maria Antónia e Ernesto Leal, Vera Blauwol, Margarita Monteiro, Norberto Monteiro (atrás), Maria Helena e Eugénio Conceição Silva. Em baixo, de joelhos, Norbert Blauwol.

e de Conceição Silva, junto do capitão Capela da PVDE, que os Blauwol irão conseguir essa autorização.

Ainda instalado no Alfeite, Asher Blauwol vai tentar reorganizar a sua vida profissional. Munido de conhecimentos até aí desconhecidos em Portugal, Blauwol irá fazer fortuna a trabalhar para fábricas de chocolates como a *Regina* e a *Favorita*, ensinando os técnicos destas fábricas a impedir que o bicho atacasse os chocolates.

Assim, ainda antes da guerra já esta família alemã se encontra instalada em Lisboa, onde passará a viver. Infelizmente, alguns anos mais tarde, o filho Norbert morrerá, e o pai poucos mais anos lhe sobreviverá. Vera Blauwol continuará a viver em Lisboa até morrer na década de 60, mantendo-se sempre ligada às famílias Conceição Silva e Monteiro.

Apesar de alguns entraves colocados pela PVDE, até 1938, várias famílias alemãs se instalam em Portugal. Contudo, a 6 de Setembro de 1938, o capitão da PVDE Paulo Cumano envia um ofício ao director-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros aconselhando a revisão desta política, já que era previsível a saída de muitos judeus, não só da Alemanha e da Áustria, como de Itália:

*“(…) parece a esta polícia que os nossos consulados devem dificultar a imigração de judeus, tanto mais que a Itália deliberou ultimamente a sua expulsão, o que vem engrossar a massa invasora. É do nosso conhecimento que 5000 médicos vão deixar a Alemanha. A sua fixação em Portugal seria funesta para os médicos nacionais.”*<sup>1</sup>

A mesma preocupação irá estar patente no ofício enviado pela Legação Portuguesa em Berlim, a 23 de Novembro de 1938, ao ministro dos Negócios Estrangeiros:

1. Arquivo Histórico do MNE, 3.ª P A 43 M 38.

*“É certo que há numerosíssimos alemães, do mais puro ariano, que não alimentam senão um sonho, de se subtraírem pela emigração às delícias do Terceiro Reich, mas as condições económicas gerais e a impossibilidade de daqui levarem os seus haveres vão-nos limitando a aguardar tempos melhores e a manterem-se aqui, onde, a rigor, lhes é possível viver e trabalhar. Por isso as saídas de alemães não-judeus para o estrangeiro não têm aumentado de modo sensível, ou pelo menos em proporções que imponham a adopção de medidas especiais. A grande massa de emigrantes é, pois, constituída pelos portadores de passaportes marcados com um J a quem a vida é aqui literalmente impossível, e é a esses portanto que se torna necessário, de momento, aplicar as medidas de restrição e escolha que o visto consular permite efectuar.”*<sup>2</sup>

A partir de agora, tornava-se quase impossível a emigração de judeus para Portugal.

O começo da guerra torna a política de concessão de vistos ainda mais restritiva e cautelosa. Em Novembro de 1939, é distribuída por todos os consulados portugueses na Europa uma circular, a número 14, em que se referem as novas regras a aplicar:

*“Os cônsules de carreira não poderão conceder vistos consulares, sem prévia consulta ao Ministério, aos estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio, aos apátridas, aos portadores de passaportes Nansen e aos russos; (...) àqueles que apresentem nos seus passaportes a declaração ou qualquer sinal de não poderem regressar livremente ao país de onde provêm; aos judeus expulsos dos países da sua nacionalidade ou daqueles de onde provêm.”*

As fronteiras portuguesas ficam praticamente fechadas para quem quisesse fugir do pesadelo nazi. Mas nem sempre as coisas acontecem como planeado e, como já se referiu, a desobediência de Aristides de Sousa Mendes acabará por, num curto período de tempo, “escancarar” as portas de Portugal. Em consequência desse seu acto, a afluência de estrangeiros às fronteiras portuguesas, no final do mês de Junho de 1940, é brutal.

Na impossibilidade de receber em Lisboa todos os que aqui chegam, o Governo começa a encaminhar, logo a partir da fronteira, muita gente para estâncias balneares ou termas e cidades de província. É assim que começam a chegar a Coimbra, ao Porto, à Curia, ao Luso, ao Buçaco, à Figueira da Foz e às Caldas da Rainha centenas de refugiados. A partir de 1943, a vila da Ericeira passará a ser também um destino para os que chegam. Em todas estas terras, os estrangeiros vão ter “residência fixa”. Os seus passaportes ficam retidos e, para saírem do perímetro da localidade em que se encontram, têm de pedir autorização prévia à PVDE.

Os que tiveram a sorte de serem mandados para o Porto, onde havia alguma representação consular, ainda puderam tratar directamente das burocracias necessárias à sua partida. Os que não se encontravam num raio de menos de 30 quilómetros de Lisboa ou do Porto não tiveram a mesma facilidade. Sem autorização para ir a Lisboa e, muitas vezes, sem ninguém que os ajudasse a obter os vistos e as passagens marítimas, ficavam condenados a esperar que as organizações de apoio tratassem do seu caso, o que poderia levar meses e meses.

2. *Idem.*



Mesmo assim, será graças a estas organizações de apoio que muitos refugiados vão conseguir sobreviver em Portugal e partir, mais tarde, para outras paragens.

Os consulados ou as legações, por vezes, também desempenhavam papéis importantes, nomeadamente na pressão que podiam fazer para obterem para os seus protegidos as autorizações necessárias à tão desejada mudança de residência.

É o que vai acontecer à família de Jacques Marx que se encontrava na Figueira da Foz e por quem a Legação da Suíça vai interceder junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros:

“O senhor Jacques Marx e a sua família, actualmente residentes no Hotel Internacional da Figueira da Foz, ainda não foram autorizados a mudar de residência. Devido a isso e por não terem podido, assim, obter as passagens de navio, ainda não puderam embarcar para os Estados Unidos, onde são esperados. Na esperança de uma solução rápida e favorável, já que se trata de um caso urgente, como a Legação já tinha explicado em nota anterior, o senhor Marx reservou quartos num hotel em Sintra. Os quartos foram pagos por um compatriota seu e lá continuam, vazios, à espera. A vinda para Lisboa da família Marx não contribuiria em nada para encher Lisboa, já que querem deixar Portugal o mais rapidamente possível. Por todos estes motivos, a Legação volta a insistir junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros para que a família Marx obtenha a liberdade de movimento que permita ao seu chefe fazer todas as diligências necessárias e urgentes exigidas pela sua rápida partida.”<sup>3</sup>

Os primeiros a chegar a Portugal, em Maio de 1940, tinham conseguido instalar-se, ou na capital, ou próximo dela, o que lhes permitia uma maior liberdade de movimentos. Entre estes, contam-se os que optaram por ficar em pequenas aldeolas saloias, como Lousa de Cima, ou aqueles que conseguiram ter lugar no tão desejado eixo turístico Estoril/Sintra/Cascais.

Com o aumento de restrições à entrada em Portugal, que ainda vai piorar a partir do final de 1940, muitos refugiados vão tentar chegar cá ilegalmente. Ajudados por redes organizadas ou, na maior parte dos casos, por passadores locais, muitos, sobretudo os que não tinham passado político, depois de entrarem preferiam entregar-se às autoridades portuguesas e esperar que os colocassem em residência fixa.

A PVDE, porém, continuava apostada em dismantelar todos os esquemas que permitissem a entrada em Portugal de estrangeiros indocumentados.

Em 1941, é dismantelada uma rede (com a prisão de muitos dos que a integravam) na qual participavam representações diplomáticas belgas, polacas e britânicas, cujo objetivo era introduzir em Portugal ex-combatentes dos países ocupados e homens que tinham conseguido fugir de campos de internamento franceses e espanhóis.

“Embora já, em tempos, tivessem sido presos uns espanhóis que acompanhavam alguns estrangeiros de várias nacionalidades e que vinham dirigidos às autoridades inglesas, não quis esta polícia adoptar qualquer procedimento que acabasse de vez com tal desprezo pelas Leis do país, pois procurava obter a certeza da existência de certa organização que se sentia, com ligações em alguns consulados em Lisboa

3. Arquivo Histórico do MNE, 2.ª P A 44 M 152.

12 JUN 1940	1.372	Visto em passaporte de Herta Harman
	1.373	Visto em passaporte de Sophie Wiener
	1.374	- d.º - M.ª Silberman
	1.375	- d.º - Jazua Harman
	1.376	- d.º - Stuart Benson
	1.377	Certificado de vis. Antonio Maria
	1.378	Visto em passaporte Mo. Noaphe
	1.379	Carta do Visconde Is. de Ankeringe
	1.380	Visto em passaporte Robert Sebel
	1.381	- d.º - Cajon Frankenhins
	1.382	- d.º - Luiz Krang
	1.383	- d.º - Berta Krang
	1.384	- d.º - Samuel Krang
	1.385	- d.º - Estelle Meyer
	1.386	- d.º - Baronne Irade Rodzibsky
	1.387	- d.º - Baron Jules de Rodzibsky
	1.388	- d.º - Barão de Rodzibsky
	1.389	- d.º - Hermann Kolise
	1.390	- d.º - Henri Hermann
	1.391	Certificado de vis. Joaquim Francisco
	1.392	Passaporte - d.º
	1.393	Visto em passaporte de Jacques Gierot
	1.394	- d.º - Léa Gierot
	1.395	- d.º - Maria Lampichea
	1.396	- d.º - Lily Kuppner
	1.397	Visto em declaração chiga
	1.398	- d.º
	1.399	Visto em passaporte de Angelina Guittman
	1.400	- d.º - Hubert Guittman
	1.401	- d.º - Barbara Converse
	1.402	- d.º - Frank Glamy
	1.403	- d.º - Mary Delany
	1.404	- d.º - Margaret Hamilton

Página do livro do consulado de Bordéus referente a 12 de Junho de 1940.

e especialmente criada para a introdução de foragidos estrangeiros dos Campos de Concentração de Espanha e França.”<sup>4</sup>

A maior parte destes homens vinha pelas fronteiras do Sul, tendo como ponto de referência chegar à Quinta do Carmo, em Estremoz. O seu proprietário, um abastado proprietário rural de origem inglesa, Victor Hunter Reynolds, encaminhava-os depois de automóvel até Cacilhas para serem transportados, de seguida, para o consulado britânico.

Posteriormente, eram levados para Gibraltar, seguindo, depois, para o Reino Unido, a fim de se juntarem aos exércitos aliados<sup>5</sup>.

4. Relatório confidencial de 2 de Agosto de 1941 enviado pela PVDE ao secretário-geral do MNE. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, AOS/CO/IN-8B.  
5. Victor Reynolds estará também ligado à fuga rocambolesca de Espanha do rei Carol II da Roménia. Receberá o antigo monarca e Elena Lupescu, que virá a ser sua mulher, na sua propriedade de Estremoz, a Quinta do Carmo.



Localização dos principais centros de acolhimento de refugiados em Portugal durante a II Guerra Mundial.







**Grupo de refugiados belgas na Quinta da Fonte da Vinha, Oliveira do Douro. 1940. Na foto encontram-se, entre outros, Ruth e Suzanne Hymans, Georgette, Pauline, Hirsh e Augusta Lorie, e Joseph e Deborah Friedmann.**

Reynolds, um homem de trato fácil, era bastante conhecido na região. Usando a sua simpatia pessoal, foi convencendo muitos camponeses, contrabandistas e mesmo polícias de fronteira, tanto portugueses como espanhóis, a ajudá-lo. É claro que, para isso, também valeram as preciosas prendas em café, tabaco ou bens essenciais que Reynolds ia distribuindo.

Apesar de ter sido identificado pela PVDE como um dos cabecilhas desta rede, Victor Reynolds, que chegou a ser vice-cônsul em Portimão, nunca foi preso. Valeu-lhe, muito provavelmente, o seu prestígio de grande latifundiário estrangeiro.

A propósito de Reynolds, escreverá, em 1979, Marc Jottard, que fora cônsul da Bélgica em Barcelona, em 1940:

*“Sem a sua ajuda providencial na fronteira hispano-portuguesa, a nossa tarefa teria sido bem mais complicada e os nossos sucessos menos numerosos. É que graças a Mr Reynolds – que tinha grande prestígio na região e era possuidor de importantes meios – muitos compatriotas belgas (aviadores, oficiais de alta patente, militares em geral, técnicos e jovens voluntários) foram levados discretamente para Lisboa, fugindo ao risco de serem enviados de novo para Espanha e internados, em seguida, no campo de Miranda del Ebro.”*<sup>6</sup>

Até ao final da guerra, Victor Reynolds trabalhou, sempre, em prol da causa aliada, não só continuando a esconder os que chegavam clandestinamente, mas também encabeçando a distribuição de propaganda aliada em todo o Alentejo. No final da guerra, foi condecorado por vários governos europeus, nomeadamente o belga, o britânico e o polaco.

6. Carta na posse de Primrose Reynolds, filha de Victor Reynolds.

# Porto

Com a capital completamente esgotada, muitos dos que chegam são encaminhados ou escolhem como destino a cidade do Porto. Afinal, era a segunda cidade do país, com a vantagem de ter várias representações consulares.

Como aconteceu um pouco por todo o lado, a Invicta vai saber receber os que fugiam ao horror do Reich e da guerra, deixando naqueles que por ali passaram gratas memórias. Através de três testemunhos na primeira pessoa, gentilmente cedidos pela Sousa Mendes Foundation e por Jane Friedmann, ficamos com uma ideia de como foi a vida de muitos refugiados na capital do Norte.

O primeiro testemunho pertence a Jacques Benjamin Bloch, cujo apelido original era Klepkas. Apesar de ter origem alemã, a família estava instalada, há anos, na Bélgica. Com a invasão deste país, em Maio de 1940, abandonam Bruxelas. A avó, que se recusa a acompanhá-los, morrerá em Auschwitz.

Depois de terem recebido vistos no consulado de Baiona – que, como se sabe, estava sob as ordens de Aristides de Sousa Mendes –, chegam ao Porto nos últimos dias de Junho de 1940.

Com algum sentido de humor, Jacques Benjamin relata assim a sua chegada a terras lusas.

*“Chegámos a Portugal cerca das 23h30. Já não tínhamos comboio para parte nenhuma. Fomos, então, informados de que, com os nossos vistos, só poderíamos ir para o Porto. Forneceram-nos a morada de uma pensão barata e alguém nos emprestou um carro para passarmos a noite, já que o comboio só sairia de madrugada. Chegámos ao Porto por volta das 7h30 da manhã. À saída da estação entrámos num café que havia em frente, onde nos foi servido um pequeno-almoço com o melhor café que alguma vez bebi.*

*Revigorada, a família Klepkas pôs-se em marcha à procura da famosa pensão. Encontrámo-la à esquerda da igreja. Era a Pensão Fenianos e ficava num terceiro andar dum prédio do século XIX. Bastante fresca para o quente Verão português, desenvolvia-se por dois pisos. O inferior com uma enorme sala de refeições, e o superior em galeria, para onde davam os quartos. Era bastante má. Aí travámos conhecimento com pulgas vorazes, com um pensionista crachoteux (que estava sempre a escarrar) e uma sopa verde que aparecia sempre que a Câmara cortava a relva do jardim...*

*A pensão estava situada na Avenida dos Aliados, avenida essa onde se encontravam também os consulados britânico e americano e uma outra pensão bastante melhor que a nossa, a Pensão dos Aliados. Ao fim de duas ou três semanas, conseguimos uma vaga e mudámo-nos para lá. Adeus pulgas e sopa verde, bem-vinda a sopa de couve portuguesa.*

*As nossas preocupações não eram, porém, propriamente gastronómicas. Todos os dias íamos ao banco e ao consulado inglês.*

*Apesar de termos tido o apoio de uma família inglesa, o facto de não sermos homens em idade militar fez com que os ingleses não nos aceitassem.*





Grupo de refugiados belgas num almoço organizado pelo Hotel Batalha do Porto. Julho de 1940. Em 2.º plano, quarta e quinto a contar da esquerda, Deborah e Joseph Friedmann; à frente e da esquerda para a direita, Georgette Lorie, Ruth e Suzane Hymans.

A minha mãe lembrou-se, então, que ainda tinha família nos Estados Unidos. Depois de alguns dias de grande ansiedade, acabámos por receber um telegrama prometendo o desejado affidavit<sup>7</sup>.

O contacto com o consulado americano foi, por isso, mais frutuoso. Como a cota de emigração belga era baixa, o nosso processo foi posto em marcha. Primeiro, tivemos de renovar o nosso passaporte, coisa que o cônsul belga do Porto fez. Depois, tivemos de ir a uma inspecção médica. Por fim, a minha mãe vendeu o seu anel de noivado para se poder comprar as passagens em 3.ª classe. Dias depois, fomos para Lisboa onde, após termos passado uma noite, embarcámos num barco grego, o Nea Hellas.<sup>8</sup>

A família Friedmann é outra das que passam pela capital nortenha. A história da sua vinda é, de certa forma, idêntica à dos Klepkas. Também eles vieram da Bélgica e será em Baiona que obterão vistos para Portugal. Contudo, a sua vinda será um pouco mais atribulada.

“Fomos para Irun, junto à fronteira. Tínhamos um carro que nos levou até San Sebastián. Nessa localidade, fomos encaminhados para um comboio que foi fechado. Durante três dias, permanecemos fechados. Os espanhóis não queriam ficar com ninguém em Espanha. O comboio veio depois directo até à fronteira portuguesa.

A Cruz Vermelha inglesa forneceu-nos imensa comida para a viagem. Uma vez na fronteira portuguesa, as autoridades daquele país indicaram-nos o lugar para onde tínhamos de ir. Não podíamos ir para onde quiséssemos. Eles queriam mandar-nos para a Figueira da Foz, mas o meu pai pediu-lhes: «Por favor, enviem-nos para um lugar onde haja um consulado americano.» Então, eles mandaram-nos para o Porto.

Havia três hotéis no Porto: o Grande Hotel, onde ficaram os Roisens, o Hotel Londres e o Batalha, onde nós ficámos. Tinha acabado de ser inaugurado quando

7. Uma das condições impostas aos refugiados para a obtenção de um visto americano era alguém, nos Estados Unidos, responsabilizar-se financeiramente por ele, durante alguns anos.

8. Sousa Mendes Foundation (testemunho de Jacques Benjamin Bloch).

chegámos. Quase parecia que estávamos num filme. O dono não falava alemão ou inglês, apenas um pouco de francês. Como íamos ficar algum tempo, o meu pai precisava de saber quanto iríamos gastar. Nós não sabíamos se íamos conseguir um barco ou mesmo ter vistos para ir para outro lado. Quando chegámos ao hotel, o dono estava lá e o meu pai disse-me: «Pergunta-lhe quanto é que custa.» O homem respondeu: «40 escudos.» Isso correspondia a um dólar e meio por pessoa por dia, com três refeições incluídas. O meu pai disse-me então: «Não deves ter percebido bem, pergunta-lhe outra vez.» Então, o homem disse: «Está bem, 35 escudos.» O meu pai não queria acreditar. Finalmente, ficou acordado que pagaríamos 25 escudos, ou seja, um dólar por dia, com três refeições fabulosas. Todos os dias, tínhamos na mesa duas garrafas de vinho, só tínhamos de pagar a água. O Português era absolutamente delicioso. Não poderiam ter sido mais simpáticos.<sup>9</sup>

Por último, apresentamos o testemunho de Denise Hahn:

“Felizmente, a nossa família foi enviada para o Porto. E aqui começa a nossa vida em Portugal, que durou cerca de um ano e meio.

Ficámos num hotel modesto. O director, quando podia, sentava-se a conversar com o meu pai, em inglês, num lugar mais recatado. Falava-lhe, então, da situação política do país e de como muitos estavam descontentes. Usou sempre da maior prudência.

Nesta cidade, os comerciantes fizeram-nos sentir, também, das mais diversas formas, como nos apoiavam. Era a forma calorosa como acolhiam os «Franceses», insistindo sempre em oferecer-nos fruta de graça com grandes gestos de amizade. A mensagem era clara: «Vocês, refugiados, são especiais. Deus vos abençoe.» Nesta antiga e bonita cidade, pudemos respirar a modéstia e a honestidade de pessoas tão gentis como generosas. Quando aprendi algumas palavras de Português, isso ainda me uniu mais a este sentimento de amizade.

Quando estava muito calor, eu e as minhas irmãs sentávamo-nos num parque. Não tínhamos nenhum homem a tomar conta de nós e rapidamente compreendemos que isso era inaceitável para os costumes locais. Então, por vezes, apanhávamos o eléctrico até à costa. O mar estava bem perto. Quando passávamos o porto, víamos mulheres descalças carregando grandes sacos de carvão à cabeça, andando em chão de pedras onde muitas vezes havia cacos de vidros. Quando nos podíamos aproximar delas, e sem que ninguém visse, fazíamos deslizar para as suas mãos algumas moedas. O olhar delas foi o melhor presente que alguma vez recebi. Foi a mais verdadeira expressão de gratidão, amor, generosidade e dignidade vinda dos mais oprimidos entre os pobres.<sup>10</sup>



Deborah Friedmann e Mrs Goldberg na Rua de Santa Catarina, Porto. Julho de 1940.

9. Sousa Mendes Foundation (testemunho de Marcel Friedmann).

10. Sousa Mendes Foundation (testemunho de Denise Hahn).





Figueira da Foz, Rua Bernardo Lopes. Anos de 1940.

## Figueira da Foz e Coimbra

Pela proximidade geográfica à fronteira de Vilar Formoso (ligação ferroviária directa pela Linha da Beira Alta) e por estarem no caminho para Lisboa, a cidade de Coimbra e, sobretudo, a estância balnear da Figueira da Foz vão receber, em Junho de 1940, a primeira grande leva de refugiados.

Para quem vinha de países em ruínas, às escuras e sem comida, a chegada a Portugal, onde a vida corria mansa, deve ter representado um contraste incrível. Mesmo acreditando que o texto que se segue foi “alindado” pelos serviços portugueses de Propaganda Turística, a Figueira da Foz que os refugiados encontraram, em 1940, não deveria ser muito diferente desta descrição:

*“O casario da Figueira rebrilha de limpeza e aprumo. Não é possível superá-lo em compostura. Todos os prédios estão caiados a capricho – as silharias reluzentes e as paredes sem mácula. (...)*

*Na Figueira tudo é lavado, limpo, sadio, são. E varrido de puro ar. E esmaltado de claro sol. A maioria das ruas da Figueira, nomeadamente as de trânsito, são asfaltadas. As outras, bem compostas. Algumas a paralelepípedos. Tudo moderno. Seguindo as mais indicadas formas de correcto urbanismo. Não existem calçadas dolorosas com seixos que magoam e dificultam o andar. A cidade é quase plana e o piso suave e doce. Todas as artérias são cuidadosamente limpas de madrugada. Não se nota vestígio de sujidade. Até a travessa mais escusa reluz de esmero – naquele asseio que vai das gentes às casas, das casas às ruas, das ruas a toda a vida figueirense – material e moral!”<sup>11</sup>*

A chegada de tanta gente vinda em condições trágicas vai ser relatada tanto na imprensa figueirense como, mais tarde, em publicações de autores locais:

*“No comboio de Vilar Formoso, que chegou à estação desta cidade na terça-feira às 23.20 horas, vieram mais 180 refugiados, de ambos os sexos, que traziam grande quantidade de bagagens. (...) Na tarde de segunda-feira e dias seguintes, outros estrangeiros foragidos aqui chegaram, em automóveis.”<sup>12</sup>*

Também o escritor Luís Cajão referirá, em alguns dos seus livros, a impressão que essas chegadas lhe causaram:

*“Bagagens arremessadas dos quatro cantos da Europa atravancavam as imediações da estação dos caminhos-de-ferro, e pela primeira vez os naturais da velha Póvoa mareira pasmavam ao ver as estrangeiras fumar na rua.”<sup>13</sup>*

11. *Aspectos da Figueira da Foz*, edição da Comissão Municipal de Turismo, 1945.

12. *O Figueirense*, 29 de Junho de 1940.

13. Luís Cajão, *Torrentes da Memória*, Lisboa, Palas Editores, 1979, p. 14.





Figueira da Foz, esplanada na Rua Cândido dos Reis. Anos de 1940.

De Cajão é também uma interessante descrição das estrangeiras que então chegavam à Figueira:

*“Mulheres loiras, de saia curta e lenço atado no queixo, numa reminiscência algo campestre, fumavam rua fora, exuberantes e indiscretas, indiferentes aos olhares e galanteios dos Adónis que por elas passavam a caminho da praia e do revigorante banho de mar.”*<sup>14</sup>

Consoante as posses de cada um, os refugiados vão instalar-se em quartos alugados, pensões e hotéis. Os mais abastados podem mesmo alugar as suas próprias casas. Entre as unidades hoteleiras mais utilizadas pelos refugiados, contavam-se o Hotel Internacional, o Hotel Universal, o Hotel Praia, o Hotel Reis, a Pensão Europa e a Pensão Ibérica.

Para além do problema prático do alojamento, estes refugiados, maioritariamente judeus praticantes, tiveram também de resolver problemas relacionados com as obrigações religiosas. À semelhança do que vai acontecer noutras terras portuguesas, também na Figueira foi improvisada uma sinagoga temporária. Ao que parece, terá sido o rabino Geldzahler, que também estava com residência fixa nesta cidade, que organizou um espaço onde pudesse ser feito um *Minyan*<sup>15</sup>, a reunião de, pelo menos, dez judeus com mais de 13 anos para poderem ser recitadas preces como Kadish, Barechu e Kedusha, entre outras.

14. Luís Cajão, *Um Secreto Entardecer*, Lisboa, Escritor, 1998, p. 45.

15. Segundo informação contida no testemunho do rabino Joshua Geldzahler recolhido, em 2013, pela Sousa Mendes Foundation. Tanto quanto se sabe, este espaço teve também uma *Sucá* – a “cabana” temporária, geralmente feita de madeira ou tecido, através da qual se deve ver o céu. Segundo a tradição judaica, durante a festa de *Sucot* (Tabernáculos), os judeus devem comer diariamente numa *Sucá* especialmente construída para este fim.



Figueira da Foz, esplanada do Café Nicola, no Picadeiro. Anos de 1940.

Impedidos de trabalhar, atormentados pela incerteza do futuro, sofriam com a inactividade forçada e, muitas vezes, também com a falta de meios. Alguns conseguiam contornar a questão ensinando línguas, trabalhando para outros refugiados mais abastados ou colaborando “clandestinamente” em empresas portuguesas, como aconteceu a Nathan Buchstab:

*“Os meus pais viviam na Figueira da Foz, junto de uma família muito simpática chamada Silva. Tinham um negócio relacionado com bacalhau. O meu pai não tinha autorização para trabalhar por causa do seu visto turístico, por isso ofereceu-se para voluntariamente desenvolver no laboratório do Sr. Silva algumas pesquisas na extracção do óleo de fígado de bacalhau. Isto fez-lhe muito bem à sua moral.*

*Durante o dia, os meus pais passavam horas no café conversando com outros refugiados, discutindo, na maior parte dos casos, para onde e como é que podiam emigrar.”*<sup>16</sup>

Artistas como os pianistas Witold Malcuzyński, Prémio Chopin, e sua mulher Colette Gaveau, Prémio Liszt, puderam exercer a sua profissão tocando, por vezes, no Casino. Sobre um desses concertos, referirá Luís Cajão, que se tornou grande amigo do casal:

*“Este casal de pianistas desembarcara na foz do Mondego, em 1940, na maior indigência. Arménio Faria, que então dirigia, com Ernesto Tomé, o Casino, a instâncias minhas (eu fazia parte do «Comité de Recepção aos Refugiados»), consentiu que se organizasse um concerto. Numa terra de província, o concerto, para a época, rendeu razoavelmente: seis mil escudos. Mal Witold Malcuzyński recebeu esta importância, pegou-nos pelo braço, à mulher e a mim, e levou-nos às pressas para a sala de jogo. Trocando o dinheiro em fichas, repartiu em parcelas de dois*

16. Anny Buchstab Coury (testemunho recolhido pela autora em 2003).





Figueira da Foz, esplanada do Café Nicola. Anos de 1940.

contos o dinheiro pelos três. E quis que cada um de nós ocupasse uma mesa de roleta. Assim se fez. Um quarto de hora depois, ambos haviam perdido tudo. Eu, entretanto, fora ao «guichet» e convertera de novo as fichas em dinheiro. Dinheiro que só lhes entreguei no momento de os deixar à porta do hotel.”<sup>17</sup>

Desterrados em terra alheia, falando línguas desconhecidas de grande parte da população, o contacto entre os figueirenses e os refugiados não era intenso. Além disso, irmanados na desgraça, os estrangeiros, adultos, preferiam conviver entre si. Diariamente, encontravam-se nos cafés e nas esplanadas, sobretudo no Europa, para conversarem, trocarem informações, lembrarem tempos passados, sonharem com o futuro e... matarem o tempo. Os mais jovens, aproveitando estas férias forçadas, acabaram por se misturar mais com a população local.

“Quando chegámos a Portugal, fomos mandados para a Figueira da Foz, uma praia a norte de Lisboa.

Foi um grande alívio quando os meus pais nos disseram que não precisávamos de fugir mais e que íamos ali ficar a viver até irmos para a América.

Chegámos à Figueira em meados de Julho. Instalámo-nos numa pequena casa que o meu pai alugou. Contratou também uma cozinheira, a Lina, e, para tomar conta de nós, a Laura. Tivemos também um preceptor, o Sr. Mesquita, que nos ensinou muitas coisas, sobretudo canções como o Papagaio louro, a Canção do Minho e Comadre, minha comadre.

Durante o Verão, íamos todos os dias à praia. Ali, brincávamos com outros meninos que também falavam francês, o que nos fazia sentir ainda mais em casa.

Os meus pais frequentavam, como a maioria de outros refugiados, o café Europa. À mesa do café trocavam notícias, conversavam sobre o passado e afastavam o medo do futuro.

Associo também o café Europa a três amigos portugueses, os manos Fonseca, sempre tão simpáticos comigo.

17. Luís Cajão, *Torrentes da Memória*, Lisboa, Palas Editores, 1979, p. 14.



Esther Halpern e a irmã.



Figueira da Foz. Cerca de 1940.  
Figueira da Foz, passeio junto à praia. Anos de 1940.

Os meus pais iam por vezes ao Casino, onde de vez em quando se faziam festas de beneficência a favor dos refugiados. Numa delas, houve um «talent show» onde eu participei cantando uma cançoneta popular francesa, «Un zinc, un yacht et quatre cent mille francs, pour voir la vie en rose...»

Com Maria do Carmo Santos da Costa, aprendemos inglês. Era uma mulher maravilhosa que ficou nossa amiga para sempre.”<sup>18</sup>

Na Figueira, como noutras terras, fizeram-se, por isso, amizades infantis, nasceram paixões juvenis e, mesmo, casamentos:

“Amenos passeios, à noite, de mão dada, pela beira-rio, a queres ensinar-me à viva força Polaco. E eu, bronco, a fazer-te rir com as minhas inevitáveis silabadas. Trazias ao peito um signo-saimão que valeria porventura muito, pouco, nada, mas que me fascinava mais, muito mais, do que os relâmpagos do farol sobre os rochedos.”<sup>19</sup>

Como um dos pontos de encontro quase obrigatório, contava-se a Havaneza, livraria e casa de fotografia situada na Rua Cândido dos Reis.

O seu proprietário, José dos Santos Alves, e o seu irmão, Mário dos Santos Alves, eram, respectivamente, vice-cônsules da Bélgica e do Reino Unido. Os irmãos Alves não só desempenharam o seu papel diplomático, como souberam proteger e ajudar todos os que os procuravam. Por vezes, recebiam os mais desvalidos nas suas próprias casas, ao mesmo tempo que procuravam conseguir-lhes um suporte financeiro. À medida que o avanço das tropas de Hitler fazia “desaparecer” do mapa alguns países, José e Mário Alves começaram, também, a representar alguns destes.

Para muitos dos que passaram pela Figueira da Foz, durante a II Guerra Mundial, os irmãos Alves foram os seus verdadeiros anjos-da-guarda:

“Quando chegámos a Coimbra, fomos recebidos pelo cônsul da Bélgica, o Sr. Alves, um homem maravilhoso que nos ajudou por todos os meios. Aliás, toda

18. Testemunho de Esther Halpern Dresner, enviado por email em 2003.

19. Luís Cajão, *Torrentes da Memória*, Lisboa, Palas Editores, 1979, p. 15.



Figueira da Foz: Anny Buchstab e duas amigas. Cerca de 1941.







**Figueira da Foz, esplanadas junto à praia. Cerca de 1940.  
Refugiada na praia da Figueira da Foz. Cerca de 1940.**

a família Alves o fez. Levaram-nos para a Figueira e encontraram-nos uma casinha na Rua Miguel Bombarda. Graças a esta família, os nossos problemas acabaram sempre por se resolver. Lembro-me de uma rapariguinha, um pouco mais velha do que eu, de grandes olhos negros que se chamava Manuela e que me ensinava canções portuguesas.

Na Figueira, as mulheres levavam tudo à cabeça, o que para nós era extraordinário. Havia também uma coisa curiosa, uma espécie de panela onde se punha lenha e carvão e que servia para aquecer os pés no Inverno. Depois do êxodo, Portugal e esta família maravilhosa eram o paraíso na terra.”<sup>20</sup>

“Não sei como agradecer-lhe pela ajuda preciosa e cheia de simpatia que nos deu durante a nossa estada na Figueira. Espero que, um dia, eu e o meu marido o possamos testemunhar de outra forma, sem ser por simples palavras.”<sup>21</sup>

No final da Guerra, foram condecorados pelos reis da Bélgica e da Inglaterra.

Muitas vidas se cruzaram na Figueira da Foz, algumas pontualmente, outras para sempre, e outras, ainda, ficaram sessenta anos à espera de se reencontrarem.

Esta é a história de Anny Buchstab Coury, contada por ela própria, em dois tempos. Primeiro, refere o que viveu em 1940 e, depois, o que aconteceu em 2004, quando regressou a Portugal para tentar encontrar descendentes da família Silva que tanto tinha ajudado o seu pai.

“Em 1940 eu tinha dez anos. (...) A Figueira da Foz, onde nos instalámos enquanto esperávamos um visto para qualquer país fora da Europa, era quase o paraíso. Apesar de lá se encontrarem centenas de refugiados, todas as pessoas eram simpáticas connosco.

Só me lembro de duas pessoas da comunidade portuguesa, talvez por vivermos na casa ao lado. Um era um senhor, mais velho, muito distinto, o Sr. Silva, que

20. J.J. Jenlis (testemunho enviado à autora em 2003).

21. Carta enviada do Hotel Metrópole, em Lisboa, a um dos irmãos Alves por Odile W. Cléps.



era advogado e dono de uma firma de pesca de bacalhau. Apesar de não ter autorização do Governo português para trabalhar, o meu pai fez «clandestinamente», para esta companhia, várias pesquisas relacionadas com a extracção do óleo de fígado do bacalhau, o que para ele foi ótimo porque o ajudou a manter a moral em cima. A outra pessoa era a mulher do Sr. Silva, Anita, que era muito mais nova do que ele e extremamente bela. Lembro-me muito bem dela porque era sempre muito simpática comigo.

Quando nos fomos embora de Portugal, o Sr. Silva fez uma carta de recomendação para o meu pai, atestando os bons serviços que este tinha prestado na sua companhia. O Sr. Silva achava que ela poderia, mais tarde, ajudar o meu pai a arranjar emprego. O cargo da pessoa que assinava a carta estava dactilografado por cima da assinatura que era completamente ilegível.

Em Outubro de 2004. Tenho 75 anos. O meu marido Glenn e eu vamos a Portugal como turistas. Talvez eu fosse à procura de mais qualquer coisa. Raízes, afirmação? Não sei.

Por ter servido de refúgio a milhares de pessoas durante a Guerra, a Câmara Municipal da Figueira da Foz está a preparar uma grande exposição sobre este tema para dar a conhecer à cidade uma parte importante do seu passado. A comissária desta exposição, sabendo da minha visita à Figueira, combina um encontro entre mim e o presidente da autarquia, o Dr. António Duarte Silva, que me recebe nos Paços do Concelho.

Depois de termos sido calorosamente recebidos pelo presidente da Câmara, eu estava ansiosa por lhe fazer algumas perguntas.

Tinha trazido comigo uma cópia da carta de recomendação dada ao meu pai há sessenta anos. Ainda com a carta na mão, perguntei ao presidente se aquela companhia ainda existia e se ele me poderia ajudar a encontrar a pessoa que tinha escrito a carta ou alguém que ainda se pudesse lembrar do meu pai ou do seu trabalho, ou se seria possível encontrar os arquivos daquela companhia para ver se ainda existia alguma documentação sobre as pesquisas realizadas pelo meu pai.



**Esplanadas junto à praia da Figueira da Foz. Cerca de 1940.**



[illegible][illegible][illegible][illegible]

Nome: \_\_\_\_\_

Apelido: **SEBASTIÃO**

Nome completo: **José Maria Caroline Stevens**

Nome de solteiro: \_\_\_\_\_

Vício de: **Hubert Stevens**

de: **Amelin Kerkis**

Natural de: **Brasil**

Nasceu em: **30 - 3 - 1904** Estado: **Goiatuba** Idade: **40 anos**

Residência: **R. do Santa Caterina, 5-1º**



Assinatura do assinante:  $\left\{ \begin{array}{l} 1^{\text{a}} \text{ 11 - 20 8 - 940 \\ 2^{\text{a}} \text{ 21 - 9 - 940 \\ 3^{\text{a}} \text{ 11 - 10 - 940} \end{array} \right.$

Assinatura do assinado: \_\_\_\_\_

Assinatura do promotor: \_\_\_\_\_

Lugar onde se processa: **Seção Policial de Paz**

### VISTO

<p>Ex. 201 - 6 - 940</p> <p>Ex. 21 - 9 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p>	<p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p> <p>Ex. 11 - 10 - 940</p>
--	---

### OBSERVAÇÕES

[illegible]

**Família Vos em Coimbra.1940**

*O presidente parecia não me ouvir, nem estar a ler a carta. Pelo contrário. Os seus olhos fixavam-se na parte de baixo da folha. Depois de alguns instantes em silêncio, finalmente falou: «É o meu pai. Reconheci-lhe imediatamente a assinatura.»*

*Depois de alguns momentos de muita emoção, fiquei a saber muitas coisas sobre aquelas pessoas adoráveis que nos tinham ajudado enquanto estivemos na Figueira. A mais importante é que, em 1940, Anita estava grávida e que António Duarte Silva nascera em Maio de 1941, um mês depois de nós termos partido para a América!”*

A vizinha cidade de Coimbra também albergou centenas de refugiados, embora muitos dos que ali passavam estivessem a caminho da capital. Foi o caso de Paul van Zeeland, antigo primeiro-ministro belga, e da sua comitiva, que apenas ficaram a noite de 21 de Junho no Hotel Astória. Também a imperatriz Zita de Habsburgo e a sua família almoçaram neste hotel antes de partirem para Lisboa. Se estes eram personalidades importantes, a maior parte dos que por aqui passavam eram ilustres desconhecidos.

*“Ontem, cerca das 12 horas, passou em Coimbra uma caravana constituída por 15 veículos conduzindo muitos refugiados americanos, belgas e polacos e que se faziam acompanhar dos mais variados artigos de menagem e outros: malas, cestos, enxergões, roupas, etc., etc. A caravana seguiu com rumo a Lisboa.”*<sup>22</sup>

A 23 de Junho, o *Diário de Notícias* informava:

“Coimbra, 22 — Continuam a chegar a esta cidade muitas famílias de refugiados belgas e franceses. Os principais hotéis estão cheios de estrangeiros.

*Algumas daquelas famílias fixaram residência naquela cidade. Entre as pessoas hoje chegadas, contam-se duas famílias inglesas e a mulher e o filho do cônsul*

22. *Diário de Coimbra*, 26 de Junho de 1940.

Fotos da página anterior  
**Autorizações de residência pas-**  
**sadas a refugiados que se encon-**  
**travam na Figueira da Foz.**



dos Estados Unidos na Holanda. O antigo presidente do Governo belga, o Sr. Van Zeeland, visitou esta manhã a Universidade, acompanhado pelo Sr. Horn, conselheiro do Governo belga, e pelo Dr. Solkin Massét, advogado da corte daquele país.”

A chegada de tantos estrangeiros despertou uma enorme curiosidade na população local:

“Um dos factos que consideramos dignos de reparo é a maneira como os pobres foragidos se vêem rodeados, mal chegam a Coimbra, de um verdadeiro regimento de «mirones» que, de boca aberta e gozando as delícias de uma ociosidade prolongada, ficam horas e horas especados à sua volta como quem deseja comê-los... com os olhos.

A curiosidade, quando na medida certa, foi sempre aconselhável (...) porém quando assim não é, quando ela em nada se justifica e, de mais a mais, aborrece o nosso semelhante, logo deixa de ser predicado daquela espécie para se tornar basbaquice impertinente.”<sup>23</sup>

Passado o espanto inicial, tudo vai voltar à normalidade e, pouco tempo depois, os refugiados faziam parte do dia-a-dia dos coimbrões, sem que estes se lembrassem já de se espantar com os penteados das estrangeiras ou com os caracóis (pe'ots) e os chapéus dos judeus ortodoxos.

Se muitos dos que chegaram, então, a Portugal tinham meios de subsistência, outros viam-se confrontados com grandes necessidades. Disto nos dá conta uma pequena notícia publicada no *Diário de Coimbra* de 19 de Outubro de 1940 sob o título “Apêlo de uma família de refugiados belgas”. Diz ela:

“Uma família de refugiados belgas, já há bastante tempo nesta cidade e actualmente instalada num quarto não mobilado, em virtude da sua falta de recursos, pede aos seus amigos de Coimbra o empréstimo de alguma mobília: um armário, um guarda-vestidos, algumas cadeiras, uma mesa, um fogão ou fogareiro, etc. – o que, desde já, muito reconhecidamente agradece.

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Vila Saudade, 1.º.”

Por Coimbra passou também a família Vos que conseguiu entrar em Portugal com visto de Aristides de Sousa Mendes. Na cidade do Mondego, viveram vários meses, tendo sido protegidos por Carlos Martha, dono de uma fábrica de sabão em Santa Clara. Ao que tudo indica, será Martha quem acabará por lhes emprestar o dinheiro para adquirirem os bilhetes para os Estados Unidos. Contudo, o que parecia ser a solução para os problemas da família Vos acabou por ser o começo de um novo pesadelo.

Como não tinham vistos para os Estados Unidos, os Vos são impedidos de desembarcar naquele país e deportados para a Indonésia, na altura uma colónia holandesa. Aqui viverão, aparentemente, em paz até à invasão japonesa. Pouco tempo depois, são feitos prisioneiros e internados num dos terríveis campos de prisioneiros nipónicos. Aí ficaram, em condições muito precárias, até ao final da guerra.

De Coimbra, contudo, lembrar-se-ão sempre com imensa saudade e gratidão pela forma como foram recebidos.

23. *Idem*, 28 de Junho de 1940.



Protecção da fachada da igreja de Santa Cruz de Coimbra contra eventuais bombardeamentos. 1940.  
Avenida Emídio Navarro em Coimbra. Anos de 1940.  
Edifício da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra. Anos de 1940.



# Curia, Luso e Buçaco

A primeira vaga de refugiados que chega a Portugal, em Junho de 1940, vai, embora em menor escala, ser distribuída por estâncias termas da Região Centro.

Localizadas na Região Centro e no caminho entre Vilar Formoso e Lisboa, as termas da Curia e do Luso, bem como o Buçaco, vão também receber uma quota-parte de estrangeiros.

Infelizmente, nem todas as unidades hoteleiras destas estâncias souberam preservar os seus livros de hóspedes. Uma das poucas que o fez foi o Palace Hotel da Curia, hoje irrepreensivelmente restaurado. A partir do fim de Maio de 1940, começam a aparecer apelidos como Lipski, Ras, Vosol, Hikemalelin, etc.

Por vezes, a indicação é mais simplista e, em vez de um apelido, aparece a palavra “refugiados”.

Entre os que se instalaram na Curia, no Verão de 1940, conta-se o grande compositor e maestro polaco Grzegorz Fitelberg, então com 61 anos. Ao que tudo indica, terá sido um dos muitos que beneficiaram de um visto de Aristides de Sousa Mendes. Poucos meses depois da sua chegada à Curia, e apesar da grande diferença de idade, Fitelberg casará com uma refugiada polaca, Zofia Helen Reicher, de 37 anos.

Sabe-se que a cerimónia civil se terá realizado num dos hotéis daquela estância termal. Em seguida, os noivos, com um pequeno grupo de amigos, quase todos refugiados, almoçaram no parque desse hotel. Entre os presentes, contavam-se outros dois grandes músicos: os pianistas Witold Malcuzyński, também polaco, e a sua mulher Collete Gaveau, com residência fixa na Figueira da Foz. Para além destes dois, sabe-se que estavam, também, um escultor belga, o checo Eric Springer, a polaca Irene Kisterówna e o português Luís Cajão.

Deste último, será o único relato que temos deste matrimónio de guerra:

*“Íamos assistir ao casamento do maestro Fitelberg. Ele, um velho de sessenta e picos, a ligar-se indissolavelmente (?) a uma rapariga nervosa e muito cor de cenoura. «Casamento de guerra?» Sei lá. Que sabe a gente de casamentos? (...) Como estivéssemos ao ar livre, no parque do hotel, apareceu, às duas por três, um fotógrafo ambulante, um desses homens de máquina ao ombro e desatou a tirar-nos retratos «à la minute», que ainda hoje não percebo por que indizíveis razões se mantêm nítidos, brilhantes e expressivos. Como acabados de fazer.*

*Discursos, obviamente, não houve. Apenas um erguer solene, direi mesmo hierático, das taças de vinho da Bairrada. Tudo muito simples e em todo o caso cordial e inequivocamente comovedor, a jovem e o velho, dispostos com aquele rasgo a anular a guerra, o tempo e a morte.”<sup>24</sup>*

24. Luís Cajão, *Torrentes da Memória*, Lisboa, Palas Editores, 1979, p. 17.

Foto da página anterior  
Palace Hotel da Curia.



Avenida Emídio Navarro, Luso.



Hotel do Buçaco.





***Diário de Notícias*, 26 de Junho de 1940.**



***Diário de Notícias*, 28 de Junho de 1940.**



**Piscina do Palace Hotel da Curia.**

Em Junho de 1940, uma família de comerciantes de diamantes chega também à Curia, depois de uma fuga atribulada.

*“Chegámos, finalmente, a Portugal. Nem conseguíamos acreditar que aquele pequeno país estivesse tão bem organizado. Mal chegámos à fronteira, as autoridades dividiram-nos em grupos. Depois disseram-nos que nos iam enviar para estâncias turísticas. «Este grupo vai para aqui, este vai para ali, aquele vai para ali.» Eles tinham feito uma combinação com os hotéis e pensões para nos acolherem. Nós fomos para uma bonita terra chamada Curia, que era uma estância termal. Ficámos lá num hotel e era óptimo e tínhamos três magníficas refeições por dia. Quem podia pagar pagava, quem só podia pagar metade só pagava metade, quem não podia pagar não pagava nada. Chegámos no fim de Junho e ficámos até ao final de Setembro, altura em que as termas fechavam. Fomos depois realojados numa cidade chamada Porto. Arranjaram-nos, então, um apartamento mobilado para onde nos mudámos. Eu, entretanto, tinha feito uma série de amigos e tinha ficado com os nomes e telefones deles, por isso quando cheguei ao Porto procurei os que lá estavam a viver. Era tudo gente da minha idade, com 15, 16 anos. Como ainda não ia à escola, era divertido, passávamos o tempo a ir à praia, a passear, a pescar. Diverti-me imenso em Portugal. Foi uma boa vida.”*<sup>25</sup>

Pela Curia terão passado, nos anos da guerra, as ainda anónimas e futuras atrizes, de origem húngara, Zaza e Eva Gabor.

25. Stephanie Flakowicz Marks (USC Shoah Foundation).

# Caldas da Rainha

Antiga cidade termal, as Caldas da Rainha foi outro dos destinos escolhidos pelo Governo português para albergar refugiados em regime de residência fixa. Para esta cidade, vão ser encaminhadas, logo em Junho de 1940, centenas de pessoas. A permanência de refugiados nesta cidade vai ser uma realidade até para lá do final da guerra.

Renée Libermann é uma delas. Nascida no Luxemburgo, tem, tal como os irmãos, nacionalidade inglesa, por serem filhos de um abastado comerciante judeu de origem britânica. Após a invasão do Luxemburgo, o pai de Renée consegue fugir para Inglaterra. A mãe permanece com os filhos em casa. Com o agravar da situação relativa aos judeus, a mãe de Renée resolve partir com os filhos para a chamada França Livre. Perante a ocupação alemã destes territórios, com a conivência do Governo de Vichy, em 1942, os Libermann voltam a fugir, desta vez para tentar chegar a Lisboa:

*“Quando chegámos a Portugal, ao Marvão, que era a fronteira, vieram os agentes revistar as nossas coisas, com luvas brancas! (...) O meu pai queria ir*



**Caldas da Rainha, Praça da República. Anos de 1940.**





Hall de entrada do Hotel Rosa nas Caldas da Rainha.

para o Estoril. Porque em França nós comprávamos a revista Marie Claire todas as semanas e vinham grandes artigos sobre Portugal, o paraíso, e sobre o Estoril. Salazar, porém, tinha determinado que, conforme de onde vinham os refugiados, iam para um sítio. Nós viemos de Lyon... Caldas da Rainha. (...) todos os emigrantes eram recebidos no Hotel Rosa.”<sup>26</sup>

Apesar do choque inicial, acabaram por se adaptar e por adorar aquela pacata cidade. Renée acabará por se apaixonar pelo Dr. Luís Costa e Silva, um médico caldense que dava apoio aos refugiados. Com ele casará em 1945. Nas Caldas da Rainha, viveu até falecer, em 2005.

Quando chegava às Caldas, a maior parte dos refugiados instalava-se nas unidades hoteleiras disponíveis, nomeadamente os hotéis Central, Copa, Rosa, Lisbonense e a Pensão Aliança. Alguns alugavam também quartos no Café Bocage, no Bar Invicta ou no Joaquim Machado, Limitada<sup>27</sup>. Outros optavam por alugar as suas próprias casas.

Apesar de terem sido, na generalidade, bem recebidos, nem sempre a convivência entre estrangeiros e autóctones foi pacífica. Uma queixa contra Maria da Cruz Faria, moradora num primeiro andar da Rua Capitão Filipe de Sousa, dá-nos conta disso. A queixa é feita pelas irmãs Sousa Galinha, proprietárias do rés-do-chão desse mesmo prédio e que estava alugado a uma família estrangeira. Por elas, ficamos a saber que a vizinha do 1.º andar não devia gostar muito dos estrangeiros do andar de baixo, já que tinha particular gosto em sacudir à janela, sem qualquer cuidado, os tapetes e capachos..., “com o fim de todo o lixo se introduzir no referido rés-do-chão, sujando todo o mobiliário, que pertence às participantes, como procura sempre as ocasiões

26. Dulce Soure e Marina Ximenes, in *Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha*, catálogo da exposição-colóquio, Património Histórico, Grupo da Estudos da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, p. 13.

27. Relatório, datado de 20 de Dezembro de 1943, das casas que albergavam refugiados nas Caldas da Rainha. Arquivo Histórico da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Biblioteca Municipal. Documentação não tratada.

em que a referida família estrangeira tem roupas a enxugar num pequeno quintal pertencente ao rés-do-chão para, nessa altura, sacudir os tapetes para cima da referida roupa”<sup>28</sup>.

Também outra queixa demonstra alguma animosidade contra estes estrangeiros. A 3 de Junho de 1943, Jacinto Rodrigues, morador nas Caldas, apresenta uma denúncia contra quatro refugiados que surpreendeu, na noite de 15 para 16 de Junho de 1943, “a apanhar ameixas duma ameixeira na Rua Coronel Soeiro de Brito, os quais partiram uma tranca da árvore. Dois dos quais são os seguintes Wladislaw Sandzer, morador na Rua Sebastião de Lima n.º 6, e Maurice Fosuz, morador na Rua da Fé n.º 29”.

Estes e outros pequenos confrontos levam o presidente da Câmara, Júlio Lopes, a endereçar um ofício à Polícia de Segurança Pública pedindo um reforço de policiamento:

“A circunstância de se encontrar aqui, com residência marcada nesta cidade, grande número de refugiados, por motivo da guerra, número que vai dia a dia aumentando, obriga a um cuidadoso serviço de policiamento da cidade e também à necessária vigilância sobre esses mesmos refugiados. Verifica-se, porém, que o número de guardas actualmente no Posto das Caldas da Rainha é de 7, o que de forma alguma é bastante ou sequer sofrível para um regular serviço, a nosso ver, de gravidade.

Por tal motivo, tomo a liberdade de me dirigir a V. Ex.ª solicitando o especial obséquio da sua atenção e pedir-lhe se digne ordenar que o citado Posto seja reforçado com o número de guardas indispensável às exigências do momento.”<sup>29</sup>

Apesar destes pequenos incidentes, a vida nas Caldas da Rainha corria, normalmente, tranquila. Impedida de trabalhar, a maior parte dos refugiados aproveitava o tempo como podia. Para os mais velhos, os cafés eram os lugares mais frequentados, já que aí poderiam trocar informações e saber o que se ia passando pelo mundo. Os mais novos tinham mais variedade de escolha: com autorização da polícia, podem ir à praia da Foz do Arelho ou fazer passeatas pelas redondezas. Alguns são também admitidos no Clube de Recreio, onde vão jogar ténis.

Entre os refugiados instalados nas Caldas, destacou-se particularmente um. Chamava-se George Dobrynine e era carinhosamente conhecido por *Papá Urso*. De origem russa, tinha fugido da sua pátria após a revolução bolchevique.

Chega às Caldas da Rainha no Verão de 1940. Pouco tempo depois, Dobrynine, que tinha tido um ginásio em Ostende chamado Club Ours Blanc, funda o Clube Urso Branco. Senhor de uma personalidade carismática e com uma invulgar tenacidade, consegue, em pouco tempo, reunir à sua volta cerca de 200 alunos e, pouco tempo depois, organizava já espectáculos de ginástica que chegaram a alcançar notoriedade nacional. Para além da ginástica, o *Papá Urso* organizava passeios de bicicleta, aulas de luta, torneios de pingue-pongue, *ring-tennis*, etc.

Verdadeiro fenómeno de popularidade entre a juventude caldense, George Dobrynine conseguiu, durante o ano que aqui viveu, “revolucionar”,

28. Queixa enviada ao delegado especial do Governo nas Caldas da Rainha. Arquivo Histórico da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Biblioteca Municipal. Documentação não tratada.

29. Ofício enviado pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha a 28 de Junho de 1940. Arquivo Histórico da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Biblioteca Municipal. Documentação não tratada.



Henry e Michèle Galler nas Caldas da Rainha. Novembro de 1943.





George Dobrynine, o *Papá Urso*, e o grupo de ginastas *Os Ursos Brancos* num ensaio de coreografia. 1941.

com a sua alegria contagiante e os seus saraus de ginástica, a pachorrenta vida social das Caldas da Rainha. Talvez por isso é que, sem que nada o fizesse prever, Dobrynine é preso pela PVDE no Verão de 1941. Muito se especulou então sobre as razões dessa detenção.

Uns acharam que seria um espião nazi, outros que trabalharia para os Aliados. Porém, ao que tudo indica, a sua prisão ter-se-á prendido com uma razão mais prosaica. Convencido de que a sua popularidade lhe serviria já para alguma coisa, ignorou a não-renovação do seu visto e não abandonou o país na data prevista. Como é óbvio, a PVDE, sempre atenta a estes pormenores, obrigou-o a sair do país.

O problema, no entanto, é outro. Porque é que, como acontecia regularmente com outros refugiados, o seu visto não foi revalidado? Será que a notoriedade que começava a ter, em termos nacionais, estava a incomodar alguém ou o facto de ser russo e possuir um enorme ascendente sobre a juventude com que contactava não começavam a criar dúvidas à PVDE?

Solto, dias depois da sua detenção, Dobrynine é impedido de regressar às Caldas da Rainha e obrigado a embarcar para a Grã-Bretanha. Sabe-se que, em Londres, terá casado, ingressando, em 1942, como sempre tinha querido, no exército belga livre.

A questão dos vistos de permanência foi uma sombra pesada na vida dos refugiados. Concedidos por trinta dias, tinham de ser revalidados todos os meses enquanto permanecessem em território nacional. Se a PVDE não os quisesse revalidar, os seus portadores eram, como se viu, obrigados a sair do país. Na esmagadora maioria dos casos, a polícia lá ia renovando os vistos que expiravam. No entanto, se havia alguma suspeita de que o requerente se podia transformar num eventual perigo, a revalidação do visto era negada.

No final da guerra, nem todos os estrangeiros que tinham chegado às Caldas da Rainha tinham partido: uns, por não terem posses para isso, outros por não terem para onde ir e gostarem de viver naquela cidade. As autoridades portuguesas é que não estavam muito dispostas a deixá-los

ficar, como se depreende desta informação enviada, em 1946, pela PVDE ao presidente da Câmara das Caldas da Rainha:

*“Tenho a honra de comunicar a V. Ex.<sup>a</sup> que, a cada um dos estrangeiros constantes do ofício dessa Câmara n.º 3245 de 2 do corrente, pode ser concedido mais um visto de permanência válido por 30 dias.*

*Solicito ainda a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se digne mandar averiguar sobre quando pensam os indivíduos abaixo mencionados sair de Portugal, visto já estarem normalizadas as circunstâncias que os trouxe para aqui e nada actualmente justificar a sua permanência no País:*

*Alice Dorren TOPUZ  
Vicenta Ferrer de VALERO e filha  
Julia SURREY  
Muriel WOOLER  
Josepf GRAF  
Barão Ferguson LETHBRIDGE e esposa  
Lisboa 4 de Dezembro de 1946.”*<sup>30</sup>

Mesmo assim, alguns acabarão por conseguir autorização de residência nas Caldas da Rainha. Foi o caso de Leon Rosenthal, residente na Rua dos Artistas, n.º 31, que, em 1946, abria uma sociedade comercial, com sede nesta cidade, cujo objecto era *“a indústria e o comércio de produtos e preparados químicos ou qualquer outra indústria ou comércio que a Sociedade resolva explorar, excepto o bancário ou outro para que a Lei não exija uma autorização especial”*<sup>31</sup>.

Caldas da Rainha foi a cidade portuguesa escolhida pelo Governo para residência de aviadores aliados que tinham aterrado de emergência em Portugal. Aqui ficavam algumas semanas até serem “devolvidos” aos seus países de origem. Em 2008, o jornalista Carlos Guerreiro publicou o excelente livro *Aterrem em Portugal! Aviadores e Aviões Beligerantes em Portugal na II Guerra Mundial*, onde se referem não só os inúmeros casos de aterragens forçadas durante a II Guerra, em território nacional, como o destino dado às tripulações aliadas.

Depois de serem salvos ou apanhados, a polícia, geralmente, revisitava-lhes as bagagens, apreendia, se fosse possível, o avião e enviava-os de comboio para as Caldas da Rainha, onde ficavam instalados em hotéis. Como qualquer outro refugiado, não podiam abandonar a cidade sem autorização especial. Sem poderem fazer grande coisa e sem saberem falar português, a maioria destas tripulações aborrecia-se de morte.

Passeavam pela cidade, liam, faziam alguns jogos entre eles, e pouco mais. As horas das refeições acabavam por ser os pontos altos do dia, já que terminavam sempre em alegres cavaqueiras. O vinho soltava as línguas e as memórias e, muitas vezes, tinham de ser empurrados para fora do restaurante do hotel pelos empregados, desejosos de descansarem. Durante esses serões, contavam-se histórias, relembavam-se aventuras antigas, conquistas amorosas e peripécias de voos.



Jogo inventado pelos membros das tripulações aliadas, residentes nas Caldas da Rainha, para passarem o tempo. 1941.



Grupo de aviadores aliados retidos nas Caldas da Rainha, de visita à Casa dos Refugiados.

30. Ofício datado de 4 de Dezembro de 1946 enviado pela PVDE ao presidente da Câmara das Caldas da Rainha. Arquivo Histórico da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Biblioteca Municipal. Documentação não tratada.

31. Jornal *O Progresso*, 18.8.1946, p. 6.



Durante o dia, estas tripulações marcavam, de manhã, encontro no café do Hotel Rosa para beberem chocolate quente e comerem torradas. À tarde, o ponto de encontro era numa quinta às portas da cidade chamada Casa dos Refugiados. Gerida a partir de Lisboa, esta Casa era uma “filial” do Unitarian Service Committee, uma organização de apoio aos refugiados. Para além de ser um porto de abrigo para os que não tinham muitas posses, a Casa era também o lugar onde os estrangeiros se podiam encontrar para conversar e trocar ideias. Era dirigida por um homem de nome Hofmann e tinha, para além de salas de estar, vários dormitórios.

Por vezes, como recorda o antigo sargento Howell, faziam-se aqui tertúlias onde se discutiam “os mais variados assuntos, especialmente relacionados com a guerra. As experiências das pessoas que ali se encontravam tornavam o tema obrigatório”<sup>32</sup>.

Don Howell foi navegador de um *Hudson* britânico, tendo chegado às Caldas da Rainha, em Dezembro de 1943, juntamente com os outros tripulantes, depois de o avião em que vinham ter aterrado de emergência perto de Grândola. Na entrevista que concedeu a Carlos Guerreiro, explica como eram as Caldas da Rainha nos anos quarenta:

“Noventa e cinco por cento das pessoas pareciam extremamente pobres e andavam sempre vestidas de preto. Os meios de transporte utilizados eram a bicicleta, os burros e uns automóveis pretos, muito velhos, que utilizavam gás como combustível, armazenado num depósito, parecido com um fogão, preso nas traseiras dos veículos. Ao fim-de-semana aparecia por ali, num magnífico cavalo branco, um rico proprietário, julgo que o maior das redondezas, e toda a gente, excepto nós, o cumprimentava de uma forma bastante servil.”<sup>33</sup>

Por ele ficamos também a saber que eram obrigados a apresentar-se no posto da polícia. Como achavam que isso era uma grande maçada, resolveram, com sucesso, subverter o sistema e apenas ia um em representação de todos:

“Após alguns dias, achámos a situação pouco prática e passámos a ir, um por dia, em representação de todos. Não pedimos autorização a ninguém para o fazer, mas também nunca ninguém nos pediu explicações. De qualquer forma, éramos seguidos para toda a parte quer pela polícia fardada, quer por homens à civil.”<sup>34</sup>

Mas não era só a polícia portuguesa que os vigiava, agentes alemães que se encontravam por todo o lado também os mantinham debaixo de olho<sup>35</sup>.

Como acontecerá noutras terras portuguesas, as Caldas da Rainha deixarão uma boa recordação aos que, por uma razão ou por outra, aí tiveram de viver em tempo de guerra.

32. Carlos Guerreiro, *Aterrem em Portugal! Aviadores e Aviões Beligerantes em Portugal na II Guerra Mundial*, Colares, Pedra da Lua, 2008, p. 89.

33. *Idem*, p. 80.

34. *Idem*, p. 80.

35. *Idem*, p. 85.

# Lousa de Cima

Lousa de Cima, actualmente apenas chamada Lousa, é uma freguesia do concelho de Loures que preserva algumas características serranas devido à sua localização entre as serras da Carregueira, da Atalaia e de Serves.

Zona de pequenas quintas, pertencentes a lisboetas abastados, esta localidade tornava-se animada no Verão com a chegada destes proprietários alfacinhas que aqui passavam as suas férias. Em Lousa também existiu, até à década de 70, uma espécie de sanatório, a Casa de Saúde e Repouso de Lousa, que, durante décadas, será utilizado por doentes em convalescença.

Por documentação encontrada, sabe-se que alguns refugiados mais debilitados chegaram a ser para aqui encaminhados pelas autoridades portuguesas para se recuperarem.

Contudo, a apresentação, neste livro, de um subcapítulo dedicado a Lousa de Cima tem outra razão. Em Junho de 1940, vai instalar-se aqui o já várias vezes citado documentarista, de origem russa, George Rony. Mais tarde, no livro que escreveu, ainda sem edição em português, irá dedicar um capítulo inteiro à sua permanência nesta pequena aldeia serrana. É uma história tocante que merece ser divulgada.

Como se viu, os Rony entrarão em Vilar Formoso nos últimos dias de Junho de 1940. Viajavam de carro com um filho, Peter, de dez meses e um cão, o *Rocky*. Tocados pela beleza da paisagem e, certamente, muito aliviados por se encontrarem em Portugal, resolveram aproveitar ao máximo a viagem até Lisboa.



Lousa de Cima. Bilhete postal.



MAIRIE  
DE  
BOULOGNE-BILLANCOURT (Seine)  
1<sup>re</sup> DIVISION  
Bureau de l'Etat-Civil  
ANNÉE 1939  
N°        DU REGISTRE  
2000 - R. G. 59

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE  
LIBERTÉ - ÉGALITÉ - FRATERNITÉ

EXTRAIT DU REGISTRE  
des Actes de Naissances

RONY  
Pierre Roland

Le vingt neuf juin  
mil neuf cent trente neuf  
minutes est né Pierre Roland

du sexe masculin de Georges RONY et de  
Rosalie ROSENBAUM, son épouse ./.

Certifié le présent extrait délivré conforme, en Mairie  
de Boulogne-Billancourt, le onze septembre  
mil neuf cent trente neuf

Le Maire



Foto da página anterior  
Certidão de nascimento de Peter  
Rony, filho de George e Rosalie  
Rony.

O casal Rony com o filho Peter em Lousa de Cima. 1940.  
Peter Rony ao colo de uma senhora em Lousa de Cima. 1940.  
Os Rony com alguns amigos na Praia da Ericeira. 1940.  
Peter Rony dá os primeiros passos em Lousa de Cima. 1940.





George Rony. Cerca de 1940.

*“Sob um céu intensamente azul, característico das regiões montanhosas, uma paisagem magnífica oferecia-nos vistas variadas e incomparáveis. Castelos antigos com muros cobertos de hera contavam-nos histórias fascinantes do passado. «Vamos esquecer que não temos para onde ir, nenhum tecto para as nossas cabeças, e quase sem dinheiro nos bolsos», gritei. «Vamos desfrutar esta glória.» «Sim», repetiu Natasha, feliz. Vamos fazer de conta que estamos em lua-de-mel, apesar de Peter já ter dez meses...”<sup>36</sup>*

Numa primeira etapa, fazem como todos os outros refugiados e seguem até à Guarda para, depois, apanharem a estrada para Lisboa. Mas, passada a cidade e para espanto de sua mulher, George Rony opta por seguir por outra estrada menos directa.

*“Praticamente todos viravam à esquerda. Consultando o meu mapa, descobri que essa estrada da esquerda era o caminho mais curto para Lisboa. Escolhi o mais longo, o da direita. «Mas porquê?», perguntou a minha mulher. «Toda a gente está a ir pela outra.» «Precisamente por isso», respondi, «ou talvez tenha um palpite. Sinto que esta vai-nos levar ao fim do arco-íris.»”<sup>37</sup>*

Como o carro começa a ter problemas com o radiador, vão, ao longo desta viagem para sul, ter de parar várias vezes para o abastecer de água.

Durante a primeira paragem, uma camponesa oferece-lhes leite para o bebé e recusa-se a receber dinheiro por isso. Com o radiador a ferver, voltam a parar em Gouveia, onde acabam por ficar bastante tempo. Minutos depois de terem parado, são envolvidos pela população que os examina com curiosidade.

*“Não admira. Dentro do carro estavam três seres humanos, um cão e imensa bagagem. No tejadilho estavam a cama de desmontar de Peter e outros objectos, nomeadamente o carrinho de bebé.*

*No meio de exclamações de espanto dos mirones, Natasha tentava dar uma banana ao bebé. Poucos minutos depois, apareceram algumas mulheres trazendo pão, ovos, manteiga, queijo e leite. Por gestos, tentamos dizer-lhes como lhes estávamos profundamente agradecidos. Entretanto, alguém trouxe um funil e consegui encher o radiador num instante. Quando lhe disse «Obrigado», todos se desmancharam num riso deliciado.”<sup>38</sup>*

Um pouco mais à frente, voltam a parar noutra povoação para reabastecer o radiador. Foram interpelados em francês por um antigo combatente da I Guerra que lutara em França. O antigo soldado convida-os, então, para passarem a noite em casa dele:

*“«Eu amo a França. Dão-me a honra de aceitar a hospitalidade da minha casa para passarem esta noite? É que, vejam, são tão poucos os refugiados que passam por aqui que eu não tenho tido a oportunidade de lhes mostrar a minha solidariedade pela situação de la pauvre France.» Tanta bondade na sua voz e nos seus suaves olhos escuros! Natasha e eu consultámo-nos com o olhar. Eu não tinha pregado olho na noite anterior e estávamos ambos à beira da exaustão. Avidamente, aceitámos*

36. George Rony, *ob. cit.*, p. 250.

37. George Rony, *ob. cit.*, p. 251.

38. George Rony, *ob. cit.*, p. 252.





Ângelo Moreira de Campos.

«essa honra» do velho senhor. Pouco tempo depois, cruzávamos a sua porta. Esta experiência coroou um dia extraordinário.”<sup>39</sup>

No dia seguinte, regressam à estrada, carregados de mantimentos oferecidos pelo anfitrião.

A viagem para Lisboa continua. Preocupada, a mulher pergunta-lhe para onde vão, ao que Rony responde: “*Não tenho a menor ideia.*”

Como ela insistisse na pergunta, ele acabou por lhe responder: “*Pararemos no sítio certo e no momento certo. O carro decidirá por nós.*”<sup>40</sup>

E assim será. Num domingo, por volta do meio-dia, chegam a uma pequena aldeia serrana chamada Lousa de Cima. Param à porta da igreja para perguntar aos que saíam da missa se ainda estavam longe de Lisboa. Informados de que estavam a poucos quilómetros, quando tentam seguir viagem não conseguem: o carro não pegava.

Aparece, então, um homem, com um impecável fato de linho branco, que, em francês, se oferece para os ajudar. Metendo-se debaixo do automóvel, acaba por o conseguir pôr a trabalhar. Com a ajuda de um outro amigo, que também falava fluentemente francês, convencem-nos a ficar em Lousa. Nessa noite, dormem em casa dos novos amigos mas, no dia seguinte, Alfredo – assim se chamava o homem que os ajudara – tinha-lhes arranjado uma casa para viverem. Ao fim da tarde, o casal Rony encontrava-se instalado numa casa rural que pertencia ao padeiro de Lousa de Cima.

Aqui, irão conhecer um homem que virá a desempenhar um importante papel nas suas vidas. Chamava-se Ângelo de Campos e tinha ali uma bonita quinta onde passava férias.

Falando fluentemente francês, Ângelo de Campos torna-se no protector dos Rony.

A vida em Lousa de Cima é tranquila, e o casal Rony desfruta-a, deliciado. Para grande alegria dos pais, é aqui que o filho Peter começa a dar os seus primeiros passos. No entanto, e apesar da vida bucólica que levam, os Rony sabem que têm de partir. George tem algum dinheiro em Londres, mas não sabe como tirá-lo de lá. O pior é que, para conseguir o visto americano, tinha de provar que possuía, pelo menos, 600 dólares. Desconsolado, um dia desabafa com Ângelo. No dia seguinte, este aparece-lhe à porta com 200 contos, quase 800 dólares. Incrédulo, George pergunta-lhe:

“«Onde raio é que foi buscar tanto dinheiro?» «Oh, não é meu», respondeu-lhe prontamente Ângelo. «Este cheque representa as poupanças de toda a comunidade. Fui de porta em porta pedir um empréstimo para si e expliquei que, com certeza, lhes pagará mal tenha o seu dinheiro.» Todos deram alegremente, mesmo aqueles trabalhadores que só ganham seis dólares por mês. Todos estavam desejosos de o ajudar. Os portugueses, apesar de serem humildes e tímidos, compreendem a desgraça.”<sup>41</sup>

Ângelo também o pôs em contacto com um importante homem de negócios português que não só lhe emprestou dinheiro para as despesas

39. George Rony, *ob. cit.*, pp. 252-253.

40. George Rony, *ob. cit.*, p. 254.

41. George Rony, *ob. cit.*, p. 263.

da partida, como lhe prometeu trazer para Portugal o dinheiro que George tinha na capital britânica.

Dias depois, já na posse da sua “fortuna”, George pode pagar todos os empréstimos e preparar-se para partir.

No dia em que embarcou, teve ainda a grata surpresa de ver, no cais, grande parte da população de Lousa de Cima, que viera, de propósito, a Lisboa para lhes dizer adeus.



Ângelo de Campos e família em Lousa de Cima. Da esquerda para a direita: Manuel Moreira de Campos, Ângelo Moreira de Campos, Ana das Dores Bonito de Campos, Ofélia Andrade e Maria da Glória de Campos.



# Estoril, Sintra e Cascais

Pela carga mítica que carrega, o Estoril será sempre a estância balnear portuguesa mais associada à II Guerra Mundial. Pelos seus areais passaram espões famosos, estrelas de cinema, escritores, reis no exílio, aventureiras de renome internacional, etc.

Localizado às portas de Lisboa, o Estoril vai nascer no início da década de 1920, por iniciativa de Fausto de Figueiredo. No final de 1930, a nova estância balnear e termal tem o seu Casino praticamente concluído e as termas a funcionar. O Hotel Palácio e o Hotel Parque, que desempenharão um importante papel durante a guerra, já estão em funcionamento e, a partir de 1 de Setembro desse ano, o *Sud Express* passa a terminar a sua marcha na estação desta localidade.

É o começo dos anos dourados da *Riviera* portuguesa, também conhecida, então, por Costa do Sol. A fama internacional desta praia vai prolongar-se até ao final da década de 1960, grande parte por aqui se terem instalado, após o final da guerra, alguns ex-reis europeus, como foi o caso de Carol II da Roménia, de Umberto II de Itália e do príncipe D. Juan, herdeiro do trono espanhol e pai do actual monarca daquele país.

Mas a escolha do Estoril como terra de exílio começa muito mais cedo. Em 1931, a Monarquia espanhola é deposta pela vitória eleitoral republicana. Muitos monárquicos, provenientes do país vizinho, instalam-se, então, nesta cosmopolita localidade. Alguns anos depois e apesar dos protestos do embaixador da Espanha republicana em Lisboa, o historiador Sánchez-Albornoz, a oposição ao Governo que ele representava conspirava alegremente no Estoril com a total complacência do Governo português:

*“No dia dois no Tamariz (restaurante da praia do Estoril) estiveram a tomar aperitivos quatro falangistas (...) dois deles estavam feridos e tinham sido tratados no Hotel Palácio do Estoril (...) O quartel-general dos revolucionários espanhóis em Portugal acha-se instalado no palácio que tem no Estoril a marquesa de Argüelles, aí faz-se a recruta de voluntários aos quais, no momento de partirem para a fronteira, são entregues armas, munições e um punhal, saindo já com o uniforme fascista.”*<sup>42</sup>

O principal cabecilha desta oposição será o general Sanjurjo que vive com a família no Estoril, na Vila Leocádia. A 20 de Junho de 1936, Sanjurjo tentará partir de avião dos pinhais da Quinta da Marinha, junto a Cascais, para encabeçar o levantamento militar que irá dar origem à Guerra Civil Espanhola. Contudo, e apesar dos alertas dados pelo piloto de que levava demasiada bagagem, o general insistiu em partir com tudo. Não conseguindo ganhar altitude, o avião acaba por embater contra um pinheiro e cai, provocando-lhe a morte. O levantamento, contudo, será feito na mesma, só que agora sob a chefia de Francisco Franco.

42. Helena Matos, *Costa do Estoril, Um Século de Turismo*, Estoril, Junta de Turismo da Costa do Estoril, 2000, p. 80.

Foto da página anterior  
**Casal de refugiados na praia do Tamariz, no Estoril. 1940.**







Esplanada nas Arcadas do Estoril. Anos 40.



Barcos de recreio na praia do Tamariz. Cerca de 1942.

A Guerra Civil Espanhola, vai trazer muitas famílias falangistas para o Estoril, que aqui vão esperar pelo final do conflito.

A partir de 1937, outro tipo de exilados começa também a afluir a esta região. São, sobretudo, judeus que fogem ao pesadelo nazi. Entre os que chegam, por essa altura, destaca-se o escritor Stefan Zweig que, no Estoril, passará uma larga temporada antes de embarcar para o Brasil, onde se suicidará em 1942.

O final da Guerra Civil Espanhola leva muitos a regressarem ao seu país; contudo, o começo da II Guerra, nesse mesmo ano, volta a intensificar o fluxo de refugiados que chega a esta cosmopolita praia. No entanto, só após a queda de Paris, em Junho de 1940, é que esse movimento vai ter verdadeira expressão.

Encostada a Lisboa e gozando do estatuto de estância de luxo, o Estoril vai atrair gente da alta-sociedade europeia que foge da guerra: famílias reais e membros de governos depostos, escritores, artistas de cinema, banqueiros, industriais, etc.

Pelo eixo Estoril/Cascais vão passar, entre 1940 e 1945, os condes de Paris, herdeiros presuntivos do trono de França, a imperatriz Zita de Habsburgo e os filhos, a grã-duquesa Charlotte do Luxemburgo e o marido (que ficarão instalados na Casa de Santa Maria, em Cascais), a família real dinamarquesa, membros de governos no exílio, como o belga e o polaco, o rei Carol II da Roménia, os duques de Windsor, o cineasta Max Ophüls, o prémio Nobel da Literatura Maurice Maeterlinck, o actor Leslie Howard e os escritores Antoine de Saint-Exupéry e Ian Fleming, entre muitos outros.

A chegada abrupta de tanta gente criou alguma confusão entre as autoridades portuguesas pouco habituadas a estes desassossegos e, sobretudo, porque os conflitos entre estrangeiros se tornam uma constante. A 18 de Junho de 1940, o delegado do Governo do concelho de Cascais pede ao ministro do Interior reforço policial para esta zona:

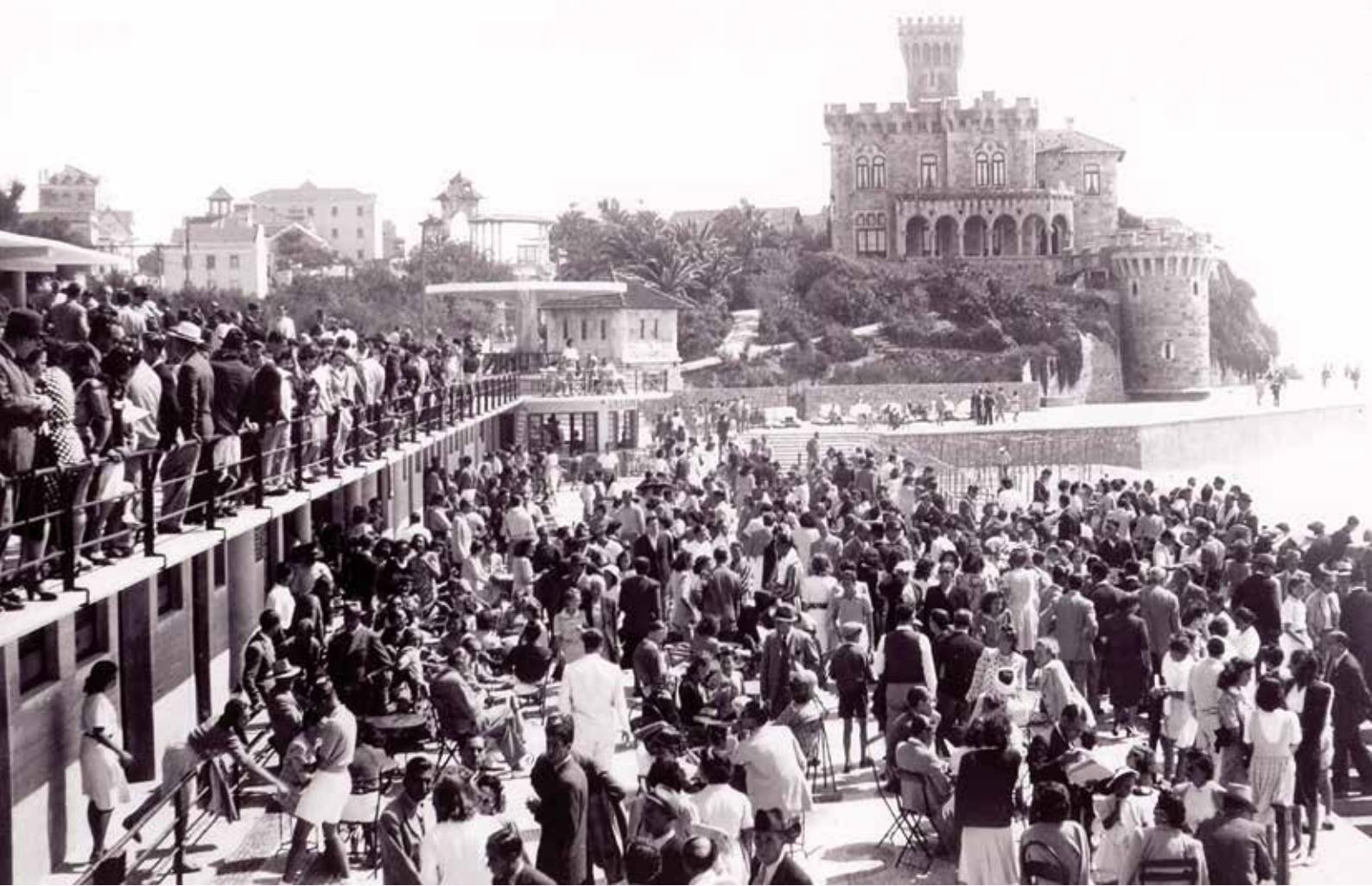
*“(…) O número de estrangeiros aqui residentes, sobretudo no Estoril, aumenta dia a dia, muitos deles não vão para os hotéis, alugam casas e espalham-se pelo Estoril, Monte Estoril e sobretudo imediações do Golf, várias nacionalidades, diversas políticas, ociosidade, nervosismo encontram-se e chocam-se, no Casino, no Tamariz, no Deck-bar, etc.*

*Um estado de nervosismo natural gera todos os conflitos, hoje um inglês e um alemão lutam no Tamariz em fato de banho, amanhã dois belgas e dois holandeses de política diferente agriem-se por causa da política do seu país, uma simples ligação de telefonia é a causa de um conflito e duma agressão, as palmas a um filme de assuntos militares origina um protesto e justifica uma agressão.*

*Depois, os recursos de alguns vão-se acabando, surgem o mau-estar, os calotes, as aventuras e até o roubo (...).<sup>43</sup>*

A concentração, no triângulo turístico Estoril-Sintra-Cascais, de tanta gente importante atrai, inevitavelmente, a espionagem internacional. Agentes especiais ao serviço dos Aliados ou do Eixo vão enxamear os salões do Casino e os corredores dos principais hotéis, transformando-os, muitas

43. Documento proveniente do Governo Civil do Distrito de Lisboa endereçado ao chefe de gabinete do Ministro do Interior, em 18 de Junho de 1940 (Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Fundo Ministério do Interior, Mc. 515, Liv. 4-PV/L n.º 67; 392;6).



Praia do Tamariz, no Estoril. Década de 1940.

vezes, em verdadeiros campos de batalha. Durante a guerra, praticamente toda a gente tomou partido por um dos lados beligerantes. Os hotéis não foram excepção. Assim, o Hotel Palácio era indubitavelmente pró-Aliados, enquanto o vizinho Hotel do Parque e o Hotel Atlântico, já no Monte Estoril, eram nitidamente pró-Eixo.

Não é de estranhar, pois, que, à semelhança do que acontecia em Lisboa, o ambiente que se vivia na Costa do Sol (Sintra incluída) era de intriga internacional. Essa vivência e o contacto com alguns dos espões mais importantes da época acabarão por influenciar certos escritores que por aqui passaram, como Graham Green e Ian Fleming. Este último, que fora recrutado, em 1939, pela Naval Intelligence Division, chega ao Estoril, em missão, em Maio de 1941. Instala-se no Hotel Palácio onde também está hospedado o agente duplo checo Dusko Popov. Ambos serão frequentadores assíduos do Casino onde, todas as noites, espões, figuras públicas e refugiados convivem lado a lado nas mesas de jogo. Sabe-se que Fleming se inspirou no Casino do Estoril para escrever *Casino Royale*, o primeiro livro da saga James Bond. Parece, também, que esta personagem, o famoso Agente 007, foi imaginada a partir do contacto que Fleming teve com Dusko Popov, um homem que se fazia sempre acompanhar de várias beldades.

Em Julho de 1940, a Costa do Sol vai viver também um momento de grande intensidade com a chegada do duque de Windsor, antigo rei de Inglaterra que, por amor por uma americana, duplamente divorciada, Wallis Simpson, abdicara do trono em 1936. Apesar de esta história de amor ser bem real, parece que as simpatias públicas que Eduardo VIII tinha demonstrado pelo III Reich teriam pesado, também, no seu afastamento





Baile no Casino do Estoril. Cerca de 1939.

do trono britânico. Apesar de inicialmente terem pensado ficar no Hotel Palácio, os duques de Windsor acabarão por se instalar em Cascais, junto à Boca do Inferno, em casa do banqueiro Ricardo do Espírito Santo Silva.

Será aí que o duque receberá uma ordem de Winston Churchill para seguir para as Bahamas como governador. Por todas as razões e mais alguma, o primeiro-ministro britânico queria o duque fora da Europa.

Entretanto, como Hitler acalentava o sonho de o recolocar no trono inglês depois de uma vitória sobre o Reino Unido, os alemães vão tentar tudo por tudo para o não deixar partir, tendo estado mesmo em cima da mesa a hipótese de um “raptó” de Sua Alteza. Durante semanas, sucedem-se encontros secretos e pressões de ambos os lados entre Cascais, o aeroporto internacional da Granja do Marquês, em Sintra, e Lisboa. Finalmente, os ingleses vencem mais esta batalha e, a 1 de Agosto de 1940, os duques de Windsor partem para as Bahamas, para alívio do Governo de Sua Majestade.

Meses depois, em Dezembro, chega a Lisboa o escritor e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry. Impossibilitado de ficar em Lisboa, por não haver lugares disponíveis nos hotéis, Saint-Exupéry vai para o Estoril, hospedando-se no Hotel Palácio. Mais tarde, deixará escrito, no seu livro *Carta a um Refém*, as suas impressões sobre alguns refugiados que encontra no Estoril:

*“Não tendo tido lugar em Lisboa, fiquei alojado no Estoril, perto do Casino. Vinha de uma guerra densa: o esquadrão aéreo a que eu pertencia, que durante nove meses nunca deixara de sobrevoar a Alemanha, tinha perdido, durante a única ofensiva alemã, três quartos da sua equipagem. De regresso a casa, conhecera a atmosfera morna da escravidão e a ameaça da fome. Vivi as noites espessas das nossas cidades. E eis que a dois passos do meu país, todas as noites, o Casino do Estoril se enchia de fantasmas. Cadillacs silenciosos, que faziam de conta que iam a algum*



Sala de jogo no Casino do Estoril. Final da década de 1930.

*lado, depositavam-nos sobre a areia fina do pórtico de entrada. Estavam vestidos para jantar, como antigamente. Exibiam os seus plastrões ou as suas pérolas. Convidavam-se uns aos outros para jantares de corpo presente, nos quais não tinham nada a dizer. Depois, jogavam roleta e bacará, consoante as suas fortunas.*

*Por vezes, ia olhá-los. Não sentia nem indignação nem ironia, apenas uma vaga sensação de angústia. Aquela sensação que sentimos num Jardim Zoológico perante animais de uma espécie em extinção. Eles instalavam-se à volta das mesas. Eles agrupavam-se em redor do croupier austero e esforçavam-se por sentir esperança, desespero, medo, inveja e júbilo. Como se estivessem vivos. Jogavam fortunas que talvez já não fizessem sentido nesse instante. Usavam moedas que podiam já não existir. Os valores dos seus cofres eram porventura garantidos por fábricas já confiscadas ou ameaçadas de desaparecer por bombardeamentos aéreos.*

*Faziam projectos na areia. Esforçavam-se por acreditar, mantendo-se ligados ao passado, como se tudo não estivesse, há meses, a rebentar; à legitimidade da sua febre, aos seus cheques com cobertura, à eternidade das suas convenções. Era irreal. Parecia um baile de bonecos. Era triste. Sem dúvida não sentiam nada.*

*Abandonava-os, então, e ia respirar à beira-mar. E neste mar do Estoril, mar de águas calmas, mar aprisionado, parecia-me que também elas entravam nesse jogo. Na baía, uma única vaga mole brilhava à lua, como um vestido fora de moda...”<sup>44</sup>*

Pelo Estoril passará também, em 1941, o rei Carol da Roménia, depois de uma fuga rocambolesca de Sevilha, onde estava sob a vigilância das autoridades espanholas. A sua fuga, que contou com a conivência de Mário de Carvalho Nunes, ajudante-de-campo do então presidente da República, Óscar Fragoso Carmona, e do grande proprietário alentejano, de origem inglesa, Victor Reynolds, foi muito contestada pelas autoridades espanholas e alemãs. Apesar destes protestos, Salazar dará asilo ao antigo monarca, alegando que ele era neto de uma infanta portuguesa. Tendo partido de Portugal em 1944, ao Estoril regressará em 1947, com a sua mulher Elena Magda Lupescu, instalando-se no *chalet* Mar e Sol, que habitará até à data da sua morte, em 1953.

Também em 1941, chegará ao Monte Estoril a colecionadora de arte Marguerite Guggenheim, mais conhecida pelo *petit nom* de Peggy.

Vem acompanhada dos seus dois filhos, Deirdre e Sindbad. Com ela viajam também o seu ex-marido Florenz Dale, a família deste e o pintor Max Ernst, com quem Peggy virá a casar nos Estados Unidos. O grupo, que ficará instalado no Grande Hotel de Itália, tinha chegado a Portugal com o apoio do jornalista americano Varian Fry, do Emergency Rescue Committee, cujo trabalho era tirar, a qualquer custo, de França intelectuais e artistas que estivessem em risco de cair nas mãos dos nazis.

Antes de ir para o Monte Estoril, Peggy estivera hospedada no Hotel Frankfort do Rossio, em Lisboa, mas, quando Florenz e Max decidiram ir para a costa, Peggy seguiu-os, considerando que, para as crianças, era muito melhor estar à beira-mar do que em Lisboa. Aqui ficarão cerca de cinco semanas<sup>45</sup>, enquanto esperam vagas para embarcar no *Clipper*.



Boletim individual de Antoine de Saint-Exupéry.

44. Antoine de Saint-Exupéry, *Lettre à un Otage*, in *Œuvres*, Paris, Gallimard, 1959 p. 391.  
45. Pelos registos existentes no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais, sabe-se que Peggy Guggenheim ficou no Grande Hotel de Itália de 9 de Junho a 24 de Julho de 1941.



Foto da página seguinte  
**Estoril, vista da praia a partir  
da esplanada do Tamariz.  
Agosto de 1938.**

No seu livro *Out of This Century*, Peggy Guggenheim deixará um breve relato sobre a sua estada por estas paragens:

*“Perto do Monte Estoril havia uma pequena vila de pescadores chamada Cascais e que fica a um quarto de hora a pé do nosso hotel. Por vezes, para variar, íamos lá nadar, apesar de passarmos a maior parte do tempo na nossa própria praia. Mas era à noite, depois do jantar, que mais gostávamos de lá ir.*

*Os barcos de pesca chegavam de noite. Descíamos, então, até à praia para vermos descarregá-los. Milhões de criaturas prateadas eram levadas à cabeça, em cestos, por mulheres do povo até ao mercado que ficava a umas centenas de metros. À meia-noite, todo o peixe estava vendido. Ali, podiam-se comprar maravilhosas lagostas por quase nada. Para além destas mulheres e de algumas prostitutas, não se viam outras mulheres em Cascais. Quando os homens dançavam na rua ou saltavam às fogueiras, faziam-no sem companhias femininas. O povo era triste, apesar de ter uma grande dignidade. Cascais parecia mais uma terra africana do que uma vila europeia. Havia qualquer coisa de misterioso nela, já que nunca se percebia o que é que se passava no interior das suas casas. Elas estavam hermeticamente fechadas, e as suas paredes escondiam as vidas de todas aquelas mulheres a quem não era permitido passear nas ruas. (...)*

*Havia algumas lojas de vinhos que vendiam por alguns «mil-réis» garrafas de vinho português. Podíamos nos sentar em bancos de madeira e falar ou fazer sinais para os pescadores. Eram muito amigáveis e estavam sempre a convidar-nos para irmos à pesca com eles. (...) Uma noite, em Cascais, resolvi tomar banho nua. Estava muito escuro, mas Max ficou aterrorizado. Os portugueses são católicos e nós estávamos a ser constantemente incomodados pela polícia por usarmos fatos de banho que eles consideravam indecentes! Como não sabiam falar inglês ou francês, tinham a mania de nos medir todas as partes que sobressaíam do nosso corpo, faziam cenas e depois multavam-nos.*

*Nós protestávamos violentamente e íamos às lojas que nos tinham vendido os fatos de banho. Eles trocavam-nos por outros, mas a polícia nunca se dava por satisfeita. Os homens não podiam andar de tronco nu, e as mulheres deveriam ter uma saia.”<sup>46</sup>*

Deste puritanismo provinciano se queixará igualmente o diplomata jugoslavo Miloch Tsrnhanski. Inicialmente colocado em Sintra, Tsrnhanski acabou por se hospedar no Hotel de Inglaterra, no Estoril. Também se verá a braços com o problema dos fatos de banhos indecorosos...:

*“Antes da partida de Portugal, travei também conhecimento com a polícia portuguesa. Isto é, quando estava a tomar banho de mar, (...) Quando saímos, aproximam-se de nós dois civis com chapéu de coco, medem-nos os calções de banho e perguntam porque estou em tronco nu. «Isto é proibido. Ambos para a polícia.» Visto que a jovem inglesa não sabe português e eles a apalpam, ela senta-se na areia, chorando e gritando. Eu protesto que eles não têm o direito a isso, segundo o direito internacional!*

*À justa, consigo convencê-los de que, pelo menos, deixem em paz a rapariga, que «sou diplomata» e estou pronto a ir à polícia (...) Vou depois, em Lisboa, à polícia, que se encontra num dos ancoradouros mais belos do mundo. Junto ao edifício*

46. Peggy Guggenheim, *Out of This Century*, New York, The Dial Press, 1946, pp. 279-280.







Prova de natação na piscina do Hotel do Parque, no Estoril. Final da década de 1930.

*do Almirantado, junto ao monumento a Pombal. (...) Depois colocam-me numa fila de presos, que são uma companhia de cores muito variadas em Portugal.*

*Em seguida, querem aplicar-me uma multa de 3000 escudos (o que era um bom dinheiro em Portugal), por ofensa à moral e ao regulamento do vestuário para banhos de mar. Então, regateio e insisto no direito internacional.*

*Finalmente, passo para as mãos de um funcionário superior que se ri e diz que nós, estrangeiros, nos banhos ofendemos a moral e o pudor das pessoas que passam, portuguesas que não tomam banho. Então pergunto por que razão tais fatos de banho se vendem no Estoril.*

*Depois, ele diz que me perdoa, desta vez, a multa, mas que, a partir deste momento, vista o sobretudo quando sair da água. Ri-se e despede-se amavelmente”.*<sup>47</sup>

Este diplomata também deixará escritas as suas impressões sobre o ambiente que o rodeava:

*“A maioria da gente no Estoril são judeus que fogem aos Alemães e abandonam a Europa. São ricos, mas pesados e medrosos. Quando me ouvem falar alemão, aproximam-se e sentamo-nos nos bancos. Contam-me como foram roubados na viagem e consolam-se que, caso os Alemães entrem em Espanha, chegará a frota inglesa para nos salvar. Entre eles, são patéticos os pares mistos, que não se separaram. Frequentemente, é o marido judeu e tem mulher cristã, ou é marido cristão e não quer deixar a mulher, judia. Tais casais andam pelo parque, cansados, e sentam-se em silêncio no hotel.”*

Depois de uma breve passagem pelo Hotel Aviz de Lisboa, o galã cinematográfico britânico Leslie Howard, um dos protagonistas de *E Tudo o Vento Levou*, resolve também mudar-se para a Costa do Sol. Howard, que

vinha em missão de propaganda aliada, vai hospedar-se no germanófilo Hotel Atlântico, no Monte Estoril, onde, por o seu proprietário ser alemão, flutuava a suástica. Em Lisboa, fará algumas conferências: uma, mais popular, no Teatro Politeama, sobre como fazer filmes de baixo orçamento em tempo de guerra; e outra, mais erudita, sobre Shakespeare, no Teatro D. Maria II.

Na hora da partida, escreverá, no livro de honra do hotel, “*on reviendra*”. Infelizmente, não poderá cumprir essa promessa, já que o avião da companhia britânica BOAC em que vai regressar a Inglaterra é abatido pelos alemães. Muito se tem especulado sobre esse assunto, mas, até hoje, desconhecem-se as razões desse ataque a um avião civil.

Para além destes refugiados mais mediáticos, sabemos que muitos outros se espalharam pela Costa do Sol e por Sintra. A maior parte optou por alugar uma casa. Foi o caso da família de Moritz Velleman, ligada ao negócio de diamantes:

*“Mais uma vez, amigos que trabalhavam na mesma área que nós levaram-nos para Cascais, uma pequena vila de pescadores às portas de Lisboa. Os meus pais alugaram um apartamento, e todos os dias eu vinha de comboio a Lisboa para trabalhar no seu escritório.”*

Para Sintra, a tão cantada vila portuguesa, sobretudo pelos amantes do Romantismo, também irão muitos refugiados, sobretudo diplomatas. Um dos que por aqui passou, antes de ser enviado para o Estoril, foi o já referido Miloch Tsrnhanski, que chega a Portugal, vindo de Roma, em Maio de 1941. No diário que deixou, relata assim a sua chegada a Lisboa e a ida para Sintra:

*“Na estação de Lisboa, esperava-nos o nosso encarregado de negócios, Koitc. Ele pôs-nos à disposição uma longa fila de autocarros. Para lugar de residência,*



**Hotel Atlântico. Como o hotel pertencia a um alemão, ostentava a bandeira nazi. Anos de 1940.**

47. In Jorge P. Santos Carvalho, “Lisboa e Estoril no Tempo da II Guerra”, in *Revista História*, n.º 105, Fevereiro de 1988, p. 24.



foi-nos designado Sintra. (...) Metemo-nos, em seguida, nos autocarros, depois do aviso de que, em caso de terramotos, que são frequentes tanto em Lisboa como em Sintra, saltemos das camas e nos coloquemos à janela – que é o lugar mais seguro quando as paredes fendem. A caravana de autocarros provoca novamente o espanto dos passeantes, os quais pensam, absolutamente seguros, que se trata da chegada de alguns «judeus» infelizes que conseguiram fugir dos «progroms» e dos campos de concentração (...).

Instalaram-nos em Sintra, em hotéis. Fico com um quarto que tem terraço, do qual é divina a vista sobre o Atlântico sem fim.

Estou a uma altitude de mais de 200 metros, abaixo da montanha, na qual brotam os jardins e as plantas mais belas da Europa. (...) Em Sintra, fica o pessoal menor da nossa legação de Roma e dos nossos consulados de Milão, Trieste, Skadar e Tirana.”<sup>48</sup>

Também Peggy Guggenheim visitará Sintra com Max Ernst, a quem o Palácio da Pena muito impressionará:

“Íamos muitas vezes a Sintra, a um encantador palácio construído no topo da montanha e rodeado por incríveis pedregulhos, que pareciam ter sido colocados ali de propósito. Os jardins tinham flores tropicais e árvores de todas as espécies. O castelo em si era mais um sonho de que uma coisa real. Era completamente surrealista e estava coberto com esculturas fantásticas. Para além disso, tinha terraços e rampas como Elsinore<sup>49</sup>. O fantasma de Hamlet poderia andar por aqui e sentir-se completamente em casa. O interior não era tão excitante: havia muitos quartos vitorianos e uma enorme sala de recepção com sofás e cadeiras espalhados por pequenos grupos. Quando Max viu isto, achou que este seria o sítio ideal para uma «charmante soirée».

A família real portuguesa viveu ali há cinquenta anos. Penso que aquelas paredes esculpidas fizeram lembrar a Max o trabalho que ele tinha feito na sua casa de St Martin d’Ardèche, e isso tornou-o muito infeliz. Mas também o deve ter estimulado, porque tenho a certeza que elas acabaram por o influenciar nos seus quadros futuros.”<sup>50</sup>

Durante a II Guerra, e para além de ter recebido algumas dezenas de refugiados, Sintra desempenhou um papel importante, entre 1939 e Outubro de 1942, já que, bem próximo da vila, terá funcionado, na Granja do Marquês, o aeroporto internacional onde chegavam e de onde partiam as principais linhas aéreas que ligavam Lisboa às várias cidades europeias. Com a abertura do aeroporto da Portela, em Outubro de 1942, a Granja do Marquês acabou por ser desactivada, tornando-se, posteriormente, numa base aérea militar.

48. “Miloch Trsnhanski”, in Jorge Santos Carvalho, “Um Diplomata e Escritor Jugoslavo no Estoril da Última Guerra”, revista *História*, n.º 105, Fevereiro de 1988, pp. 19-20.

49. Elsinore, o castelo real dinamarquês onde se desenrola *Hamlet*, uma das mais famosas peças de William Shakespeare.

50. Peggy Guggenheim, *Out of This Century*, New York, The Dial Press, 1946, p. 282.

**BOLETIM DE ALOJAMENTO DE ESTRANGEIRO**

Para os efeitos do Art.º 6.º do Decreto N.º 15.884 de 24 de Agosto de 1928, declaro que forneci alojamento ao estrangeiro cuja identidade consta do verso deste boletim.

**GRANDE HOTEL D'ITALIA**  
MONTE ESTORIL

data 9 de Junho de 1941

Nota: O nome e endereço podem ser substituídos pelo carimbo aposto nesse lugar.

Recebi a declaração de alojamento do estrangeiro: *Marguerite S. Guggenheim* Nacionalidade *U. H. America* 9.6.41 (a)

N. B. - Este talão deve ser devolvido à Repartição que o passou, quando o estrangeiro deixar esse alojamento, com a data da saída.

24.7.41

**BOLETIM INDIVIDUAL**

Para os efeitos do art.º 1.º do Decreto N.º 16.386 de 18 de Janeiro de 1929 (Aprovado pelo Decreto Lei N.º 20.321)

Nome completo Nom et prénom *Marguerite S. Guggenheim*

Nacionalidade Nationalité *U. H. America*

Nascimento Naissance *New York City*

Profissão Profession *Art*

Domicílio habitual Domicile habituel *Marselha*

Passaporte Passeport *N.º 245*

Expedido em Délivré à *Marselha*

Data Date *22 de Março de 1941*

Auto. N.º

Recebi a declaração de alojamento do estrangeiro: *Marguerite S. Guggenheim* Nacionalidade *U. H. America* 9.6.41 (a)

N. B. - Este talão deve ser devolvido à Repartição que o passou, quando o estrangeiro deixar esse alojamento, com a data da saída.

24.7.41

**BOLETIM INDIVIDUAL**

Para os efeitos do art.º 1.º do Decreto N.º 16.386 de 18 de Janeiro de 1929 (Aprovado pelo Decreto Lei N.º 20.321)

Nome completo Nom et prénom *Leslie Howard*

Nacionalidade Nationalité *Inglesa*

Nascimento Naissance *London*

Profissão Profession *Director e Actor de Cinema*

Domicílio habitual Domicile habituel *U. S. A.*

Passaporte Passeport *(a) Passaporte N.º 9073*

Expedido em Délivré à *London*

Data Date *12 de Março de 1942*

Auto. N.º

Recebi a declaração de alojamento do estrangeiro: *Leslie Howard* Nacionalidade *Inglesa* 1.5.43 (a)

N. B. - Este talão deve ser devolvido à Repartição que o passou, quando o estrangeiro deixar esse alojamento, com a data da saída.

10.5.43

**BOLETIM DE ALOJAMENTO DE ESTRANGEIRO**

Para os efeitos do Art.º 6.º do Decreto N.º 15.884 de 24 de Agosto de 1928, declaro que forneci alojamento ao estrangeiro cuja identidade consta do verso deste boletim.

Nome do hotel, da pensão, ou do locatário: **Hotel Atlantico**

Endereço *Monte Estoril*

Localidade: Concelho de Cascais

Monte Estoril, 8 de Maio de 1943

Nota: O nome e endereço podem ser substituídos pelo carimbo aposto nesse lugar.

Recebi a declaração de alojamento do estrangeiro: *Leslie Howard* Nacionalidade *Inglesa* 1.5.43 (a)

N. B. - Este talão deve ser devolvido à Repartição que o passou, quando o estrangeiro deixar esse alojamento, com a data da saída.

10.5.43

Boletins de alojamento de Peggy Guggenheim e de Leslie Howard, respectivamente no Grande Hotel d'Itália e no Hotel Atlântico, ambos no Monte Estoril.





Antiga Pensão Morais, na Ericeira. Década de 1940.

# Ericeira

Pequena comunidade piscatória, a Ericeira tinha saído do anonimato, em 1910, por ter sido aqui que a família real embarcou para o exílio, marcando o final de quase 800 anos de Monarquia.

Com o desenvolvimento do veraneio, iniciado no final dos século XIX, a Ericeira vai ser conhecida, também, por ser uma pacata praia de banhos para onde iam muitas famílias, não só das redondezas, mas também de Lisboa. Os veraneantes, exclusivamente nacionais, eram conhecidos, entre a população local, como os “senhoritos”. Chegavam em Junho e, normalmente, só partiam no final de Setembro. Muitos instalavam-se nas pensões locais, outros eram donos das suas próprias casas, mas a grande maioria optava por alugar uma casa à época.

Em Junho de 1940, porém, vão chegar os primeiros refugiados à Ericeira. Tratava-se do Sr. Scmeyk, cônsul da Polónia em Lyon, que vinha com a família e outros polacos pertencentes ao pessoal do consulado<sup>51</sup>. Como forma de agradecimento, esta família polaca acabará por oferecer, quando partir, uma viatura da marca *Berliet*, mais tarde transformada em ambulância, aos Bombeiros Voluntários desta localidade<sup>52</sup>.

Serão os únicos refugiados a instalar-se na pequena vila piscatória até Janeiro de 1943, como se depreende de um documento avulso da autoria de Jaime Lobo e Silva, erudito ericeirense que presenciou este acontecimento:

*“Num sábado, 2 de Janeiro de 1943, cerca das 11 horas da noite, chegou à Ericeira um grupo de estrangeiros (franceses, polacos, belgas e holandeses, na maioria judeus) refugiados em Portugal, e para aqui mandados pelo nosso Governo, sob vigilância da Polícia Internacional. Eram cerca de 70 a 80 pessoas.*

*Instalaram-se nas pensões e depois em casas particulares. A Polícia Internacional ficou instalada na sede da Junta de Freguesia. Vieram directamente de Lisboa para a Ericeira, dirigidos ao regedor e presidente da Junta de Freguesia, sem conhecimento nem intervenção alguma da Autoridade Concelhia. Diz-se que vêm mais refugiados até ao número de 2500.*

*Estes que primeiro chegaram vieram em duas camionetas do Eduardo Jorge, de Lisboa.*

*Com eles veio um operador de cinema, que esteve a filmar no Jogo da Bola, onde estava muito povo assistindo à chegada dos refugiados.”<sup>53</sup>*

A chegada destas camionetas ficou de facto documentada num pequeno filme não editado e que se encontra arquivado na Cinemateca Portuguesa, sob o título *Portugal de Salazar*.

Na Ericeira, vão começar por se instalar nas pensões, mas também em casas ou quartos alugados. Uma das unidades hoteleiras que mais

51. José Caré Júnior, *Ericeira, 50 Anos Depois, os Refugiados Estrangeiros da Segunda Guerra Mundial*, Ericeira, Mar de Letras, 1995, p. 31.

52. *Idem*.

53. Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira.



**Chegada à Ericeira, ao Jogo da Bola, de camionetas que transportaram refugiados. 1943. Bagagem de refugiados que chegaram à Ericeira. 1943.**





**Chegada das camionetas com refugiados à Ericeira. 1943.**  
**Ericeira, Praça da República, mais conhecida por Jogo da Bola. Finais da década de 1930.**  
**Refugiados e população no Largo do Jogo de Bola, na Ericeira. 1943.**

estrangeiros teve nesta época foi a Pensão Morais, de que ainda se conhece o livro de registo destes “turistas forçados”.

As instalações da PVDE da Ericeira, onde regularmente os estrangeiros tinham de se apresentar, eram num 1.º andar da Rua 5 de Outubro. Bem perto funcionava uma dependência de uma organização de apoio aos refugiados, a Unitarian Service Committee. Por um ofício existente no Arquivo Salazar, fica-se a saber que este organismo funcionou para além do final da guerra e que prestaria, segundo a PVDE, apoio, clandestinamente, a antigos combatentes do lado republicano da Guerra Civil Espanhola<sup>54</sup>.

Aliás, sabe-se que para a Ericeira foram, maioritariamente, aqueles que tinham passado político ou que tinham chegado a Portugal indocumentados. Assim, a maior parte já passara pelas celas do Aljube:

*“(…) havia entre os internados uma mão-cheia de activistas políticos. Eram sobretudo ex-combatentes republicanos da Guerra de Espanha, que tinham conseguido escapar dos campos de concentração franquistas e entrar no país vizinho, Portugal; entre eles, Karl Lösch, John Popp, o austríaco Brumme e o sabichão Max Better. (...) Os que se tinham infiltrado clandestinamente em Portugal tinham sido mandados para a Ericeira, seriam mais de uma centena”*<sup>55</sup>.



**Ericeira, Rua Eduardo Burnay.**

54. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, AOS/CO/IN-8C, pasta 40.

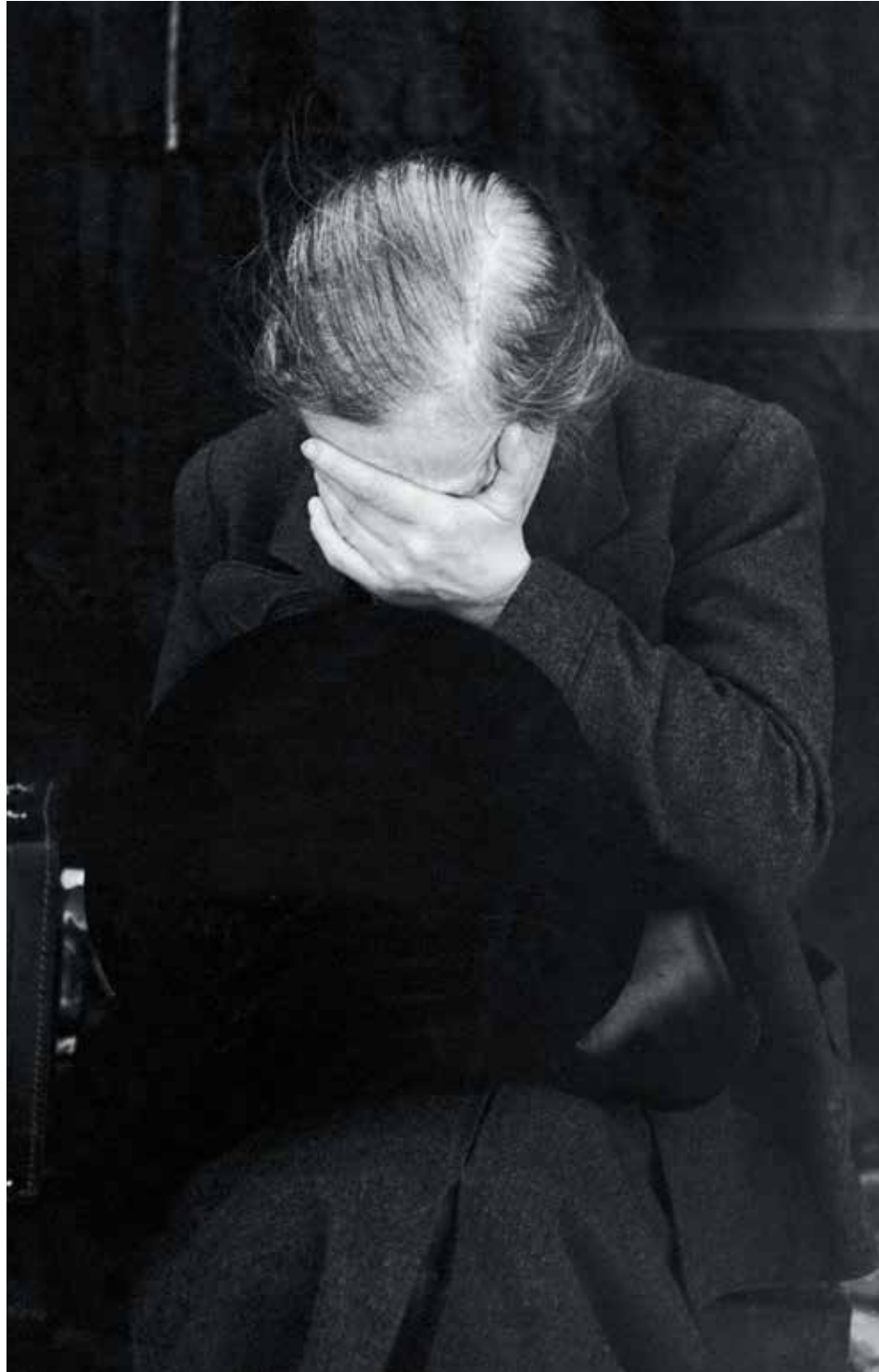
55. Fritz Teppich, *Um Refugiado na Ericeira*, Ericeira, Mar de Letras, 1999, p. 27.







de Graça, por quem vem a ter uma forte paixoneta. Após a guerra, é obrigado a partir para os Estados Unidos. A Portugal, voltará algumas vezes. Na sua última visita e sabendo que Graça, agora com oitenta e muitos anos, continuava a habitar a mesma casa, aluga o seu antigo quarto para poder ficar perto dela. Já nos Estados Unidos e preocupado com o bem-estar do seu velho amor, far-lhe-á chegar um magnífico cobertor eléctrico para as noites frias da Ericeira.



Refugiada no Porto de Lisboa, antes da partida. 1940.

## Lisboa

Como referirá, em 1941, Miloch Tsrnhanski, *“a Lisboa afluía tudo o que pôde fugir aos Alemães, na Europa. Toda esta gente parou aqui, onde começam as ondas do mar”*<sup>58</sup>.

De cidade pacata quase provinciana, Lisboa transforma-se, praticamente da noite para o dia, no centro cosmopolita da Europa, onde se cruzavam espiões, antigos membros de governos europeus, reis no exílio, artistas famosos, escritores, banqueiros, negociantes de diamantes, etc.:

*“Para quem conhece esta cidade de antigamente, é praticamente inconcebível a transformação que ela sofreu em tão curto espaço de tempo. A animação que aqui reina aumenta de dia para dia. Chegam cada vez mais emigrantes, de França e dos territórios ocupados pelos alemães. Na Praça do Rossio, no centro da cidade, já quase não se ouve uma palavra de português. Em contrapartida, ouvem-se praticamente todas as línguas e idiomas que existem, sobretudo francês, inglês e alemão. Mas também nos chegam aos ouvidos polaco, holandês e flamengo...”*<sup>59</sup>

Para tanto, valeram-lhe a neutralidade portuguesa e o facto de o país estar afastado do palco da guerra pela vizinha Espanha, tornando-se, assim, no único porto livre e seguro do Sul da Europa.

Mesmo antes do começo da guerra, já alguns refugiados, mais preventes, tinham chegado a Lisboa. No entanto, só após a queda de Paris, em Junho de 1940, é que o afluxo dos que fogem às tropas nazis se transforma numa vaga incontrolável.

Para quem vem da escuridão total do *blackout* das cidades europeias, as luzes de Lisboa serão uma das coisas que mais marcarão os que chegam. Arthur Koestler, que no seu livro *Arrival and Departure* se referirá a Portugal como Neutrália, dirá: *“Era assim Neutrália, o país onde nunca se apagavam as luzes.”*<sup>60</sup> Também outros escritores se referirão à iluminação nocturna da cidade. Para Karl O. Paetel, isso foi motivo de deslumbramento:

*“Chegámos à Praça do Rossio, o centro de Lisboa. Magnífico! Só quem vem de um país numa escuridão total, onde à noite é preciso andar pelas ruas a tactear o caminho, pode apreciar o que viemos encontrar quando, às duas da madrugada, sentimos jorrar sobre nós aquela iluminação mágica das luzes na praça.”*

Para o alemão Alfred Döblin, isso foi um verdadeiro choque:

*“Eram duas da madrugada. Passámos ruas brilhantemente iluminadas (...). Não esqueceremos o abalo que isso nos deu. Em que estado tormentoso se debatia, não longe daqui, a grande França, eram cidades em trevas forçadas pela guerra, a região norte infestada de conquistadores. Passava-se fome e aguardavam-se as disposições*

58. “Miloch Tsrnhanski”, in Jorge Santos Carvalho, “Um Diplomata e Escritor Jugoslavo no Estoril da Última Guerra”, revista *História*, n.º 105, Fevereiro de 1988, p. 22.

59. Eugene Tillinger, “Aufbau 10 de Dezembro de 1940”, in Catálogo da exposição *Fugindo de Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945*, Goethe Institut Lissabon/Lisboa Capital da Cultura, 1994, p. 23.

60. Artur Koestler, *Arrival and Departure*, London, Jonathan Cape, 1943, p. 12.



Refugiados no Porto de Lisboa. Cerca de 1943.





Chegada de refugiados a Santa Apolónia. Cerca de 1943.

*do vencedor. Sofria-se, a aflição era geral. Milhões de homens aprisionados, outros tantos tomados de pavor, dezenas de milhar levados à morte – e aqui brilhava a luz. Fruía-se a paz.*

*Não conseguíamos sentir alegria. Só pensávamos no que ficava para trás. Rodámos caminho fora no nosso matraquear rumo à cidade luminosa, infernalmente luminosa (era a impressão que tínhamos). ”<sup>61</sup>*

De facto, em 1940, a cidade, que ainda não conhecera o que era um *blackout*<sup>62</sup>, estava profusamente iluminada. A razão principal era porque o país estava em festa. Comemorava-se o Duplo Centenário da Nacionalidade e da Independência (1140-1640). Em Junho, dias depois da rendição da França, a cidade abria, orgulhosa, as portas da Exposição do Mundo Português, a “mais bela do Mundo”, como a designou Antoine de Saint-Exupéry. Começada a preparar em finais de 1938, para mostrar as grandezas de Portugal, acaba por ser inaugurada em plena invasão da Europa. Sem conseguir mostrar nada ao mundo, já que o número de estrangeiros que a visita é relativamente baixo, consegue, mesmo assim, ter três milhões

61. Alfred Döblin, *Viagem ao Destino*, Porto, Edições ASA, 1997, p. 228.

62. Perante a eventualidade de uma invasão alemã na sequência da cedência das bases açorianas aos Aliados, em 1943, Lisboa e outras cidades portuguesas preparam-se para a guerra. Sob a orientação da Legião Portuguesa, são realizados exercícios de protecção civil, são criados abrigos subterrâneos, são colocadas baterias antiaéreas em pontos estratégicos, os edifícios importantes e os monumentos das principais cidades são protegidos com sacas de areia; durante os exercícios nocturnos, as cidades mergulham também na escuridão. Finalmente, Lisboa sabia o que era um *blackout*!



Exposição do Mundo Português. 1940.



Chegada de refugiados ao Rossio. 1940.





Jovens refugiadas na Colónia Balnear O Século. 1941.

de visitantes, um número bastante elevado, tendo em conta que a população do país se cifrava, na altura, em cerca de 8 milhões de pessoas.

*“Na altura tinha sido montada junto ao mar uma notável exposição colonial; o comboio em direcção à cidade passava por ela, parava expressamente no local – mas nem isso me fez sair. É o que faz a despedida: interiorizamo-la, ela absorve-nos completamente. O que noutra ocasião nos impressionaria não nos desperta agora o menor interesse. No rio estava atracado, com a altura de uma casa, o bergantim original do descobridor Vasco da Gama. Apesar de se tratar de uma imitação, a sua silhueta fantástica irradiava brilhos de ouro. Por mim, até podia estar ali o célebre navegante em pessoa, acenando com o chapéu, que a viagem que me esperava reduzia a sua a nada.”*<sup>63</sup>

Com a chegada de milhares de estrangeiros no Verão de 1940, as principais organizações de apoio aos refugiados, que vinham reforçar o trabalho que já estava a ser desenvolvido pela Cruz Vermelha Portuguesa, pela Comunidade Israelita de Lisboa e pela Comassis (Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados), instalam-se em Lisboa e noutras cidades ou vilas portuguesas. Dirigida pelo médico Augusto d’Esaguy, a Comassis, que era financiada pela Joint, tinha a seu cargo o Hospital Israelita e a Cozinha Económica, alimentando diariamente mais de duzentas pessoas. Esta organização vai estabelecer acordos com a Farmácia Vieira Borges, na Rua Alexandre Herculano, e com os Grandes Armazéns do Chiado e do Grandela, de modo a poder fornecer medicamentos e roupas a todos os que necessitavam.

Entre as muitas organizações internacionais que operavam em Lisboa, contavam-se a *Joint* (*American Jewish Joint Distribution Committee*), que não só financiava outras instituições, como trabalhava no sentido de obter vistos e passagens marítimas para os que chegavam, e a *Hias/Hicem*, uma outra organização judia americana que apoiava financeiramente os refugiados judeus. Para além destas duas, porventura as mais importantes, ainda existiam a *Comlux*, uma organização que apoiava a emigração dos judeus do Luxemburgo, a *Cruz Vermelha Internacional*, a *Emergency Rescue Committee*, que procurava resgatar dos países ocupados artistas, intelectuais e opositores políticos, a *World Council of Churches*, a *War Refugee Board*, os *Quakers* e a *Unitarian Service Committee*.

A neutralidade portuguesa atribuiu também a Lisboa, um outro importante papel, o de palco privilegiado para as trocas de diplomatas dos países em guerra, bem como para as dos seus prisioneiros. Por diversas vezes, durante a guerra, o porto alfacinha irá assistir a este *ballet* de trocas entre Aliados e Eixo.

Como já se referiu, durante a guerra, por Lisboa vão passar inúmeras personalidades políticas, homens de negócios e gente famosa do mundo das artes e do cinema. Consoante as suas posses, estes vão instalar-se em hotéis como o Aviz, o Vitória, o Tivoli, o Suíço ou o Avenida Palace. Apesar de também estarem em fuga, a sua posição social ou o seu desafogo económico facilitam-lhes a vida.

Mas a maioria dos que aqui chegam é gente comum, muitas vezes em precárias condições económicas. Para pouparem o dinheiro que lhes

63. Heinrich Mann, in documentário *Sob Céus Estranhos* de Daniel Blaufucks, Lx Filmes, 2002.



Fila para a entrega de senhas de racionamento em Lisboa. 1943.  
Fila de estrangeiros à porta da Polícia Internacional. 1939.



restava ou o que lhes fora dado pelo Hicem, instalam-se em modestos quartos alugados ou em pensões baratas de ruas secundárias.

Durante o dia, toda esta gente vai espalhar-se pela cidade. Fazem fila à porta da Polícia Internacional, dos Consulados, dos Correios ou das Organizações que os podem apoiar. Depois, quando já cumpriram as obrigações desse dia, sentam-se em bancos de jardim ou nas esplanadas dos cafés. Com outros refugiados, trocam informações, notícias e boatos sobre a guerra:

*“Falava-se das condições de entrada e de vida no Brasil e no Peru, uma vez que o paraíso da América do Norte estava praticamente fora de alcance. Entretanto, o sol iluminava as fachadas limpas das casas e o verde da Avenida da Liberdade. Um dos cafés tinha mesas com toalhas brancas, numa zona da faixa central que dividia a avenida, onde as pessoas se sentavam, à sombra de árvores altas, comendo bolas-de-berlim cobertas de calda de açúcar e acompanhadas de chá frio.”*<sup>64</sup>

Os cafés da Avenida e os do Rossio são, pela sua centralidade, os mais concorridos. No entanto, por estarem próximos da Comassis, do Hicem ou da Sinagoga de Lisboa, também o Coimbra e o Paraíso, na Rua Alexandre Herculano, são muito frequentados por esta gente sem lar.

Um dos momentos importantes da rotina diária de um refugiado era a ida aos Correios. Na Posta Restante, esperavam encontrar notícias de familiares que tinham ficado para trás ou a ambicionada carta de chamada vinda do outro lado do Atlântico:

*“A Estação Central dos Correios de Lisboa era baixa, sobre o comprido, caiada de amarelo e rodeada por uma arcada como os restantes edifícios do lugar. No interior,*



**Partida dos condes de Paris do aeródromo da Granja do Marquês, em Sintra, para Tânger. 1940.**

64. Hermann Grab, “Ruhe auf der Flucht”, in documentário *Sob Céus Estranhos*, de Daniel Blaufucks, Lx Filmes 2002.

*revelou-se moderna, perceptivelmente organizada e bem provida de guichês e funcionários. A nós interessavam-nos apenas os guichês da posta restante. Eram recuados, ficavam numa galeria lateral, empurrados para a parede como nós próprios. Mas facilmente se localizavam, tanta era a gente que os procurava. Havia-os aos montes, aqui postados em filas, refugiados, naufragados, todos eles inquirindo de cartas e telegramas. (...) Vinha-se de manhã ou à tardinha, havia quem viesse de manhã e à tardinha (...) ali estávamos em Lisboa à espera da bóia de salvação que nos havia de ser lançada do outro lado do oceano.”*<sup>65</sup>

E, durante dias, semanas ou mesmo meses, este era um caminho que quase todos percorriam até que, mais cedo ou mais tarde, essa bóia era mesmo lançada, às vezes de onde menos esperavam, e lá acabavam por partir.

No final da guerra, Lisboa esvaziou-se e aquietou-se. Aos poucos as lembranças deste tempo trepidante começaram a desvanecer-se. O peso do conservadorismo voltou a sentir-se e, aos poucos, as pequenas conquistas das lisboetas começam a voltar para trás. Sem o amparo das revistas estrangeiras e dos “modelos vivos que chegavam de comboio”, as modas estrangeiras e os costumes mais liberais tendem a desaparecer. Algum tempo depois, Lisboa voltaria à sua enfadonha normalidade...

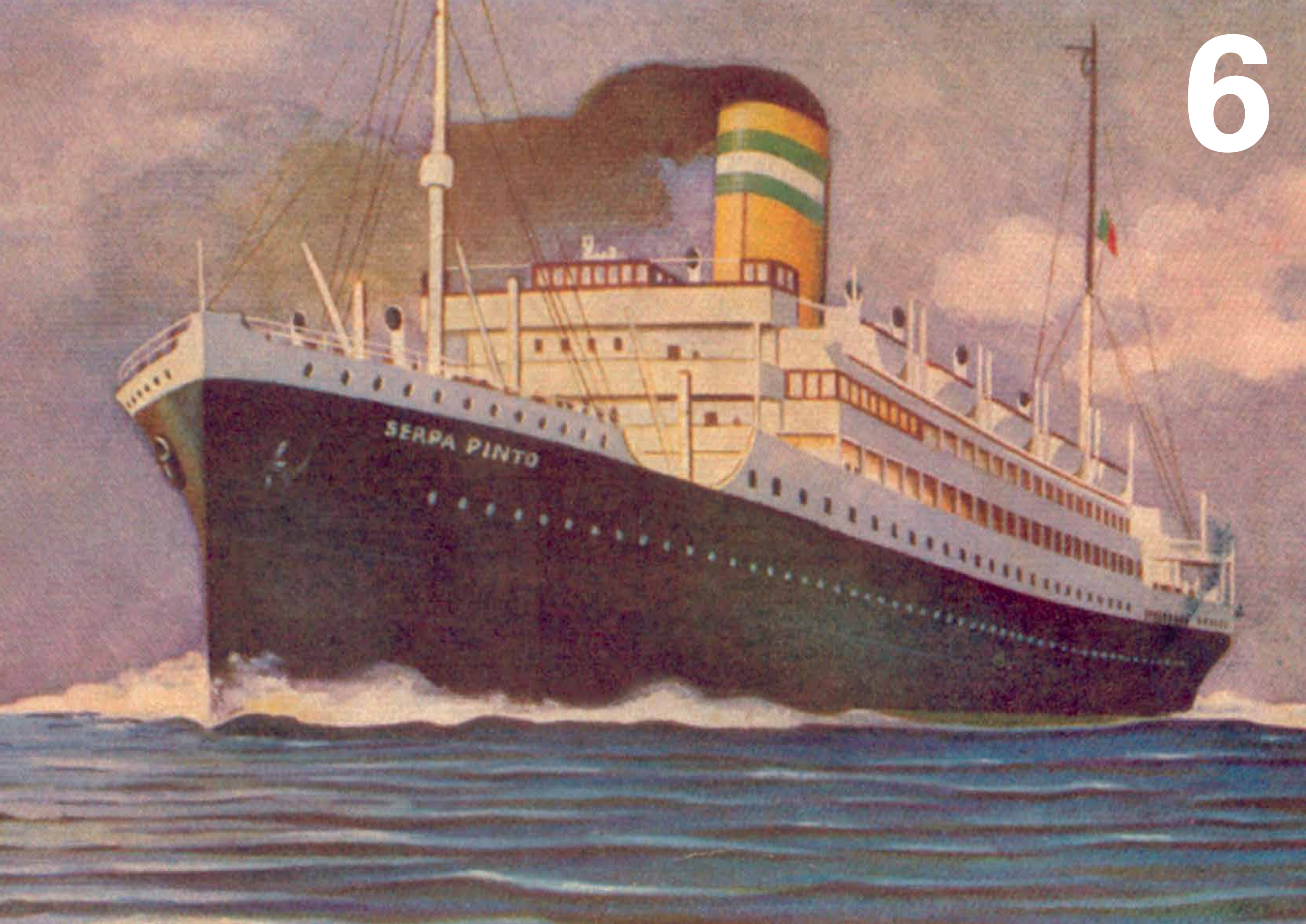


**O Clipper a amarar em Cabo Ruivo.**

65. Alfred Döblin, *ob cit.*, p. 232.



6





# A PARTIDA



Passada a fronteira portuguesa, a maior parte dos refugiados começava por sentir um grande alívio. Contudo, não poderiam ainda descansar. Se a Europa estava quase toda ocupada, quem lhes garantia que os nazis não chegassem aqui também?

Para além disso, o facto de terem apenas vistos por trinta dias, findos os quais tinham de ser de novo reavaliados pela Polícia Internacional, criava na maioria dos refugiados um sentimento de grande insegurança. Tinha-se de partir e depressa.

Nesse contexto, durante a sua estada em Portugal, estes estrangeiros em busca de uma nova Pátria procuravam desesperadamente encontrar um país que os acolhesse definitivamente. Corriam para o consulado dos Estados Unidos, mas obter um visto para a América não era para qualquer um. Em primeiro lugar, havia cotas por nacionalidades, depois a prioridade era dada a pessoas que, de alguma forma, representassem uma mais-valia para o país: cientistas, intelectuais, artistas, músicos, técnicos, etc. Por último, cada emigrante teria de ter alguém que se responsabilizasse por ele durante três anos e ter depositado num banco americano uma determinada soma de dinheiro ou, pelo menos, mostrá-la no consulado no momento da partida para comprovar que não iria ser um peso para o Estado americano. Esta situação acabou por levar a que um grupo de refugiados inventasse um estratagema para contornar a situação e ajudar os que não tinham dinheiro. Assim, é feito um depósito, com o dinheiro de todos, num banco lisboeta. Quando alguém, sem posses suficientes, precisava de um visto, levantava o dinheiro de todos e apresentava-o no consulado. Depois, as notas voltavam para o banco... É claro que, ao fim de algum tempo, o cônsul percebeu a “marosca” e começou a carimbar as notas que lhe eram mostradas. Contudo, o estratagema manter-se-á por mais algum tempo. É que, com o apoio de um funcionário do banco, quando o dinheiro era levantado havia sempre o cuidado de não levarem notas carimbadas...

Pouco tempo depois, vem uma nova ordem do consulado americano: agora, o dinheiro tinha de estar obrigatoriamente depositado num banco nos Estados Unidos!

Os que não conseguiam, assim, reunir os requisitos necessários para ingressar no pretenso país da Liberdade tinham de iniciar um penoso caminho e ir de consulado em consulado até conseguirem um visto para qualquer lado.

Foto do separador  
**O navio *Serpa Pinto*. Postal.**  
Foto da página anterior  
**Partida do *Nyassa* para o "Novo Mundo".**





À espera da partida. 1940.

Com os papelinhos mágicos que lhes abriam as portas para uma vida nova na mão, outra saga começava: arranjar uma passagem de barco para o porto de destino. Muitas vezes, essas passagens tinham de ser negociadas, por pequenas fortunas, no mercado negro, que poderia funcionar num qualquer café lisboeta.

Quando, finalmente, chegava a hora da partida, e ao contrário do que seria de esperar, poucos se conseguiam sentir eufóricos com a sua sorte. Alívio, talvez, mas euforia não. Por vezes, nem sequer alegria, já que o lastro do que ficava para trás era demasiado grande. Não era só o espectro do desconhecido que ensombrava a hora do adeus à Europa, era sobretudo a vida que deixavam e a memória de tudo o que tinham perdido.

Sobre a sua partida, Alfred Döblin escreveria:

*“O navio levantou âncora na escuridão da noite. Lentamente foi virado e rebocado Tejo abaixo. A exposição do Centenário resplandecia como num conto de fadas, à nossa passagem. A sua mágica luminosidade foi a última imagem que tivemos da Europa envolta em luto.”*<sup>1</sup>

Também de uma forma ímpar, o escritor alemão Heinrich Mann, irmão do autor de *A Montanha Mágica*, sintetizava assim o sentimento que envolvia quase todos os que partiam:

*“O olhar sobre Lisboa revelou-me o porto. Será o último porto no momento em que a Europa fica para trás. Pareceu-me de uma rara beleza. Uma amante perdida não podia ser mais formosa.”*<sup>2</sup>

Mas estavam salvos e, mal ou bem, outra vida iria começar!

1. Alfred Döblin, *Viagem ao Destino*, Porto, ASA, 1997.

2. Heinrich Mann, *Ein Zeitalter wird besichtigt*.



No Porto de Lisboa, antes da partida. 1940.



Foto da página anterior  
**Refugiado no Porto de Lisboa.  
1940.**

“Quando vi, finalmente, a majestosa cabeça coroada e o braço levantado empunhando a tocha da Liberdade, que transformou, para tantos milhões de pessoas, o desespero em esperança, percebi que nada me podia ter preparado para esta visão da deusa do porto. Senti-me infinitamente humilde e com um enorme desejo de rezar. Olhando em volta, percebi que todos choravam, rezavam e se abraçavam. (...)”

«Chegámos finalmente, querida», murmurei.  
Olhámos a América à nossa frente.  
Tínhamos atingido o fim do Arco-Íris.”

George Rony, *This, Too, Shall Pass Away*





FONTES

ARQUIVOS NACIONAIS

- Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz
- Arquivo Histórico da Câmara Municipal da Anadia
- Arquivo Histórico da Câmara Municipal da Figueira da Foz
- Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais
- Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mealhada
- Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros
- Arquivo Hotéis Alexandre de Almeida
- Arquivo Municipal de Mafra
- Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo
- Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha
- Foto César
- Fundação Aristides de Sousa Mendes
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Global Notícias Publicações
- Hemeroteca Municipal de Lisboa
- Imagoteca - Biblioteca Municipal de Coimbra
- Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes
- Refer

ARQUIVOS INTERNACIONAIS

- Archives Municipales de Bordeaux – França
- Bundesarchiv – Alemanha
- Comité National Francês de Homenagem a Aristides de Sousa Mendes – França
- Landesarchiv NRW – Alemanha
- Mémorial de la Shoah – França
- Municipal Archive of Dortmund – Alemanha
- National Archives and Records Administration, College Park, Md – EUA
- Sousa Mendes Foundation – EUA
- United States Holocaust Memorial Museum – EUA
- Yad Vashem – Israel

IMPRENSA CONSULTADA

- A Guarda
- Anglo Portuguese News
- Diário de Coimbra
- Diário de Notícias
- Em Guarda
- Guerra Ilustrada

- O Figueirense
- O Mundo Gráfico
- O Século
- O Século Ilustrado
- Signal (O Sinal)
- Vida Mundial Ilustrada

AUDIOVISUAIS

- Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.
- ITN Source / Images of War
- Museu Virtual Aristides de Sousa Mendes
- Sob Céus Estranhos – Documentário de Daniel Blaufucks, Lx Filmes, 2002
- USC Shoah Foundation (The Institute for Visual History and Education) – EUA

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Rui, *Injustiça, o Caso Sousa Mendes*, Lisboa, Caminho, 1990
- AFONSO, Rui, *Um Homem Bom, Aristides de Sousa Mendes, o “Wallenberg” Português*, Lisboa, Caminho, 1995
- Aspectos da Figueira da Foz*, Figueira da Foz, Comissão Municipal de Turismo, 1945
- BARREIROS, José António, *A Lusitânia dos Espiões*, Lisboa, Hugin Editores, 1995
- CABRAL, Eva Raimann, *Árvore com Asas, Passarinhos com Raízes*, Lisboa, Campo da Comunicação, 2012
- CABRAL, João Pedro e PEREIRA, Clara Pavão, *Cascais-Estoril, Lugar de Exílio*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1999
- CAJÃO, Luís, *Um Secreto Entardecer*, Lisboa, Escritor, 1998
- CAJÃO, Luís, *Torrente da Memória*, Lisboa, Palas Editores, 1979
- CARÉ JÚNIOR, José, *Ericeira, 50 Anos Depois, os Refugiados Estrangeiros da 2.ª Guerra Mundial*, Ericeira, Mar de Letras, 1998
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, *Cidadão do Mundo*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2010
- CARVALHO, Jorge P. Santos, “Um Diplomata (e Escritor) Jugoslavo no Estoril da Última Guerra”, revista *História*, n.º 105, Fevereiro de 1988
- CARVALHO, Jorge P. Santos, “Lisboa e Estoril no tempo da II Guerra”, revista *História*, n.º 105, Fevereiro de 1988
- CHANTAL, Suzanne, *Deus não Dorme*, Lisboa, António Maria Pereira, 1944
- DÖBLIN, Alfred, *Viagem ao Destino*, Porto, Edições ASA, 1997
- FRY, Varian, *Livrer sur Demande*, Marseille, Agone, 2008
- Fugindo de Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945*, Catálogo da Exposição, Goethe Institut Lissabon/Lisboa Capital da Cultura, 1994
- GUERREIRO, Carlos, *Aterrem em Portugal! Aviadores e Aviões Beligerantes em Portugal na II Guerra Mundial*, Colares, Pedra da Lua, 2008
- GUGGENHEIM, Peggy, *Out of This Century*, New York, The Dial Press, 1946
- KOESTLER, Arthur, *Arrival and Departure*, London, Jonathan Cape, 1943
- Lisboa 1933-1945, Ponto de Refúgio na Orla da Europa*, Catálogo de Exposição, Goethe Institut Lissabon, 1997
- LOCHERY, Neil, *Lisboa, A Guerra nas Sombras da Cidade da Luz, 1939-1945*, Lisboa, Editorial Presença, 2012
- MARTINS, Maria João, “Lisboa, 1940-45, o Quotidiano da Neutralidade”, *Vértice*, n.º 69, Novembro–Dezembro de 1995



MATOS, Helena, *Costa do Estoril: Um Século de Turismo*, Estoril, Junta de Turismo da Costa do Estoril, 2000

MUCZNIK, Esther (dir. e coord.), *Estrelas da Memória*, Lisboa, Edição Reborn, 2005

MUCZNIK, Esther, *Portugueses no Holocausto*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2012

MÜHLEN, Patrik von zur, “Portugal: Itinerário de Fuga”, *Vértice*, n.º 69, Novembro-Dezembro de 1995

PACHECO, Cristina, “Cascais e o Estoril na Segunda Guerra Mundial”, *Tempo de Guerra, Portugal, Cascais, Estoril e os Refugiados na Segunda Guerra Mundial*, Catálogo da Exposição, Câmara Municipal de Cascais, 2004

PIMENTEL, Irene Flunser, *Judeus em Portugal Durante a II Guerra Mundial*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2008

PIMENTEL, Irene Flunser, “Refugiados entre Portugueses (1933-1945)”, *Vértice*, n.º 69, Novembro-Dezembro de 1995

RAMALHO, Margarida de Magalhães, *Lisboa, Uma Cidade em Tempo de Guerra*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012

RONY, George, *This, Too, Shall Pass Away*, New York, Creative Age Press, Inc. 1945

ROSAS, Fernando, *História de Portugal* (dir. de José Mattoso), vol. VII, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994

ROSAS, Fernando e BRITO, J.M. Brandão de, *Dicionário de História do Estado Novo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de, *Lettre à un Otage*, in *Œuvres*, Paris, Gallimard, 1959

SOURE, Dulce e XIMENES, Marina, *Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha*, Catálogo da Exposição-Colóquio, Património Histórico, Grupo de Estudos da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1998

TAVARES, Mário, *Caldas da Rainha no Tempo da II Guerra Mundial*, Cadernos de História Local, n.º 7, PH-Património Histórico, 2009

TEIXEIRA, Christina Heine, “Lisboa, Símbolo de Esperança e de Liberdade”, revista *Arquipélago*, 2.ª série, vol. V, 2001

TELO, António José, *Portugal na II Guerra Mundial (1941-1945)*, Lisboa, Vega, 1991

TELO, António José, “A II Guerra Mundial, Porta de Entrada no Mundo Actual”, revista *História* n.º 8, Maio de 1995

TELO, António José, “A Neutralidade Portuguesa na Segunda Guerra Mundial”, in *Tempo de Guerra, Portugal, Cascais, Estoril e os Refugiados na Segunda Guerra Mundial*, Catálogo da Exposição, Câmara Municipal de Cascais, 2004

TEPPICH, Fritz, *Um Refugiado na Ericeira*, Ericeira, Mar de Letras, 1999

VIANA, Clara, “Lisboa, Cais para Sempre”, *Público Magazine*, 26 de Março de 1995

*Vidas Pouçadas: A Acção de Três Diplomatas Portugueses Durante a II Guerra Mundial*, Catálogo da Exposição Documental, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO\*

<i>ABRAHAM, Eléonore: 117</i>	<i>BRAUN, Lily: 117</i>
<i>ABRAHAM, Germaine: 117</i>	BRECHT, Bertolt: 24
<i>ABRAHAM, Irma: 117</i>	BRUMME: 177
<i>ABRAHAM, Oscar: 117</i>	<i>BRYKS, Fanny: 117</i>
ACHLEICHER, Kurt von: 31	<i>BRYKS, Hermann: 117</i>
ALFREDO: 160	<i>BRYKS, Salomon: 117</i>
ALVES, família: 140	<i>BRYKS, Selma: 117</i>
ALVES, irmãos: 139-40	BUCHSTAB, Anny [COURY, Anny Buchstab]: 139-140
ALVES, José dos Santos: 139	BUCHSTAB, Nathan: 137
ALVES, Manuela: 140	BUCK: 98-9
ALVES, Mário dos Santos: 139	BUCK, Pearl: 27
ANDRADE, Elvira: 103	<i>BÜCK, Siegmund: 117</i>
ANDRADE, Manuel: 100, 103, 115	<i>BUTTERFASS, Israel: 117</i>
ANDRADE, Ofélia: 161	
ARAGÃO, Francisco Xavier da Cunha: 94	CABRAL, Eva Raimann [RAIMANN, Eva]: 19
<i>ARTMANN, Joseph: 117</i>	<i>CAHN, Siegfried: 117</i>
<i>ARTMANN, Osias: 117</i>	CAJÃO, Luís: 135-9, 147
<i>ARTMANN, Sra.: 117</i>	CALVO SOTELO, José: 35
	CAMPOS, Ana das Dores Bonito de: 161
<i>BAUM, Hannelore: 117</i>	CAMPOS, Ângelo Moreira de: 160-1
<i>BAUM, Klara: 117</i>	CAMPOS, Manuel Moreira de: 161
<i>BAUM, Ludwig: 117</i>	CAMPOS, Maria da Glória de: 161
BECHRELATA, Jos.: 99	CAPELA, capitão: 124
BECKMANN, Max: 39	CARÉ JÚNIOR, José: 174, 178
BERNALDEZ, André, P.º: 9	CARLOS, D., rei: 87
<i>BERNSTEIN, Charles: 117</i>	CARMONA, Óscar Fragoso: 167
BETTER, Max: 177	CAROL II, rei da Roménia: 127, 163-4, 167
<i>BINKOWITZ, Chaim: 117</i>	CARVALHÃO, professor: 178
<i>BINKOWITZ, Sura: 117</i>	CARVALHO, Jorge P. Santos: 170, 172, 181
BLAUFUKS, Daniel: 184, 186	CERF, Paul: 97, 103, 114
BLAUWOL, Asher: 122-4	CHAMBERLAIN, Neville: 42, 46, 54
BLAUWOL, casal: 123	CHANTAL, Suzanne: 88, 179
BLAUWOL, Norbert: 123-4	CHURCHILL, Winston: 38, 42, 54-5, 166
BLAUWOL, os: 123-4	CLÉPS, Odile W.: 140
BLAUWOL, Vera: 122, 124	CONSTANT, Jacques: 92
BLOCH, Jacques Benjamin: 131-2	CORTESÃO, Jaime: 94
<i>BLOCH, Walter: 117</i>	CORTESÃO, Maria Judith: 94
BODSON, Victor: 100	COSTA, Maria do Carmo Santos da: 139
BONN, Alex: 97	COURY, Anny Buchstab: [BUCHSTAB, Anny]: 14, 71, 88, 137, 140
BORGES, Vieira: 184	COURY, Glenn: 141
BOSE, Herbert von: 31	CUKOR, G.: 51
BRANDT, Willy: 36	CUMANO, Paulo: 124
BRAUN, Dr.: 102	

\*Os nomes em itálico correspondem aos judeus luxemburgueses impedidos de entrar em Portugal em Novembro de 1940.



DALE, Florenz: 167  
DANZYGER, Chana: 117  
DANZYGER, Henri: 117  
DANZYGER, Hil: 117  
DANZYGER, Schmul: 115  
DAVID: 109  
DAVIDOFF, Yvette: 88  
DETGEN, Hanna: 117  
DIAS, Manuel: 10  
DISNEY, Walt: 39  
DÖBLIN, Alfred: 14, 27, 181-2, 187, 192  
DOBRYNINE, George [*Papá Urso*]: 151-2  
DOLLFUSS, Engelbert: 30-1  
DOS PASSOS, John: 27  
DRESNER, Esther Halpern [HALPERN, Esther]: 79, 139  
DRESNER, Joe: 14, 67, 69  
  
*EDELMANN, Abraham:117*  
*EDELMANN, Auguste: 117*  
*EDELMANN, Jeanne: 117*  
*EDELMANN, Salomon: 104, 117*  
*EDELMANN, Toni: 117*  
EDUARDO VIII, rei de Inglaterra: 38, 165  
*EICHEN, Joseph: 117*  
EICHMANN, Adolf: 52, 102-3  
EINSTEIN, Albert: 27  
*EISEMANN, Berthe: 117*  
*EISEMANN, Jules: 117*  
*ELLENZWEIG, Jacqueline: 117*  
*ELLENZWEIG, Max: 117*  
*EPPSTEIN, Alfred: 117*  
*EPPSTEIN, Elisabeth: 117*  
EPSTEIN, Dr.: 101-2  
ERNST, Max: 167, 172  
ESAGUY, Augusto d’ : 184  
ESTALINE, José: 27, 32

FARIA, Arménio: 137  
FARIA, Maria da Cruz: 150  
FERREIRA, Pedro Augusto [MIRAGAIA, abade de]: 87  
FERRER DE VALERO, Vicenta e filha: 153  
FERRO, António: 87  
*FIEDLER, Fajtel: 117*  
*FIEGIELKI, Mendel: 117*  
*FIEGIELKI, Rosa: 117*

*FIEGIELKI, Zelman: 117*  
FIGUEIREDO, Fausto de: 163  
FITTELBERG, Grzegorz: 147  
FLAKOWICZ, Stephanie: 148  
FLEMING, Ian: 164-5  
FLEMING, V.: 51  
FONSECA, irmãos: 138  
FOSUZ, Maurice: 151  
*FRAENKEL, Fritz: 117*  
*FRAENKEL, Magdalena: 117*  
FRAGOSO, Fernando: 91  
FRANCE, Anatole: 27  
FRANCO, Francisco, general: 36, 57, 163  
FRANKL, Viktor: 63  
FREUD, Sigmund: 27  
FRIEDMANN, Deborah: 130, 132-3  
FRIEDMANN, família: 132  
FRIEDMANN, Jane: 131  
FRIEDMANN, Joseph: 130, 132  
FRIEDMANN, Marcel: 133  
FRÖHLICH, família: 113  
FRÖHLICH, Joseph: 113  
*FRÖHLICH, Pauline: 117*  
FRY, Varian: 167  
*FRYC, Hersch: 117*  
*FRYC, Ryfka: 117*

GABLE, Clark: 52  
GABOR, Eva: 148  
GABOR, Zaza: 148  
GALINHA, Sousa, irmãs: 150  
GALLER, família de Renée: 101, 116  
*GALLER, Henry: 10, 115, 117, 151*  
*GALLER, Ida: 117*  
*GALLER, Joseph: 98, 113, 117*  
*GALLER, Lea [WOLF, Lea]: 117*  
GALLER, Madame: 101  
*GALLER, Michèle: 117, 151*  
*GALLER, Rachel [WOLF, Rachel Galler; WOLF, Rachel]: 117*  
*GALLER, Renée [GALLER, Renée Lilienbaum; GALLER, Madame]: 100-1, 104-5, 114-5, 117*  
*GALLER, Siegmund: 117*  
GAMA, Vasco da: 184  
GANZ, Josef: 35  
GAVEAU, Colette: 137, 147  
GELBART, irmãs : 113

*GELBER, Charlotte: 117*  
*GELBER, Deborah: 117*  
*GELBER, Jakob: 117*  
*GELBER, Rosa: 117*  
*GELBER, Stella: 117*  
GELDZAHLER, Joshua, rabino: 136  
GLORY, Mary: 91-2  
GÖERING, Hermann: 24, 43, 46  
*GOLDBERG, Cyrille: 117*  
*GOLDBERG, Esther: 117*  
*GOLDBERG, Frana: 117*  
*GOLDBERG, Isaak: 117*  
*GOLDBERG, Maria: 117*  
*GOLDBERG, Moses: 117*  
GOLDBERG, Mrs.: 133  
*GOLDBERG, Rachla: 117*  
*GOLDSTAUB, Hans: 117*  
*GOLDSTEIN, Esther: 117*  
*GOLDSTEIN, Jakob: 117*  
*GOLDSTEIN, Slama: 117*  
*GOLUBSCYK, Helena: 117*  
*GOLUBSCYK, Samuel: 117*  
*GORGE, Benoît: 117*  
*GORGE, Charles: 117*  
*GORGE, Elisabeth: 117*  
*GORGE, Norbert: 117*  
*GORGE, Salvator: 117*  
GORKY, Máximo: 27  
*GOTTSCHALK, Eran: 117*  
*GOTTSCHALK, Moritz: 117*  
*GOTTSCHALK, Ruth: 117*  
GRAB, Hermann: 186  
GRAF, Joseph: 153  
GREEN, Graham: 165  
GREGOR, Nora [STARHEMBERG, princesa]: 91  
*GREIF, Hersch: 104, 111, 114-5, 117*  
*GREIF, Perl: 104, 111, 117*  
*GRYC, Abraham: 117*  
*GRYC, Esther: 117*  
*GRYC, Hinda: 117*  
*GRYC, Idel: 117*  
*GRYC, Mordka: 117*  
GUERREIRO, Carlos: 153-4  
GUERREIRO, Emídio: 36  
GUGGENHEIM, Deirdre: 167

GUGGENHEIM, Marguerite [GUGGENHEIM, Peggy]: 167  
GUGGENHEIM, Peggy [GUGGENHEIM, Marguerite]: 167-8, 172-3  
GUGGENHEIM, Sindbad: 167

HABSBURGO, Zita de, imperatriz: 90, 143, 164  
HACHA, Emil: 46  
HAHN, Denise: 133  
HALPERN, Esther [DRESNER, Esther Halpern]: 14, 138  
HALPERN, Esther, irmã de: 138  
HALPERN, família de Esther: 78  
*HAMMER, Bertha: 118*  
*HAMMER, Hans: 118*  
*HARCSTARK, Hélène: 118*  
*HARCSTARK, Henri: 118*  
*HARCSTARK, Joseph: 118*  
HARRIS, Betty: 68  
*HARTMANN, Ernest: 118*  
HAUPTMANN-HOININGEN-HUENE, barão: 97  
HAYUM: 106  
*HAYUM, Charles: 113, 118*  
HAYUM, família de Charles: 113  
*HAYUM, Rodolphe: 118*  
*HAYUM, Ruth: 118*  
HEMINGWAY, Ernest: 36  
HIKEMALELIN: 147  
*HILLER, Doris: 118*  
*HILLER, Gerda: 118*  
*HILLER, Hermann: 118*  
HIMMLER, Heinrich: 26, 31, 54  
HINDENBURG, Paul von: 13, 23-4, 30-1  
*HIRSCHMANN, Abraham: 118*  
*HIRSCHMANN, Bernard: 118*  
*HIRSCHMANN, Henriette: 118*  
*HIRSCHMANN, Rosa: 118*  
HITLER, Adolf: 13, 19, 23-4, 26, 30-2, 35, 40, 42, 46, 50-1, 56-7, 69, 139, 166, 181  
HOFMANN: 154  
HOININGEN-HUENE, barão [HAUPTMANN-HOININGEN-HUENE, barão]: 98, 102-3  
*HÖNIGSBERG, Moritz: 118*  
HORN: 144  
HOWARD, Leslie: 52, 164, 170, 173



HOWELL, Don: 154  
HUXLEY, Aldous: 27  
HYMANS, Ruth: 130, 132  
HYMANS, Suzanne: 130, 132

*INGWER, Brandla: 118*  
*INGWER, Charles: 118*  
*ISENBERG, Josef: 118*  
*ISENBERG, Lotte: 118*

JACOB, Berthold: 178  
*JAKOB, Marthe: 118*  
*JAKOB, Moritz: 118*  
JENLIS, J.J.: 140  
JOÃO II, D., rei: 9  
Jorge VI, rei de Inglaterra: 38  
*JOSEPH, Arnold: 118*  
*JOSEPH, Klothilde: 118*  
*JOSEPH, Marcel: 118*  
*JOSEPH, Max: 118*  
*JOSEPH, Walter: 118*  
JOTTARD, Marc: 130  
JUAN, D., príncipe de Espanha: 163

*KAHN, Bertha: 118*  
*KAHN, Fritz: 118*  
*KAHN, Jacques: 118*  
*KAHN, Julien: 113, 118*  
*KAHN, Léonie: 118*  
*KAHN, Mathilde: 118*  
*KAHN, Siegmund: 118*  
KAHN, Walter: 178-9  
KANDINSKY, Wassily: 39  
*KAUFMANN, Joseph: 118*  
KAUNER, superintendente: 102  
*KIRCHHEIMER, Arthur: 118*  
*KIRCHHEIMER, Ilona: 118*  
KISTERÓWNA, Irene: 147  
*KLAGMANN, Abraham: 118*  
*KLAGMANN, Chemja: 118*  
KLEE, Paul: 39  
*KLEIN, Arthur [Otto]: 104-5, 107, 118*  
*KLEIN, Cilly: 118*  
*KLEIN, Ilse: 118*  
KLEPKES [BLOCH, Jacques Benjamin]: 131  
KLEPKES, família: 131-2

*KOCH, Félix: 118*  
*KOCH, Friedrich: 118*  
*KOCH, Gerda: 118*  
KOESTLER, Arthur: 14, 181  
*KOHN, Siegmund: 118*  
KOITC: 171  
*KOPPEL, Irène: 118*  
*KORN, Elias: 118*  
*KORN, Fela: 118*  
*KORN, Isi: 118*  
*KORN, Rosa: 118*  
*KORNREICH, Elka: 118*  
*KORNREICH, Jacques: 118*  
*KORNREICH, Paula: 118*  
*KRAUS, Cécile: 118*  
*KRAUS, Hans: 118*  
*KRAUS, Robert: 118*  
*KROJULEK, Abraham: 118*  
*KROJULEK, Jakob: 118*  
*KROJULEK, Joseph: 118*  
*KROJULEK, Liba: 118*  
KRUGER, Chaim, rabino: 71-3  
*KULLASKO, Willy: 118*

*LACHSMANN, Kelman: 118*  
*LACHSMANN, Lore: 118*  
*LACHSMANN, Marcel: 118*  
*LACHSMANN, Rolf: 118*  
LAGERLÖF, Selma: 27  
LANG, Fritz: 24, 26  
LAURA: 138  
LEAL, Augusto Pinho: 87  
LEAL, Ernesto: 124  
LEIGH, Vivian: 52  
LENINE: 27  
LEOPOLDO, rei: 68  
LETHBRIDGE, Ferguson, barão: 153  
*LEVY, Erich: 118*  
*LEVY, Ernest: 118*  
*LEVY, Hanna: 118*  
*LEVY, Hedwig: 118*  
*LEVY, Siegfried: 118*  
*LEWANDOWSKI, Elisabeth: 118*  
*LEWANDOWSKI, Erich: 118*  
LEWANDOWSKI, família: 113  
*LEWANDOWSKI, Rutj: 113, 118*  
LIBERMANN, os: 149

LIBERMANN, Renée: 149-50  
*LICHTENSTEIN, Ferdinand: 118*  
*LICHTENSTEIN, Hertha: 118*  
LIDZKI, Michel: 39  
LINA: 138  
*LION, Efriede: 118*  
*LION, Max: 118*  
*LION, Olga: 118*  
*LIPKA, Adolph: 118*  
*LIPKA, Daniel: 118*  
*LIPKA, Genna: 118*  
*LIPKA, Ida: 118*  
LIPSKI: 147  
*LOEWY: 118*  
*LOEWY, Annemarie: 118*  
LOPES, Júlio: 151  
LORIE, Augusta: 130  
LORIE, Georgette: 130, 132  
LORIE, Hirsh: 130  
LORIE, Pauline: 130  
LÖSCH, Karl: 177  
LUBBE, Marinus van der: 24, 26  
LUCIENNE: 70  
LUPESCU, Elena Magda: 127, 167  
LUXEMBURGO, Joséphine-Charlotte do: 164

MACHADO, Faria: 77-8  
MAETERLINCK, Maurice: 164  
MAGALHÃES, Isabel: 104  
MALCUZYNSKI, Witold: 137, 147  
MALRAUX, André: 36  
*MÄNGEN, Frieda: 118*  
MANN, Erika: 14  
MANN, Heinrich: 14, 24, 184, 192  
MANN, Thomas: 27  
*MARBURG, Alice: 118*  
*MARBURG, Emile: 118*  
*MARBURG, Hermine: 118*  
*MARGULIUS, Bertha: 118*  
MARGULIUS, família: 113  
*MARGULIUS, Hermann: 118*  
MARIA ANTÓNIA: 124  
MARKS, Stephanie Flakowicz: 148  
MARQUES, Luísa Pacheco: 9-10  
MARTHA, Carlos: 144  
MARX, André: 109

*MARX, Erna: 118*  
MARX, família de Jacques: 126  
MARX, Jacques: 126  
*MARX, Johanna: 118*  
MARX, Karl: 27  
*MARX, Ludwig: 118*  
*MARX, Walter: 118*  
MASSÉT, Solkin: 144  
MATOS, Helena: 163  
MATTIS, Olivia: 10  
*MAYER, Ernest: 118*  
*MAYER, Klaudius: 118*  
*MEISELES, Max: 118*  
*MEISELES, Thérèse: 118*  
MENDES, Aristides de Sousa: 9-10, 14, 56, 71-4, 76-9, 89-90, 93-4, 103, 125, 131, 144, 147  
MENEZES, Francisco de Calheiros e: 78  
MESQUITA: 138  
MEYER, Jonas: 111  
*MINGELGRUN, Else: 118*  
MIRAGAIA, abade de [FERREIRA, Pedro Augusto]: 87  
*MOGELNICKI, Cécile: 118*  
*MOGELNICKI, Else: 118*  
*MOGELNICKI, Rosa: 118*  
*MOGELNICKI, Sara: 118*  
MONCADA, António Pedro Cabral: 103  
MONTEIRO, família: 124  
MONTEIRO, Margarida (filha): 122  
MONTEIRO, Margarida (mãe): 122, 124  
MONTEIRO, Norberto (filho): 122  
MONTEIRO, Norberto (pai): 122-4  
MONTEIRO, Ricardo: 122  
MORAIS, Berta de (filha): 179  
MORAIS, Berta de (mãe): 178-9  
MORAIS, Graça de: 180  
MUSSOLINI, Benito: 35, 39, 51

*NACHMANN, Wilhelmine: 119*  
NICOLE: 178  
*NOAH, Dieter: 119*  
NUNES, Mário de Carvalho: 167  
NUSSBAUM, Albert: 99-100, 102, 114  
*NUSSBAUM, Hélène: 119*  
*NUSSBAUM, René: 119*

OPHÜLS, Max: 164



ORLEÃES, Amélia de, princesa: 87  
ORWELL, George: 36  
OSSIETZKY, Carl von: 34, 36  
OSTER, Edouard: 110  
OWENS, Jesse: 36  
  
PAETEL, Karl O.: 181  
*PAJECKI, Chile: 119*  
*PAJECKI, Fraudia: 119*  
*PAJECKI, Mayer: 119*  
*PALMYRE, Mayer: 119*  
PAPEN, Franz von: 24, 30-1  
*PAPERNIK, Otto: 119*  
PARIS, condes de: 164, 186  
PATRÃO, Jorge: 10  
PEREIRA, Pedro Teotónio: 74, 78  
PÉTAİN, Philippe: 57  
PHILIPPE, Charles: 74  
PICASSO, Pablo: 39  
*PICK, Chana: 119*  
*PICK, Ernest: 119*  
*PICK, Liselotte: 119*  
PIO XI, papa: 39  
*POLLAK, Ernst: 119*  
*POLLER, Hanna: 119*  
*POLLER, Johanna: 119*  
*POLLER, Oskar: 119*  
*POLLK, Perla: 119*  
POMBAL, marquês de: 170  
POPOV, Dusko: 165  
POPP, John: 177  
POPPE, Álvaro: 94  
POPPE, Ernesto: 94  
PORSCHE, Ferdinand: 35  
  
RAIMANN, Egon: 19, 40  
RAIMANN, Eva [CABRAL, Eva Raimann]: 19  
RAIMANN, Margaretha [Grete]: 39  
RAMALHO, Margarida de Magalhães: 9-10  
RAS: 147  
REICHER, Zofia Helen: 147  
REIS CATÓLICOS (de Leão e Castela): 9  
*REISMANN, Hans: 119*  
REMARQUE, Erich Maria: 27  
REYNAUD, Paul, primeiro-ministro francês: 56

REYNOLDS, Primrose: 130  
REYNOLDS, Victor Hunter: 127, 130, 167  
RIEFENSTAHL, Leni: 26  
RODRIGUES, Adriano Vasco: 9-10, 95  
RODRIGUES, Jacinto: 151  
RÖHM, Ernst: 30-1  
ROISENS, os: 132  
RONY, casal: 157, 160  
RONY, George [Georges]: 14, 24, 27, 69-70, 89-90, 155, 157-61, 195  
RONY, Natasha: 69-70, 89, 159  
RONY, os: 155, 157, 160  
RONY, Peter [RONY, Pierre Roland]: 89, 155, 157  
RONY, Rosalie: 157  
ROSENTHAL, Leon: 153  
  
SÁ, João Alves de: 87  
SAINT-EXUPÉRY, Antoine de: 14, 164, 166-7, 182  
SALAZAR, Antonio de Oliveira: 71, 150, 167, 174, 177  
*SALOMON, Aaron: 119*  
*SALOMON, Alex: 119*  
*SALOMON, Hilde: 119*  
*SALOMON, Ida: 119*  
*SALOMON, Isidor: 119*  
*SALOMON, Léo: 119*  
*SALOMON, Manfred: 119*  
*SALOMON, Mathilde: 119*  
SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Claudio: 163  
SANDZER, Wladislaw: 151  
SANJURJO, José, general: 163  
SCHLENSINGER, Margaretha [Grete]: 19  
*SCHNITZER, Abraham: 119*  
*SCHÖNEBAUM, Alfred: 119*  
SCHUSCHNIGG, Kurt von: 40  
SCMEYK: 174  
*SCTAJNBERG, Icek: 119*  
*SCTAJNBERG, Maria: 119*  
SÉLASSIÉ, Hailé: 35  
*SENDER, Frieda: 119*  
*SENDER, Ludwig: 119*  
SEREBRENIK, Robert, grande rabino: 97-103, 112-4  
SHAKESPEARE, William: 171-2  
SILVA: 137, 140-1

SILVA, Anita: 141, 143  
SILVA, António Duarte: 141, 143  
SILVA, Eugénio Conceição: 122-4  
SILVA, família de Conceição: 124, 137, 140  
SILVA, Jaime Lobo e: 174  
SILVA, João Schwartz da: 103  
SILVA, Luís Costa e: 150  
SILVA, Maria Helena Conceição: 122, 124  
SILVA, Ricardo do Espírito Santo: 166  
SIMÕES, João: 178  
SIMON, Gustav: 97  
SIMPSON, Wallis: 38, 165  
*SINGER, Rosalie: 119*  
SIQUEIROS, David: 36  
*SOCHACZEWSKI, Chaim: 119*  
*SOCHACZEWSKI, Eva: 119*  
*SOCHACZEWSKI, Itta: 119*  
*SOCHACZEWSKI, Simon: 119*  
*SOMMER, Paul: 119*  
SOURE, Dulce: 150  
SPRINGER, Eric: 147  
STARHEMBERG, princesa [GREGOR, Nora]: 91  
*STARKMANN, Abraham: 119*  
*STARKMANN, Bertha: 119*  
*STARKMANN, Menachem: 119*  
*STARKMANN, Moritz: 119*  
*STARKMANN, Ojdla: 119*  
*STARKMANN, Rachla: 119*  
*STEINITZ, Wolfgang: 119*  
*STERN, Mélanie: 119*  
STERNBERG, Louis: 102  
*STOCKMANN, Lea: 119*  
*STOCKMANN, Mirla: 119*  
SURREY, Julia: 153  
*SZPRINC, Chana: 119*  
*SZPRINC, Herschlik: 119*  
  
TAVARES: 67  
TEPPICH, Fritz: 177-8  
*THUNA, Elsa: 119*  
*THUNA, Erich: 119*  
*THUNA, Erika: 104-6, 114, 119*  
*THUNA, Hirsch: 119*  
TILLINGER, Eugene: 181  
TISO, Josef: 46  
TOMÉ, Ernesto: 137

TOPUZ, Alice Dorren: 153  
TORRES, Cláudio: 104  
TSRANHANSKI, Miloch: 168, 171-2, 181  
*TÜCHLER, Gisela: 119*  
*TURKFELD, Abraham: 119*  
*TURKFELD, Frederica: 119*  
*TURKFELD, Josef: 119*  
  
UMBERTO II, rei de Itália: 163  
  
VELLEMAN, Moritz: 171  
VOLTAIRE: 27  
*VORMUS: 119*  
VOS, família: 143-4  
VOSOL: 147  
  
WACHSMANN, Ella: 119  
WACHSMANN, Frieda: 119  
WACHSMANN, Ludber: 119  
WAGMANN, Brigitta: 119  
WAGMANN, Chaim: 119  
WAGMANN, Froim: 119  
WAGMANN, Heinrich: 119  
WAGMANN, Kelman: 119  
WAGMANN, Magdalena: 119  
WAGMANN, Mordka: 119  
WAGMANN, Ninny: 119  
WAGMANN, Peiza: 119  
WAGMANN, Ruchla: 119  
WAGMANN, Sonja: 119  
WAGMANN, Sophie: 119  
WAGNER, Otto: 119  
WEHRER, Albert: 97  
WEINBERG, Chaja: 119  
WEINBERG, Chama: 119  
WEINBERG, Léo: 119  
WEINBERG, Maisy: 119  
WEINBERG, Sara: 119  
WEINTRAUB, Jakob: 119  
WEINTRAUB, Jenny: 119  
WEINTRAUB, Modka: 119  
WEINTRAUB, Salomon: 119  
WEINTRAUB, Sara: 119  
WEISS, Ewald: 119  
WEISS, Margit: 119  
WEISS, Regina: 71-2



WEISSENBERG, Dina: 119

WEISSENBERG, Georg: 119

WEISSENBERG, Sonja: 119

WEISSMULLER, Johnny: 31

WELLS, H.G.: 27

WILCZEK, Chaja: 119

WILCZEK, Majer: 119

WINDSOR, duque de: 165

WINDSOR, duques de: 164, 166

WOLF, Lea: 111

WOLF, Rachel Galler [GALLER, Rachel;

WOLF, Rachel]: 10, 100, 103, 105, 108-9,  
114-5

WOOLER, Muriel: 153

XIMENES, Marina: 150

ZEELAND, Paul van, primeiro-ministro

belga: 143-4

ZEZÉ: 178

ZOLA, Émile: 27

ZWEIG, Stefan: 27, 164

ZYLBERSTEIN, Chama: 119

## CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Pág. 8

*Todas as imagens desta página são cortesia da Sousa Mendes Foundation*

1.<sup>a</sup> Fila Vertical

ABRAMOWICZ, Maria / APTE, Joseph e Julia / ASINSKY, Esther / STEINBERG, Lucien / NEULINGER, Dora e BLIOKAS, Berthe e BLIOKAS, Leo e NEULINGER, Isabelle / BACK, Richard / EISENBRUCH, Leon / BARCINSKA, Alicja / BIRNBAUM, Anne-Marie e Gisèle / BIRNBAUM, Daniel / BLAUSCHILD, Israel Moshe, aliás Marcel DALIO

## 2.<sup>a</sup> Fila Vertical

DORMAELS, Gabrièle / BROMBERGER, Jacques, Esther e Lucien / DE BEAUVOIR, Henriette-Hélène / HABSBURG, família / DE BRUYN, Philippe + VERMEERSCH, Viviane / VLEESCHAUWER, família e pai de ROOY / de WINTER, Levie / de WINTER, Ella / ERTAG, Frimet / ERTAG, Elizabeth, Henri e Armand

### 3.<sup>a</sup> Fila Vertical

ERTAG, Samuel / ERIAG, Rachel / UNTERMANS, Henri / UNTERMANS, Berthe /  
FISCHER, Alice / FODOR, Marcell Vilmos / FRANKFORT, Jacques, Thérèse e Sophie /  
ROTHSCHILD, Maurice de / GRODETZKY, Rudolf e Julie e SCHLEISSNER, Edita, Pavel  
e Petr em Marqués de Comillas

#### 4.<sup>a</sup> Fila Vertical

HAHN, Denise / HAHN, Jean-Pierre / HAHN, Thérèse, Roger, Pierre / HEYMANS, Robert / HEYMANS, Ellen, Isidor, Henriette e Harold / DALÍ, Elena Ivanovna – Gala – e DALÍ, Salvador / LUXEMBURGO, família da grã-duquesa de / LUXEMBURGO, Charlotte de (grã-duquesa)/ KRAKOWIAK, Isac, Hinda Rosa e Yvonne em traje tradicional de minhota

### 5.<sup>a</sup> Fila Vertical

KRAKOWIAK, Isac com Alberto MALAFAIA / KRUGER, rabino Chaim Hersz / KRUGER, Cilla, Chana, Zysla e Rebecca / SILBERMAN, Isaak e Pauline / LEBEL, Robert com o artista Marcel DUCHAMP / LERNER, família em Lisboa, 1940 / LERNER, Monette, Irene, Paulette, Marcel e Hélène / LERNER, Adolphe, David e Jacques / LERNER, Jacques e Mia

### 6.<sup>a</sup> Fila Vertical

LIDZKI, Michel / LOTENBERG, Jacob / LOTENBERG, Jacqueline Carmen Sophie /  
MATUZEWITZ, Daniel Charles / MATUZEWITZ, Gabriel / MATUZEWITZ, Gitla /  
MATUZEWITZ, Joseph / MATUZEWITZ, Lucie / MOED, Léon

### 7.<sup>a</sup> Fila Vertical

MONTGOMERY, Robert / NAGELSCHMIDT, Nora / NAGELSCHMIDT, Richard /  
OESTERREICHER, Arthur / OESTERREICHER, Jacques / OESTERREICHER, Kate /  
OULMONT, Charles / REY, Margret e Hans / RONY, George



Pág. 11  
“Frame” retirado do filme *Refugiados Estrangeiros em Portugal*, de George Rony, 1940 – Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.

Pág. 15  
“Frame” retirado do filme *Refugiados Estrangeiros em Portugal*, de George Rony, 1940 – Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.

Págs. 16 e 17  
Encontro de famílias judias antes da guerra – United States Holocaust Memorial Museum

Pág. 18  
Egon e Grete Raimann, Viena, c. 1937 – Colecção particular Eva Cabral

Pág. 19  
Margaretha (Grete) Schlensinger, Viena, ant. a 1935 – Colecção particular Eva Cabral [Eva Raimann (Cabral)], Viena, 1939 – Colecção particular Eva Cabral

Págs. 20 e 21  
SA à porta de um estabelecimento judeu, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Pág. 22  
Postal, Hitler e Hindenburg, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Pág. 23  
Escritor e actor enviado para um campo de concentração por homossexualidade – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Schwules Museum

Decorador de Dusseldorf preso por homossexualidade, RW 58 Nr. 53625 Abb. 11 – Landesarchiv NRW – Abteilung Rheinland

Campo de concentração de Dachau – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de National Archives and Records Administration, College Park, Md

Pág. 24  
Marinus van der Lubbe, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Outros acusados do incêndio do Reichstag, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Panfletos anti-semitas, WL 10294 – The Wiener Library

Fritz Lang – Colecção particular

Pág. 25  
Cartaz – Colecção particular

Pág. 26  
Placa – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Hans Frankl

Pág. 27  
“Frame” retirado do filme *Book Burning* – ITN Source / Images of War

Pág. 28  
Jornal *Völkischer Beobachter*, 14.7.1934, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Pág. 30  
Engelbert Dollfuss, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Pág. 31  
Vandalismo sobre uma loja judia, Viena, Novembro de 1938 – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Dokumentationsarchiv des Oesterreichischen Widerstandes

Pormenor de cartaz – Colecção particular

Pág. 32  
Cartaz – Colecção particular

Pág. 33  
Pormenor de folheto, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Pág. 34  
Carl von Ossietzky, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular

Pág. 35  
Guerra Civil de Espanha, PT/TT / EPJS/SF/001-001/0063/0516N – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Pág. 36  
Guerra Civil de Espanha, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0081/1644P – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Pág. 37  
Cartaz – Colecção particular

Pág. 38  
Postal – Colecção particular

Pág. 39  
Pormenor de cartaz – Colecção particular

Passaporte de Margaretha Raimann – Colecção particular Eva Cabral

Passaporte de Michel Lidzki – Colecção particular família Lidzki

Pág. 40  
Passaportes de Egon Raimann – Colecção particular Eva Cabral

Pág. 41  
Pormenor de passaporte – United States Holocaust Memorial Museum

Pág. 42  
Conferência de Munique, Setembro de 1938, PT/TT/ EPJS/SF/001-001/0084/1032Q – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Pág. 43  
Chegada de Hitler à região dos Sudetas, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0084/1051Q – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Prisioneiros ciganos em Dachau, Bild 152-27-11A, fotografia: Friedrich Franz Bauer – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Bundesarchiv

Págs. 44 e 45  
Destruição da sinagoga de Dortmund – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Municipal Archive of Dortmund

Pág. 47  
Hitler no Reichstag, 1.9.1939, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0084/1038Q – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Págs. 48 e 49  
Cidadãos polacos enforcados após a invasão da Polónia – YIVO Institute for Jewish Research, New York, cortesia de United States Holocaust Memorial Museum

Pág. 50  
Ocupação de Varsóvia, Setembro de 1939, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0084/1046Q – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Pág. 51  
Pormenor de cartaz – Colecção particular

Pág. 52  
*Jornal de Notícias*, 2.9.1939 – Colecção particular Margarida Belém



*Diário de Notícias*, 2.9.1939 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 53  
*O Século*, 10.5.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*Diário de Notícias*, 11.5.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Págs. 54 e 55  
Revista *Signal*, 15.7.1940 – Colecção particular  
Pág. 56  
Revista *Signal*, 25.7.1940 – Colecção particular  
Pág. 57  
*Diário de Notícias*, 15.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 58  
Cabelos de prisioneiras de Auschwitz, 1945 – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de National Archives and Records Administration, College Park, Md  
Pág. 60  
Malas de prisioneiros de Auschwitz, 1945 – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de National Archives and Records Administration, College Park, Md  
Pág. 62  
Famíliares despedindo-se de uma criança, Lodz, Polónia, Setembro de 1942 – United States Holocaust Memorial Museum  
Págs. 64 e 65  
Gente em fuga, Bordéus, 1940 – Colecção particular Anna Katharina Stillisch  
Pág. 66  
Joe Dresner – Colecção particular  
Pág. 68  
Refugiados à espera de visto, Viena, 1938 – Memorial de la Shoah  
Pág. 69  
Refugiados à espera de visto, Viena, 1938 – Memorial de la Shoah  
Refugiados à espera de visto, Viena, 1938 – Memorial de la Shoah  
Pág. 70  
*O Século*, 25.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*O Século*, 25.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*Diário de Notícias*, 25.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 72  
Hôtel Ballande, Praça Pey-Berland, sede de Stadtkommandantur, Bordéus, 1940-44, 21 Fi 73, fotografia: Bernard Rakotomanga – Archives Municipales de Bordeaux © AM Bordeaux  
Pág. 73  
Aristides de Sousa Mendes e o rabino Kruger, 1940 – Memorial de la Shoah  
Pág. 74  
*L'exode*, água-forte, Charles Philippe, Junho de 1940, Bordéus, XL D 1, reprodução fotográfica: Bernard Rakotomanga – Archives Municipales de Bordeaux © AM Bordeaux  
Placa evocativa, Bordéus – Colecção particular Paulo Jorge Fernandes  
Pág. 75  
Telegrama do Ministério dos Negócios Estrangeiros – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Pág. 76  
Aristides de Sousa Mendes, Bélgica, 1938 – Fundação Aristides de Sousa Mendes

Pág. 77  
Consulado de Portugal em Bordéus – Colecção particular Paulo Jorge Fernandes  
Pág. 78  
Render da guarda, Bordéus, 1940-44, 21 Fi 6, fotografia: Bernard Rakotomanga – Archives Municipales de Bordeaux © AM Bordeaux  
Revista às tropas, Bordéus, 1940-44, 21 Fi 7, fotografia: Bernard Rakotomanga – Archives Municipales de Bordeaux © AM Bordeaux  
Pág. 79  
Retirada do exército alemão, Bordéus, 1944, 21 Fi 42, fotografia: Bernard Rakotomanga – Archives Municipales de Bordeaux © AM Bordeaux  
Comboio de tropas alemãs, Bordéus, 1940, XL D 13, fotografia: Bernard Rakotomanga – Archives Municipales de Bordeaux © AM Bordeaux  
Pág. 80  
*O Século*, 25.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 81  
*O Século*, 25.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*Diário de Notícias*, 25.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*O Século*, 25.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*Diário de Notícias*, 20.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*Diário de Notícias*, 22.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 82  
Passaportes de família De Bauw; Ella de Winter; Thérèse, Roger e Pierre Hahn – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Folha de visto de Maria da Conceição e Paul Miny – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Passaporte de Madame Paul Miny – Arquivo Histórico-Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros  
Passaporte da condessa Elzbieta Maria Bianka Zamoyska – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Visto – Colecção particular Anna Katharina Stillisch  
Fichas consulares de Dobra (Deborah) Wiznitzer e de Carlos Konsbruck – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Pág. 83  
Passaporte de Julie Grodetzkova – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Passaporte de Paul Miny – Arquivo Histórico-Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros  
Passaporte de família refugiada – Colecção particular Anna Katharina Stillisch  
Visto em passaporte de Aristides de Sousa Mendes – Colecção particular Anna Katharina Stillisch  
Págs. 84 e 85  
Vilar Formoso, Rua principal, 1953, Empresa Pública Jornal *O Século*, Serviço Fotográfico, Ficheiro Central, Fichas ilustradas de “Vilar Formoso”, N 003 – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Pág. 86  
Vilar Formoso, Gare, Empresa Pública Jornal *O Século*, Serviço Fotográfico, Ficheiro Central, Fichas Ilustradas de “Vilar Formoso”, N008 – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Pág. 88  
Detalhes de Azulejos da Frontaria, 1933 – Refer



Plantas Alçados e Cortes Modificação, 1934 – Refer  
Pág. 90

*Diário de Notícias*, 23.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa

*O Século*, 24.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 91

Vilar Formoso, Estação de Caminho-de-Ferro, Empresa Pública Jornal *O Século*, Serviço Fotográfico, Ficheiro Central, Fichas ilustradas de “Vilar Formoso”, N 007 – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Pág. 92

*Vida Mundial Ilustrada*, 19.3.1942 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 93

“Frames” retirados do filme *Refugiados Estrangeiros em Portugal*, de George Rony, 1940 – Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.  
Pág. 94

“Frame” retirado do filme *Refugiados Estrangeiros em Portugal*, de George Rony, 1940 – Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.  
Pág. 96

*Diário de Coimbra*, 26.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 98

Gare da Estação de Vilar Formoso – Colecção particular Henry Galler  
Pág. 101

Passaporte de Renée Galler e família – Colecção particular Henry Galler  
Pág. 102

Albert Nussbaum em Lisboa – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Milton Koch  
Pág. 104

Registo de óbito de Perl Grief – Conservatória do Registo Civil/ Predial/Comercial de Almeida  
Pág. 110

Campo de internamento de Mousserolles – Colecção particular Henry Galler  
Pág. 112

Campo de internamento de Mousserolles – Colecção particular Henry Galler  
Pág. 113

Campo de internamento de Mousserolles – Colecção particular Henry Galler  
Pág. 114

“Frames” retirados do filme *Jews along Road and in Train* – ITN Source/ Images of War  
Pág. 115

Câmara de gás em Auschwitz – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Dokumentationsarchiv des Oesterreichischen Widerstandes  
Pág. 116

Família Galler na montanha em Montélimar, 1942 – Colecção particular Henry Galler  
Págs. 120 e 121

Rua Cândido dos Reis, Figueira da Foz – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz  
Pág. 122

Grupo no Estoril, 1945, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular família Conceição Silva  
Pág. 124

Alfeite, 1948, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular família Conceição Silva  
Pág. 127

Livro de Registo do Consulado de Bordéus – Arquivo Histórico-Diplomático/Ministério dos Negócios Estrangeiros  
Pág. 130

Grupo de refugiados, Porto, 4.8.1940 – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Pág. 132

Grupo de refugiados, Porto, Julho de 1940 – Colecção particular Jane Friedmann  
Pág. 133

Deborah Friedmann e Mrs Goldberg na Rua de Santa Catarina, Porto, Julho de 1940 – Colecção particular Jane Friedmann  
Pág. 134

Rua Bernardo Lopes, Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz  
Pág. 136

Rua Cândido dos Reis, Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz  
Pág. 137

Café Nicola, Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz  
Pág. 138

Rua Cândido dos Reis, Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Irmãs Halpern, Figueira da Foz, 1940 – Colecção particular Esther Dresner  
Pág. 139

Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Anny Buchstab e amigas, Figueira da Foz, 1940 – Colecção particular Anny Coury  
Pág. 140

Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Refugiada na praia, Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz  
Pág. 141

Esplanadas da praia, Figueira da Foz, c. 1940 – Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz  
Pág. 142

Vistos de autorização de residência – Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz  
Pág. 143

Família Vos, Coimbra, c. 1940 – Arquivo *Jornal de Notícias*  
Pág. 145

Igreja de Santa Cruz, Coimbra, c. 1940, Imagoteca – Biblioteca Municipal de Coimbra

Avenida Emídio Navarro, Coimbra, c. 1940, Imagoteca – Biblioteca Municipal de Coimbra

Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, Imagoteca – Biblioteca Municipal de Coimbra  
Pág. 146

Palace Hotel da Curia, c. 1940 – Colecção particular Hotéis Alexandre de Almeida  
Pág. 147



Avenida Emídio Navarro, Luso – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mealhada  
Hotel do Buçaco – Colecção particular Hotéis Alexandre de Almeida  
Pág. 148  
Palace Hotel da Curia, c. 1940 – Colecção particular Hotéis Alexandre de Almeida  
*Diário de Notícias*, 26.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
*Diário de Notícias*, 28.6.1940 – Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Pág. 149  
Postal, Praça da República, Caldas da Rainha – Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha  
Pág. 150  
Postal, Hotel Rosa, Caldas da Rainha – Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha  
Pág. 151  
Henry e Michèle Galler, Caldas da Rainha, Novembro de 1943 – Colecção particular Henry Galler  
Pág. 152  
Imagem retirada do livro *Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha* – Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha  
Pág. 153  
Tripulações aliadas, Caldas da Rainha, 1941 – Colecção particular Carlos Guerreiro  
Aviadores aliados, Caldas da Rainha, 1941 – Colecção particular Carlos Guerreiro  
Pág. 155  
Postal, Lousa de Cima – Colecção particular família Campos  
Pág. 156  
Registo de nascimento de Pierre Rony – Colecção particular família Rony  
Pág. 157  
Família Rony em Portugal, 1940 – Colecção particular família Rony  
Pág. 158  
George Rony – cortesia de Sousa Mendes Foundation  
Pág. 160  
Ângelo Moreira de Campos – Colecção particular família Campos  
Pág. 161  
Família Campos, Lousa de Cima, finais dos anos 30 – Colecção particular família Campos  
Pág. 162  
Refugiados no Estoril – Colecção particular Moisés Fernandes  
Pág. 164  
Arcadas do Estoril, anos 40 – Colecção particular Guilherme Cardoso  
Praia do Estoril, 1940, fotografia: Miguel Reis – Colecção particular Guilherme Cardoso  
Pág. 165  
Tamariz, anos 40 – Colecção particular Guilherme Cardoso  
Pág. 166  
Casino do Estoril, anos 30/40 – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais  
Sala de jogo no Casino do Estoril, anos 30/40 – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais  
Pág. 167  
Boletim individual de alojamento de Antoine de Saint-Exupéry – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais  
  
Pág. 169

Estoril, Agosto de 1938, fotografia: Miguel Reis – Colecção particular Guilherme Cardoso  
Págs. 170 e 171  
Prova de natção, Estoril – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais  
Hotel Atlântico, Estoril, anos 40 – Colecção particular Guilherme Cardoso  
Pág. 173  
Boletins individuais de alojamento – Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Cascais  
Pág. 174  
Pensão Moraes, Ericeira, anos 40 – Colecção particular Judite Moraes  
Pág. 175  
“Frames” retirados do filme *Portugal de Salazar*, 1943 – Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.  
Pág. 176  
“Frames” retirados do filme *Portugal de Salazar*, 1943 – Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.  
  
Praça da República, Ericeira – Arquivo Municipal de Mafra  
Pág. 177  
Rua Eduardo Burnay, Ericeira – Arquivo-Museu da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira  
Pág. 178  
Crianças refugiadas, Ericeira, 1943 – Colecção particular Tereza Caré M. Bernardes  
Café Bijou-Arcada, Ericeira, 1944 – Colecção particular Helena Simões Gil  
Pág. 179  
Livro de registo da Pensão Moraes, reprodução fotográfica: Giorgio Bordino – Colecção particular Judite Moraes  
Pág. 180  
Refugiada, Lisboa, 1940, fotografia: Roger Kahan – Colecção particular Moisés Fernandes  
Pág. 181  
Crianças judias, Lisboa, c. 1943 – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Milton Koch  
  
Pág. 182  
Refugiados em Santa Apolónia, Lisboa, c. 1943 – United States Holocaust Memorial Museum, cortesia de Milton Koch  
Exposição do Mundo Português, PT/TT/EPJS/5F/001-001/0076/2004O – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Pág. 183  
Chegada de refugiados, Lisboa, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0076/2000O – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Chegada de refugiados, Lisboa, PT/TT/ EPJS/SF/001-001/0076/2001O – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Pág. 184  
Crianças refugiadas na Colónia Balnear Infantil d’*O Século*, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0080/1172P – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Pág. 185  
Filas de racionamento, Lisboa, 7.9.1943, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0088/1636R – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Estrangeiros à porta da Polícia Internacional, Lisboa, 10.10.1939, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0071/4951N – Arquivo Nacional da Torre do Tombo  
Pág. 186



Condes de Paris, Aeródromo de Sintra, 19.10.1940, PT/TT/ EPJS/SF/001-001/0077/3109O – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Pág. 187

Hidroavião da Pan American Airways, Cabo Ruivo, 30.3.1939,

PT/TT/EPJS/SF/001-001/0064/1356N – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Págs. 188 e 189

Postal, navio *Serpa Pinto* – Colecção particular Esther Dresner

Pág. 190

Navio *Nyassa*, Lisboa – Colecção particular Anna Katharina Stillisch

Pág. 192

Refugiados no Porto de Lisboa, 1940, fotografia: Roger Kahan – Colecção particular Moisés Fernandes

Págs. 193 e 194

Refugiados no Porto de Lisboa, 1940, fotografia: Roger Kahan – Colecção particular Moisés Fernandes